

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

GISELLE QUAESNER

**OS DESAFIOS DA MATERNIDADE NO CENÁRIO DA
COMUNICAÇÃO TELEJORNALÍSTICA PARANAENSE**

DISSERTAÇÃO

**CURITIBA
2018**

GISELLE QUAESNER

**OS DESAFIOS DA MATERNIDADE NO CENÁRIO DA
COMUNICAÇÃO TELEJORNALÍSTICA PARANAENSE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Tecnologia e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho.

Orientadora: Profa. Dra. Lindamir Salete Casagrande

CURITIBA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Q1d Quaesner, Giselle

Os desafios da maternidade no cenário da comunicação
telejornalística parananense / Giselle Quaesner.-- 2018.
111 f.: il.

Disponível via World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica
Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e
Sociedade. Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho,
Curitiba. 2018

Bibliografia: f. 110-114.

1. Tecnologia - Dissertações. 2. Relações de gênero. 3.
Maternidade - Aspectos sociais. 4. Mulheres no jornalismo - Paraná.
5. Telejornalismo - Paraná. 6. Mulheres - Emprego - Aspectos
sociais. 7. Discriminação de sexo no emprego. 8. Profissões -
Desenvolvimento. 9. Trabalho e família. I. Casagrande, Lindamir
Salete, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 23 – 600



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria Geral do *Campus* Curitiba
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e
Sociedade



TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 531

A Dissertação de Mestrado intitulada **Os desafios da maternidade no cenário da comunicação telejornalística paranaense** defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) **Giselle Quaesner** no dia **18 de dezembro de 2018**, foi julgada aprovada em sua forma final para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Trabalho, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Prof^ª. Dr^ª. Angela Maria Rubel Fanini - (UTFPR - UNIANDRADE)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Vosne Martins - (UFPR)

Prof^ª. Dr^ª. Cintia de Souza Batista Tortato - (IFPR)

Prof^ª. Dr^ª. Lindamir Salete Casagrande - (UTFPR) - *Orientadora*

Curitiba, **18 de dezembro de 2018.**

Prof^ª Dr^ª Marília Abrahão Amaral
Coordenadora do PPGTE

À razão da minha existência e de todas as lutas por um futuro melhor para todos os seres humanos: meu grande amor e filha, Victoria.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa dos meus agradecimentos diários e constantes é minha filhinha, Victoria, que precisou, muitas vezes, contar com a minha parcial presença ou ausência em momentos que necessitei realizar leituras, estudos e análises que compuseram esta pesquisa.

A segunda é minha mãe, Sueli Swarofsky, que supriu a minha ausência e se dispôs a cuidar de minha filha com muito amor e dedicação enquanto estive ausente.

A terceira pessoa, para a qual devo toda a minha gratidão, é minha orientadora, Profa. Dra. Lindamir Salete Casagrande, que teve muita paciência para ensinar, auxiliar, direcionar e partilhar seu grande conhecimento e importante vivência.

Agradeço muito à Universidade Tecnológica Federal do Paraná por ter me acolhido, ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade e aos/às professores/as por terem me fornecido toda a estrutura e o conhecimento que tornou essa pesquisa possível.

Sou muito grata a todos os grupos de estudos que participei, em especial ao Núcleo de Gênero e Tecnologia – GeTec, que proporcionou importantes materiais de estudos e reflexão.

Minha eterna gratidão a todas as profissionais e maravilhosas mães que participaram desta pesquisa: Adriana Milczevsky, Alessandra Consoli, Ana Claudia Freire, Fabiana Oliveira, Francine Lopes, Ivete Azzolini, Luanne Tsuchima, Maria Eduarda Giglio, Solange Berezuk e a entrevistada que preferiu omitir sua identidade.

Agradeço também a todas as pessoas que se dispuseram a auxiliar na coleta de dados: Douglas, Evelyn, Gabriel, Rafaela e Thais.

Agradeço à banca de avaliação desta pesquisa por suas valiosas contribuições na qualificação, que contou com a Profa. Dra. Angela Fanini, Profa. Dra. Cintia Tortato e Profa. Dra. Iara Beleli, e pelas professoras que aceitaram participar da defesa, nas quais se inclui a Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins, cooperando por meio de seus conhecimentos e experiências.

Minha sincera e imensa gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram a tornar o projeto uma realidade, seja com leituras, seja com experiências, seja com conversas, seja com compreensão. Muito obrigada!

Desde o século XVIII, vemos desenhar-se uma nova imagem da mãe, cujos traços não cessarão de se acentuar durante os dois séculos seguintes. A era das provas de amor começou. O bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna. A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela.
(BADINTER, Elisabeth, 1985)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado abrange a temática dos desafios das mães atuantes no telejornalismo do Paraná, cujo objetivo central se concentra em analisar os impactos da maternidade no desenvolvimento profissional das mulheres telejornalistas paranaenses. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo a fim de compreender onde as mães estão inseridas nesse meio laboral e, também, entrevistas com as profissionais que se enquadram no perfil buscado pelo estudo. Com os dados que foram disponibilizados pelas emissoras, constatou-se que o cenário profissional escolhido ainda apresenta um desequilíbrio, favorecendo os homens, na ocupação dos cargos, principalmente, das bancadas dos telejornais. Por ser uma pesquisa de caráter qualitativo e também um estudo de caso, não se definiu um número exato de entrevistadas, ficando este a cargo da disponibilidade das potenciais participantes, contudo conseguiu-se a contribuição de dez trabalhadoras, que são mães, as quais compartilharam suas experiências e vivências que possibilitaram a realização de uma análise temática, a qual foi determinada a partir de técnicas de recortes de discursos e segmentação por conjuntos e palavras/radicais. As profissionais se inserem em grandes emissoras do Estado do Paraná: Rede Bandeirantes, Rede Massa, Rede Independência de Comunicação, Rede Paranaense de Televisão e Paraná Educativa. Os resultados desta pesquisa apontam que os impactos da maternidade são sentidos pelas telejornalistas e abrangem desde dificuldade de ascensão profissional, risco de demissão por redução de produtividade, dificuldade de conciliar o trabalho profissional com os cuidados com os/as filhos/as, até culpa pelo suposto abandono dos filhos para dedicação ao trabalho.

Palavras-chave: Maternidade. Relações de gênero. Trabalho. Telejornalismo paranaense.

ABSTRACT

This master's dissertation covers the thematic of the challenges of the mothers acting in the telejornalismo of Paraná, whose central objective is focused on analyzing the impacts of the maternity in the professional development of the women newsjournalists of Paraná. In order to do so, field surveys were carried out to understand where mothers are inserted in this work environment, as well as interviews with professionals who fit the profile sought by the study. With the data that were made available by the broadcasters, it was verified that the chosen professional scene still presents an imbalance, favoring the men, in the occupation of the positions, mainly, of the benches of the news programs. As a qualitative research and also a case study, an exact number of interviewees were not defined, being this one in charge of the availability of the potential participants, nevertheless the contribution of ten workers, who are mothers, was obtained, which they shared their experiences and experiences that enabled the accomplishment of a thematic analysis, which was determined from techniques of discourse cuttings and segmentation by sets and words/radicals. The professionals are part of the broadcasters of the State of Paraná: Rede Bandeirantes, Rede Massa, Rede Independência de Comunicação, Rede Paranaense de Televisão and Paraná Educativa. The results of this research indicate that the impacts of motherhood are felt by journalists and range from difficulties of professional advancement, risk of resignation due to reduced productivity, difficulty in reconciling professional work with childcare, even guilt supposed abandonment of the children for dedication to work.

Keywords: Maternity. Gender relations. Work. News reporting in Paraná.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTOS	15
2.1. TRABALHO	15
2.2. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	16
2.3. CUIDADOS	22
2.4. GÊNERO.....	29
2.5. MULHERES	34
2.6. MATERNIDADE	39
2.6.1. MATERNIDADE NO MERCADO DE TRABALHO	44
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	48
3.1. QUADRO GERAL	50
3.2. BASTIDORES DAS ENTREVISTAS	53
4. DADOS DE PESQUISA.....	54
4.1. REDES TELEVISIVAS	54
4.2. CRUZAMENTO DOS DADOS.....	56
4.3. AS MÃES TELEJORNALISTAS	58
4.5. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	59
4.5.1. REALIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL X CULPA.....	66
4.5.2. SORTE E PRIVILÉGIO X PRODUTIVIDADE	71
4.5.3. TRABALHO FULL TIME X COMPETÊNCIA	79
4.5.4. ELE É PRESENTE, MAS...: O PAI APOIO/SUORTE	88
4.5.5. SE NÃO FOSSE A MINHA MÃE...: A REDE DE APOIO	97
4.5.6. É NECESSÁRIO ESCOLHER ENTRE OS/AS FILHOS/AS E O TRABALHO?	100
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICES	117
APÊNDICE 1	117

1. INTRODUÇÃO

Com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso sob o título *A inserção da mulher no mercado da comunicação telejornalística paranaense*, que desenvolvi juntamente com Kalyane Marie Micaloski Kowalski, sob orientação da profa. Dra. Angela Maria Rubel Fanini, resultando na graduação das duas autoras no curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no ano de 2015, evidenciou-se que a questão da maternidade merecia um estudo mais aprofundado.

Naquele estudo, a partir da análise dos discursos de cinco mulheres telejornalistas inseridas nas maiores redes televisivas do Paraná: Rede Bandeirantes (BAND), Rede Massa, Rede independência de Comunicação (RIC) e Rede Paranaense de Comunicação (RPC), percebeu-se uma convergência sobre a ideia de que a maternidade torna as profissionais suscetíveis a serem alvo de preconceito e discriminação no meio corporativo. Sendo assim, viu-se uma oportunidade de aprofundar o estudo de gênero no meio telejornalístico, com foco na temática da maternidade.

Uma análise mais detalhada sobre os dados coletados no TCC foi realizada em um artigo submetido para publicação na revista *Àrtemis*, intitulado: *A presença das mulheres nas bancadas dos telejornais paranaenses*, com autoria de Giselle Quaesner, Kalyane Marie Micaloski Kowalski, Angela Maria Rubel Fanini e Lindamir Salete Casagrande, o qual apresenta em um dos subcapítulos, a percepção das profissionais entrevistadas sobre a maternidade e seus impactos na carreira das mulheres inseridas nesse meio laboral.

Desse modo, me despertou o interesse em realizar este estudo que objetiva analisar os impactos da maternidade no desenvolvimento profissional das mulheres telejornalistas paranaenses. A pesquisa se sucedeu com dez mulheres que se tornaram mães durante suas carreiras, ou que já eram mães antes de ingressarem no meio corporativo, independente da fase materna ou profissional na qual se encontram, pois, a diversidade de experiências e vivências proporcionam uma compreensão mais ampla sobre o objeto de estudo.

A presença das mulheres torna-se cada vez mais incisiva no mercado de trabalho e, mais especificamente, na realidade do telejornalismo no Paraná¹, mas

¹ Dados retirados das entrevistas realizadas no Trabalho de Conclusão de Curso (KOWALSKI; QUAESNER, 2015), nas quais as entrevistadas percebem um aumento do número de mulheres

ainda existe grande desigualdade de gênero que se faz presente desde a constituição familiar, a qual, tradicionalmente, atribui às mulheres a responsabilidade pela esfera privada, enquanto acabam assumindo um papel secundário na provisão do lar.

A idéia (sic) da mulher como força de trabalho secundária se estrutura, em primeiro lugar, em torno de uma concepção de família nuclear, na qual o homem é o principal/único provedor e a mulher, a principal/exclusiva responsável pela esfera privada (cuidar da casa e da família). (ABRAMO, 2007, p. 28)

Visto isso, sua migração para o mercado de trabalho talvez seja compreendida pelo pensamento conservador como abandono do lar e de suas funções maternas para obter o pouco valorizado papel de provedora secundária, enquanto compete com os homens por uma posição originalmente atribuída a eles, de responsáveis pelas tarefas realizadas na esfera social. Desse modo, pode-se visualizar um ponto de partida para pesquisar os desafios, ou, até mesmo, as discriminações enfrentadas pelas mães no mercado de trabalho.

Escolheu-se a temática das mães atuantes no mercado da comunicação telejornalística paranaense por refletir uma percepção das próprias profissionais inseridas nesse meio de trabalho, as quais convergiram na ideia de que as mulheres que possuem filhos recebem um tratamento diferente das que não possuem (KOWALSKI; QUAESNER, 2016). Desse modo, viu-se uma oportunidade de explorar os bastidores dessa profissão cuja imagem refletida nas telas de televisão nem sempre revela a realidade enfrentada pelos/as trabalhadores/as da área.

As emissoras: BAND, Rede Massa, afiliada ao SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), RIC, afiliada à Rede Record e RPC, afiliada à Rede Globo, mostraram-se atrativas para o estudo por seguirem os critérios: mais profissionais de ambos os sexos nas equipes, maior visibilidade, serem afiliadas a redes de alcance nacional e maior audiência. Contudo, durante as entrevistas, tivemos a oportunidade de incluir nos estudos a Paraná Educativa, afiliada à TV Cultura e à TV Brasil.

A escolha do Estado do Paraná se deu pela localização de residência da pesquisadora, o que permite uma exploração mais abrangente durante a pesquisa de campo, além de ser o estado no qual se localiza a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, instituição acolhedora desta pesquisa. Ademais percebeu-se

ingressando nesse mercado, embora os cargos de gerência ainda estejam sob a predominância dos homens.

uma carência de pesquisas de gênero para o meio telejornalístico nesse Estado o que se encarou como uma oportunidade de investigação.

A relevância desta pesquisa para a UTFPR se dá pelo fato de abordar a perspectiva de gênero em um segmento do mercado de trabalho, que é um tema de grande importância dentro da Universidade e, principalmente, dentro do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE, no qual esta pesquisa está inserida, pois, vinculado ao Programa, encontra-se o GETEC, que, desde 1999, contribui para os estudos de gênero por meio de artigos, dissertações e teses, além de livros e a revista Cadernos de Gênero e Tecnologia, fortalecendo o engajamento sobre a temática não somente dentro da Universidade, mas também externamente.

A discussão de gênero é um dos pilares de construção de uma nova sociedade pautada na igualdade e respeito entre todas as pessoas, contudo para que de fato ocorram mudanças, estudos devem ser realizados com o objetivo de expor essas realidades ofuscadas e descobrir os pontos de partida para a desconstrução dos paradigmas e a transformação e construção de novos caminhos.

Com base nos estudos (ARAUJO, 2017; BELTRAME; DONELLI, 2012; GIMENES, et al, 2015; RODRIGUES; SAPUCAIA, 2016) que convergem na ideia da necessidade da elaboração de mais estudos envolvendo a maternidade e o mercado de trabalho, viu-se a oportunidade de contribuir para preencher essas lacunas da pesquisa. Sendo assim, pensando no desenvolvimento desta dissertação, elaborou-se a seguinte pergunta de pesquisa: como as mulheres telejornalistas paranaenses percebem os impactos da maternidade no seu desenvolvimento profissional?

Para buscar respostas a este questionamento estabeleceu-se os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

Analisar como as mulheres telejornalistas paranaenses percebem os impactos da maternidade no seu desenvolvimento profissional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1) Averiguar, a partir dos discursos proferidos, qual a trajetória profissional das jornalistas entrevistadas;

2) Identificar se as profissionais percebem terem ocorrido mudanças significativas nas trajetórias profissionais das mulheres após a consolidação da maternidade;

3) Analisar se as percepções das mulheres telejornalistas são análogas ou díspares no que diz respeito a maternidade.

Com base nesses objetivos, percebe-se que a pesquisa é de cunho qualitativo na qual leva-se em consideração “[...] que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados”. (FLICK, 2009, p. 25).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com dez mulheres atuantes no telejornalismo paranaense nas emissoras supramencionadas. A entrevista semiestruturada se mostra adequada para esta pesquisa pois, Segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 169), “[...] oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário [...]”o que permite uma melhor compreensão da realidade pesquisada.

Flick (2009) ainda adiciona que todos os fatores influenciam na qualidade da entrevista, como: o ambiente, o tempo da entrevista, as ferramentas utilizadas e o domínio do/a entrevistador/a ao deixar o/a entrevistado/a confortável para se expressar.

Após a coleta de dados, a etapa seguinte reuniu os materiais para enfim realizar as análises fundamentadas na bibliografia escolhida. Os dados levantados nas pesquisas de campo foram tabulados utilizando a técnica de recortes do texto para a elaboração de indicadores, a categorização por conjuntos e palavras e a análise por temática, da análise do conteúdo, definida por Bardin (1977). Isso permitiu cruzar as percepções das entrevistadas com os dados coletados nas emissoras.

Composta por cinco capítulos, esta dissertação se inicia com notas introdutórias seguidas por fundamentos sobre trabalho, divisão sexual do trabalho, cuidados, gênero, mulheres e maternidade. O capítulo que prossegue, apresenta a metodologia utilizada na pesquisa para então apresentar a análise dos dados coletados, no quarto capítulo, e permitir as considerações finais no último capítulo.

2. FUNDAMENTOS

Como o objetivo desta pesquisa consiste em analisar os impactos da maternidade no desenvolvimento profissional das mulheres telejornalistas paranaenses, em nossas pesquisas bibliográficas, daremos mais ênfase na divisão sexual do trabalho e assuntos relacionados a gênero, cuidados e maternidade, que é o cerne deste estudo.

Não deixaremos, contudo, de apresentar uma perspectiva recente sobre o universo laboral, já que nosso material de pesquisa se baseia nas diferenças de gênero em um meio profissional. Dessa forma, escolhemos uma perspectiva vinculada ao Marxismo para fundamentar a análise, estabelecendo um paralelo com as ideias de Ricardo Antunes (2002), o qual procura dar uma contemporaneidade a conceitos propostos por Karl Marx (2011)².

2.1. TRABALHO

Toda a construção histórica que se tem da sociedade a partir do trabalho acompanha uma evolução no uso da técnica e na produção de tecnologias, sendo que essas tecnologias acabam modificando a sociedade e criando novas formas de trabalho. Em *Os Sentidos do Trabalho*, Antunes (2002) analisa essas novas formas de trabalho ligadas à valorização do capital, os/as trabalhadores/as produtivos/as e improdutivos/as, que fazem parte da **classe-que-vive-do-trabalho**. Por outro lado, Helena Hirata (1986) utiliza a classificação de trabalho produtivo e reprodutivo para tal definição.

O Termo classe-que-vive-do-trabalho apresenta-se como uma definição atual da classe trabalhadora estabelecida por Marx (2011). Sua importância está em destacar o ser social que trabalha. Sendo assim, entender “[...] contemporaneamente a classe-que-vive-do-trabalho desse modo ampliado, como sinônimo da classe trabalhadora, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes” (ANTUNES, 2002, p. 104).

Para esta pesquisa, compete-nos investigar a participação da tecnologia nessas mutações, de modo que criações como o rádio, a televisão, o computador, o telefone, dentre outros, configuram novos meios profissionais, seja na criação desses

² A data de publicação do primeiro livro da coleção *O Capital* foi 1867, contudo a versão que utilizamos nesta pesquisa foi lançada no ano de 2011, anos após a publicação da obra de Ricardo Antunes.

artefatos, na manutenção, ou, no caso dos três primeiros, na geração e apresentação de conteúdo.

A televisão, em especial, sendo o veículo que mais atinge a grande massa³, possui muitos conteúdos devido à diversidade de sua programação, a qual se divide em programas de entretenimento como novelas, programas de auditório, filmes, séries e programas informativos como telejornais. Essa pluralidade de segmentos abre oportunidades para diversos profissionais, mas o fator da visibilidade torna esse mercado extremamente competitivo e hierárquico, especialmente no telejornalismo que visa atingir um público mais maduro e possui uma estrutura mais formal de apresentação.

O telejornal abriga uma forma de trabalho que seleciona os/as profissionais das bancadas de apresentação a partir de preceitos que não contemplam somente o assunto a ser explanado. A especialização para essa função específica não é o suficiente, pois o/a profissional deverá expor sua imagem juntamente com o conteúdo, dessa forma, são determinados padrões de inserção como: estética dos/as apresentadores/as, idade, gênero, etnia, modo de se portar, dicção, dentre outros.

Com tantas questões em um único meio profissional, uma em particular será investigada com mais profundidade, partindo de uma reflexão sobre a exploração dos/as trabalhadores/as: a divisão sexual do trabalho, mas, especificamente, analisando o tema da inserção das mulheres e suas especificidades nesse meio telejornalístico que, entre tantos outros, possui um valor social de reafirmação e reprodução do modo como se configura a nossa cultura.

2.2. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

De acordo com uma perspectiva de caráter marxista, o cerne de todas as desigualdades está na luta de classes. Existe uma classe burguesa que domina o capital e determina que a classe operária seja explorada pela própria necessidade que esse capital gera. A subsistência de muitos está atrelada ao controle de poucos. Isso aviva instintos de sobrevivência que sobrepõem as questões humanas de fraternidade e solidariedade aos demais, com exceção da própria família de dependentes da renda gerada pelo trabalhador explorado.

³ Dados do Relatório Final Pesquisa Brasileira de Mídia - PBM 2016 – disponíveis no site: <http://www.secom.gov.br>

Desse modo, encontramos jornadas de trabalho de 8, 10, 12, 14, 16, 18 horas, ou seja, das mais distintas durações. O capitalista comprou a força de trabalho por seu valor diário. A ele pertence seu valor de uso durante uma jornada de trabalho. Ele adquiriu, assim, o direito de fazer o trabalhador trabalhar para ele durante um dia. (MARX, 2011, p. 391)

A dinâmica do capital faz o/a trabalhador/a dispender sua força de trabalho não somente pelo seu sustento, mas para garantir o sustento e o acúmulo de lucros dos/as detentores/as de poder. Desse modo, trabalha-se por dois, sendo a classe-que-vive-do-trabalho substituível em vista da demanda de trabalhadores/as que buscam suprir as necessidades de suas famílias.

A crescente demanda de trabalhadores/as proporciona uma ideia de que se precisa fornecer mais ao sistema ou algum/a outro/a trabalhador/a afoito/a realizará o serviço com mais avidez e tomará o lugar que se está ocupando. Desse modo, ao mesmo tempo que aumenta a produção, diminui a expectativa de vida do/a trabalhador/a, de tal modo que “[...] todo o seu tempo disponível é, por natureza e por direito, tempo de trabalho, que pertence, portanto, à autovalorização do capital”. (MARX, 2011, p. 427)

Assim, a produção capitalista, que é essencialmente produção de mais-valor, sucção de mais-trabalho, produz, com o prolongamento da jornada de trabalho, não apenas a debilitação da força humana de trabalho, que se vê roubada de suas condições normais, morais e físicas, de desenvolvimento e atuação. Ela produz o esgotamento e a morte prematuros da própria força de trabalho. Ela prolonga o tempo de produção do trabalhador durante certo período mediante o encurtamento de seu tempo de vida. (MARX, 2011, p. 428)

O período destinado às atividades sociais, intelectuais ou de lazer fica cada vez mais escasso e, muitas vezes, inexistente. Com a necessidade do sustento familiar e a busca pelo alcance de posições mais prestigiadas, ocorre um desgaste físico e um afastamento social, logo o tempo “para relações sociais, para o livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais, mesmo o tempo livre do domingo – e até mesmo no país do sabbatismo – é pura futilidade!” (MARX, 2011, p. 427)

O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades intelectuais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo nível geral de cultura de uma dada época. A variação da jornada de trabalho se move, assim, no interior de limites físicos e sociais, porém ambas as formas de limites são de natureza muito elástica e permitem as mais amplas variações. (MARX, 2011, p. 391)

A divisão sexual do trabalho, nesse contexto, aponta uma exploração ainda maior em relação às mulheres. Já existe uma dupla carga de trabalho destinada a

classe-que-vive-do-trabalho que precisa garantir a produção para si e para os/as detentores/as do poder. Todavia, além de o trabalho excessivo exigido pelo sistema capitalista, as mulheres ainda precisam assumir o trabalho doméstico.

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não-diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. (ANTUNES, 2002, p. 108)

Muito embora a exposição de Antunes revele uma dupla exploração das mulheres no sistema capitalista, pode-se dizer que essa conta aumenta ainda mais quando se considera o abuso da força de trabalho dos/as assalariados/as. Desse modo, o tempo livre, reclamado por Marx, tão escasso aos trabalhadores em geral, torna-se quase ou totalmente inexistente quando consideramos a condição das mulheres.

Não bastando a sobrecarga do labor, as mulheres enfrentam outras condições que dificultam sua permanência ou ascensão no mercado de trabalho. Uma delas é a diferença salarial que, em muitas instituições ou profissões, concerne às mulheres, um rendimento muito inferior por um mesmo trabalho realizado de maneira igualitária pelos homens⁴.

Sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo freqüentemente (sic) ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho. (ANTUNES, 2002, p. 105)

A justificativa, muitas vezes, parte do princípio de que a participação das mulheres no mercado de trabalho aumentou significativamente nas últimas décadas, entretanto, maior quantidade de trabalhadoras não aumenta a qualidade fornecida pelo/a empregador/a. Em outras palavras, o número de mulheres assalariadas estar pareado ou superior ao número de homens, não significa que suas condições de

⁴ Segundo a Nota Técnica do IPEA: “Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014”, publicada no ano de 2016, a qual reúne dados do Pnad e IBGE, “[...] os homens continuam ganhando mais do que as mulheres (R\$1.831 contra R\$1.288, em 2014), as mulheres negras seguem sendo a base da pirâmide (R\$946 reais, em 2014) e homens brancos, o topo (R\$2.393 no mesmo ano) [...]”.

remuneração, possibilidade de ascensão e estabilidade sejam as mesmas que as dos homens.

Notou-se um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto nas informais da vida econômica, assim como no setor de serviços. Contudo, essa participação se traduz principalmente em empregos precários e vulneráveis, como tem sido o caso na Ásia, Europa e América Latina. (HIRATA, 2001/02, p. 143)

Mesmo em situações nas quais o salário determina valores igualitários para ambos os sexos, a distribuição de cargos não se apresenta de maneira equânime, ficando os cargos de gerência, na maioria das vezes, ocupados por homens. Isso se estabelece pela própria definição do termo **divisão sexual do trabalho** a partir do qual atribui-se aos homens a esfera produtiva e às mulheres a esfera reprodutiva.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT; 2007, p. 599)

A associação dos papéis pela determinação biológica só ressalta a questão de a quantidade de mulheres no mercado profissional não estar ligada à qualidade das condições de trabalho. Essa ligação do sexo feminino com a esfera privada acaba associando a imagem das mulheres que buscam inserção no mercado de trabalho – à esfera social que é tradicionalmente atribuída aos homens – com a de provedoras secundárias no lar e, com isso, surge a desvalorização de suas funções.

A reprodução de uma imagem feminina como ser secundário, estereótipos de gênero, associação das mulheres prioritariamente ao espaço privado/doméstico, invisibilidade/desvalorização de suas atividades e comportamentos machistas/sexistas/misóginos presentes nos inúmeros espaços sociais interferem nas escolhas profissionais das mulheres e contribuem para a aceitação e naturalização de uma divisão sexual do trabalho na qual o trabalho masculino vale mais do que o feminino. (LUZ; GITHAY, 2016, p. 58-59)

A divisão sexual do trabalho se dá também na associação de funções que possuem características culturalmente conhecidas como pertencentes ao sexo feminino ou ao masculino. Desse modo, profissões que exigem cuidados, normalmente associadas às Ciências Humanas ou Biológicas, vinculam-se às mulheres, ressaltando a errônea crença de que homens e mulheres possuem lugares demarcados socialmente.

Assim, gênero continua sendo uma categoria relevante para a análise do mundo do trabalho. Ao relacionar determinadas atividades a características consideradas essencialmente e/ou socialmente femininas (destacando-se as que são associadas ao cuidado, como a enfermagem, a assistência social e o magistério) assumimos um raciocínio que se associa a uma falsa premissa: a de que homens e mulheres seriam naturalmente e/ou socialmente diferentes, seja resultado da Biologia e/ou de processos de socialização, existindo, assim, atividades e lugares mais adequados para uma e outro. (LUZ; GITHAY, 2016, p.59)

Essa definição de lugares no mercado de trabalho abre margem para um conceito definido por Betina Stefanello Lima (2013, p. 886, grifos da autora), como **labirinto de cristal**, o qual “indica que os obstáculos encontrados pelas mulheres simplesmente por pertencerem à categoria ‘mulher’, estão dispostos ao longo de sua trajetória acadêmica, e até mesmo antes, na escolha da área de atuação”.

Pierre Bourdieu (2012) também apresenta um conceito para outra forma sutil de hostilizar as mulheres, nominado por ele como violência simbólica, a qual “se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2012, p. 07-08). Por sua sutileza, essa forma de violência acaba passando despercebida pelas mulheres que não a enxergam como uma brutalidade. “Compactuando com o conceito de Bourdieu, entendemos que, de forma sutil e até consentida por já ter sido assimilada, a violência simbólica torna-se parte do cotidiano das pessoas que não mais a percebem como violência” (CASAGRANDE; LIMA e SOUZA, 2015, p. 80).

Além dos percalços enfrentados envolvendo lugares definidos no mercado de trabalho e a presença de formas sutis de violência, a determinação baseada em diferenças biológicas e sociais faz as mulheres terem que realizar escolhas durante toda a sua trajetória profissional, pois ainda estão associadas à esfera doméstica que envolve os cuidados com a família. Desse modo, a aspiração por ascensão profissional, muitas vezes, diverge com o desejo de se constituir uma família.

Para muitas mulheres, casar e ter filhos são fundamentais para sua realização plena. No entanto, o casamento e a maternidade também aparecem em suas falas como importantes empecilhos para o progresso na carreira científica [...] São falas que tanto apontam para a importância do casamento e da família para a realização pessoal quanto demonstram a dificuldade de conciliar escolhas entre profissão e família. (LIMA, 2013, p. 893-894)

Como se percebe na posição da autora, muitas profissionais sentem a necessidade de optar entre a dedicação ao trabalho ou aos cuidados com a família, o

que é uma dificuldade enfrentada por mulheres em muitas profissões, mas principalmente naquelas que se associam culturalmente aos homens. Por conseguinte, o mesmo obstáculo não se apresenta para o sexo masculino quando se trata de assumir as atividades domésticas ou relacionadas aos cuidados, o que torna sua jornada de ascensão muito menor que aquela destinada ao sexo feminino.

Embora a luta das mulheres tenha concretizado conquistas nesse âmbito, ainda permanece um gap salarial entre homens e mulheres, não obstante a ampliação de sua escolaridade feminina (sic); segregações horizontais e verticais continuam existindo e concentrando mulheres em determinados setores e dificultando a ascensão na carreira profissional; uma resistência masculina em assumir as atividades do âmbito doméstico e relacionadas ao cuidado (tarefas domésticas, cuidado com filhos, cuidado com doentes da família, etc.) ainda acarreta sobrecarga de trabalho e de responsabilidade feminina. (LUZ; GITHAY, 2016, p. 61)

Desse modo, os progressos alcançados pelas lutas feministas nos últimos tempos têm alterado sutilmente as estruturas sociais dos modelos familiares. Por um lado, existe uma vitória para as mulheres no sentido da inserção social e da desejável e, algumas vezes, possível, quebra do modelo familiar tradicional, mas por outro, sobrecarregou-se as mulheres, de um modo geral, que agora precisam assumir a responsabilidade com a esfera doméstica em conciliação com a carreira profissional.

No “modelo tradicional”: papel na família e papel doméstico assumidos inteiramente pelas mulheres, e o papel de “provedor” sendo atribuído aos homens. No “modelo de conciliação”: cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional. (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 603-604, grifos das autoras)

A complexidade das diferenças dos papéis destinados a mulheres e homens está na capacidade que o sistema no qual estamos inseridos/as tem de converter os progressos realizados em novas formas de abuso. Desse modo, ao passo que as mulheres têm conquistado os espaços tradicionalmente destinados aos homens, suas responsabilidades não cessam em outros âmbitos (doméstico e suas especificidades), resultando na sobrecarga laboral. A justificativa, muitas vezes, apresentada para essa situação é a de que foram as mulheres a procurarem alterar o sistema, logo precisam enfrentar as consequências por seus atos **rebeldes**, os quais, na verdade, não passam de uma busca por emancipação.

Mas a luta das mulheres por sua emancipação é também – e decisivamente - uma ação contra as formas histórico-sociais da opressão masculina. Nesse domínio, a luta feminista emancipatória é pré-capitalista, encontra vigência sob o domínio do capital; será também pós-capitalista, pois o fim da

sociedade de classes não significa direta e imediatamente o fim da opressão de gênero. (ANTUNES, 2002, p. 110)

A sobrecarga para as mulheres assalariadas mostra que a divisão sexual do trabalho vai muito além da separação de classes, muito além do sistema capitalista e suas severas formas de opressão, muito além do/a trabalhador/a *versus* o/a detentor/a do poder. Suas raízes se encontram na sociedade patriarcal que incentiva a opressão dos homens sobre as mulheres, limitando os progressos das mulheres não só no meio profissional, mas em todos os meios de interação social.

2.3. CUIDADOS

A questão dos cuidados não está presente somente na determinação gendrada das profissões, mas também nas divisões de funções presentes no âmbito privado. Não é o foco deste trabalho realizar um levantamento histórico da raiz dessa desigualdade, contudo, na obra de Engels *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* tem-se uma breve noção de que desde os gregos antigos, as mulheres atenienses já eram excluídas do âmbito social e designadas somente aos cuidados do âmbito privado.

Em Eurípedes, a mulher é designada como oikurema, isto é, algo destinado a cuidar da casa (a palavra é neutra). Além da procriação dos filhos, não passava de criada principal da casa para o ateniense. O homem tinha seus exercícios de ginástica e suas discussões públicas, coisas das quais a mulher estava excluída. Além disso era frequente o homem ter escravas à sua disposição e, na época florescente de Atenas, havia uma prostituição muito difundida e, de qualquer forma, protegida pelo Estado. (ENGELS, s/d, p. 70)

O estudo de Engels confirma que a existência de uma sociedade patriarcal não é fruto da modernidade, mas de uma construção social hierarquizada que perpassa diversas culturas e tempos históricos, permanecendo até os dias atuais. Por outro lado, há autoras, como Helena Hirata e Danièle Kergoat, que defendem a ideia de que o patriarcado está inteiramente ligado ao capitalismo, pelo caráter de exploração e dominação que ambos os sistemas apresentam.

[...]a situação atual do trabalho das mulheres no quadro de um capitalismo patriarcal, entendendo por patriarcado “uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente o poder é dos homens”. Ele é assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de “opressão das mulheres” (DELPHY, 2009 [2000], p. 172). Para nós não existe uma formação social “patriarcado”, separado do “capitalismo”. Preferimos falar em capitalismo patriarcal. (HIRATA, 2018, p. 16, grifos da autora)

No entanto, por mais que o sistema capitalista se configure em injustiças e opressões, algumas teóricas do patriarcado, como Heleieth Saffioti (2004), defendem a ideia de que a estrutura patriarcal é anterior a esse sistema, percorrendo longos períodos históricos e, participando, como muitos fenômenos sociais, de constantes transformações que atingem todos os âmbitos sociais, “pois o **patriarcado** não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (SAFFIOTI, 2004, p. 47).

A posição de Saffioti (2004) corrobora com a ideia de uma sociedade pautada nos mesmos valores patriarcais daquela apresentada por Engels, contudo, adaptada para uma situação na qual as mulheres tenham acesso a maior parte das atividades públicas, todavia, ainda responsáveis pelo âmbito privado, já que a própria criação familiar as direciona para as tarefas que envolvem cuidados com outros seres humanos. Como forma velada de sustentar o patriarcado, sem grandes resistências, cria-se uma ideia de que as mulheres possuem um talento natural para os cuidados, uma sensibilização maior para compreender as necessidades das outras pessoas, sendo a manutenção das relações uma responsabilidade do sexo feminino.

Na verdade, o conceito de “cuidado” emerge simultaneamente na Psicologia, a partir dos estudos feministas sobre a construção da feminilidade, e na Sociologia, com as pesquisas sobre o trabalho não-remunerado das mulheres. Autoras como Nancy Chodorow (1990) e Caroll Gilligan (s.d.), como vimos, argumentaram que as personalidades das mulheres são desde cedo formadas a partir das noções de relacionamento, ligação e “cuidado”, o que as levaria a sentir-se responsáveis pela manutenção das relações e pela prestação de serviços aos outros, características que seriam centrais em nosso conceito de feminilidade. (CARVALHO, 1999, p. 52, grifos da autora)

Desse modo, homens e mulheres são, desde cedo, direcionados para assumir papéis diferentes, posturas diferentes. Enquanto as mulheres se responsabilizam com os cuidados dos seres humanos e suas necessidades, os homens assumem os cuidados com objetos que não exijam proximidade afetiva, como transações profissionais ou financeiras, entre outros.

Cuidar é uma atividade regida pelo gênero tanto no âmbito do mercado como na vida privada. As ocupações das mulheres são geralmente aquelas que envolvem cuidados e elas realizam um montante desproporcional de atividades de cuidado no ambiente doméstico privado. Para colocar a questão claramente, os papéis tradicionais de gênero em nossa sociedade implicam que os homens tenham “cuidado com” e as mulheres “cuidem de”. (TRONTO, 1997, p. 189)

Todavia, com a inserção das mulheres cada vez mais incisiva no mercado de trabalho, não somente se percebe uma sobrecarga relacionada à divisão sexual do trabalho, mas também relacionada aos cuidados que vinculam moralmente as mulheres com as necessidades dos familiares e pessoas próximas que necessitam de atenção e ajuda.

Os cuidados das crianças explicitam claramente como a sociedade distribui e julga os papéis que devem ser assumidos por mulheres e homens. Qualquer descuido com a aparência, alimentação ou saúde direcionam a culpa para a mãe que, independentemente de suas funções sociais/profissionais, deve prontamente resolver a situação e retomar seu papel tradicionalmente determinado.

Uma criança suja não é uma preocupação moral para muita gente; mas poderíamos desaprovar moralmente a mãe de tal criança que, em nossa opinião, pode ter falhado em sua obrigação de cuidar dela. Deve-se levar em conta, obviamente, que esses julgamentos estão profundamente enraizados em pressupostos sociais, culturais e de classe sobre as obrigações da mãe, sobre padrões de limpeza e assim por diante. (TRONTO, 1997, p. 189)

Para amenizar os efeitos agressivos dessa determinação baseada em construções sociais, criam-se formas de romantizar os cuidados desempenhados pelas mulheres, atribuindo a elas um lugar de destaque na família, que nada mais é que a responsabilidade de administrar as tarefas domésticas e de ressaltar seu lugar tradicionalmente definido.

Justamente nesse sentido, acredito que a “cultura doméstica” oferece as posicionalidades para cada membro da família, colocando as mulheres como esposas, mães e as detentoras do “verdadeiro” afeto e cuidados, preservando uma esfera conservadora sobre constituição familiar e do “lar”. (MONTICELLI, 2017, p. 144-145, grifos da autora)

A figura materna⁵ representa, nesse contexto social, a mais pura forma de afetividade. Esse padrão é reforçado pelo sistema capitalista (embora o papel das mulheres nos cuidados seja anterior ao capitalismo) que vende a imagem, por meio da publicidade, dos programas televisivos ou produções cinematográficas, de um amor expressado por meio dos cuidados, seja no tratamento da saúde da família, na alimentação ou nas tarefas domésticas. Atividades como “Lavar roupas não era

⁵ A figura materna não precisa necessariamente ser de uma mulher com a maternidade consolidada, mas de uma mulher com responsabilidades domésticas, criada para exercer seu potencial socialmente determinado de mãe amorosa.

somente lavar roupas, mas uma expressão de amor [...]” (COWAN⁶, 1999, p.16, tradução nossa).

A criação da figura materna, referência em afetividade, também constrói uma ideia de que o lar possuidor de uma mãe/esposa amorosa é um ambiente de refúgio para a exaustiva e perigosa jornada do espaço público. Isso sobrecarrega mais uma vez as mulheres no sentido de que elas precisam servir de pilar de sustentação para os problemas que a família traz no momento que retorna de suas atividades externas, quando a condição social familiar permite que essas mulheres estejam em casa para receber os/as filhos/as e marido ao invés de passarem maior parte do tempo se dedicando às atividades laborais, enquanto as crianças recebem os cuidados de outras mulheres da família, de babás ou de centros educacionais.

Assim, os mecanismos capitalistas acabam por reforçar mais as imagens da família, da casa e do “lar”, relacionando-as à figura materna, como uma forma de criar um imaginário de que esse espaço não é tão precário e violento como o “mundo exterior”. (MONTICELI, 2017, p.145, grifos da autora)

Entretanto, contrário ao modelo perfeito de cuidados vendido pelo mercado publicitário, o verdadeiro ato de cuidar de outros seres humanos exige preparação e conhecimentos adequados. Não é correto simplesmente tomar conta sem considerar as necessidades do outro, ou será apenas um reflexo das necessidades de quem cuida, não de quem precisa dos cuidados. A própria palavra sugere que “cuidar é assumir uma carga”. (TRONTO, 1997, p. 188) A autora (1997, p. 192) argumenta que:

Se a pessoa que cuida tiver um autoconhecimento deficiente sobre suas necessidades, não há como garantir que elas tenham sido eliminadas quando focalizam as necessidades do outro. Pode ser muito difícil alcançar esse grau de atenção, que exige, em primeiro lugar, um autoconhecimento extraordinário, a fim de que a pessoa que cuida não transforme simplesmente as necessidades do outro numa projeção das próprias necessidades.

Além de preparação, o ato de cuidar exige um envolvimento entre quem cuida e quem recebe os cuidados, pois é necessária uma aceitação pelo/a receptor/a dos cuidados recebidos, o que nem sempre ocorre de maneira rápida, fácil ou sutil. Em casos de enfermidade, muitas vezes a necessidade dos cuidados envolve um sentimento de impotência, uma resistência àquela situação e, conseqüentemente, uma expressão de insatisfação que pode dificultar a atividade do/a cuidador/a.

⁶ Versão em inglês:

Laundering was not just laundering, but an expression of love [...].

Já os cuidados com crianças exigem, muitas vezes, um ligeiro senso de interpretação, pois muitas não expressam ou expressam com dificuldade suas necessidades. Por conseguinte, nessa fase da vida, cuidar implica também em educar, já que aspectos morais e éticos ainda estão em desenvolvimento. Sem um conhecimento prévio sobre educação infantil, a resposta aos cuidados pode ser expressada por atos de rebeldia.

Cuidar afeta tanto quem cuida como quem está sendo cuidado. Afeta a pessoa que cuida porque ela precisa se envolver com o outro; e afeta a pessoa cuidada porque suas necessidades são atendidas e porque ela deve, de alguma forma, responder ao cuidado oferecido e aceitá-lo. (TRONTO, 1997, p. 196)

A rebeldia expressada pelas crianças em público, independente da pessoa que esteja cuidando no momento (educadores, babás) é sempre vista como responsabilidade dos pais que educaram erroneamente. No entanto, é a mãe que recebe a maior carga acusatória por ser responsável pelos cuidados da esfera privada, enquanto os homens estão exercendo suas funções públicas.

Similarmente, não responsabilizamos qualquer um pela aparência de uma criança, mas responsabilizamos sua mãe (e o pai?). Todavia, posso ao menos fazer uma generalização sobre cuidar nesta sociedade; os homens têm cuidado com (preocupam-se com); as mulheres cuidam de. Assim, por definição, o roteiro tradicional do cuidar torna a decretar a divisão do mundo masculino e feminino como sendo respectivamente público e privado. (TRONTO, 1997, p. 199)

Esse tipo de situação ressalta a divisão entre as definições de masculino e feminino que, para o senso comum e algumas correntes teóricas radicais, homens e mulheres possuem identidades e funções totalmente distintas. Desse modo, não é incomum a emissão de discursos que estabelecem: **isso é coisa de mulher enquanto aquilo é de homem**, normalmente associados a esfera privada e pública respectivamente.

Além disso, o “cuidado” é tomado como divisor de águas entre a esfera pública (compreendida como abrangendo tanto a esfera política quanto a econômica) e a domesticidade, territórios que referenciam a polaridade nuclear no “feminismo de diferença”, aquela que opõe homens e mulheres, de forma essencialista, como portadores de identidades radicalmente distintas. (CARVALHO, 1999, p. 58, grifos da autora)

Mesmo em situações nas quais ambos estão inseridos no mercado de trabalho e realizam a provisão do lar, as mulheres ainda assumem a responsabilidade pelos cuidados com a família e os parentes próximos. Isso se dá pela associação afetiva

ligada a funções domésticas que devem ser assumidas pelas mulheres. Dessa forma, esse tipo de trabalho não recebe uma valorização, por ser um ato de amor, algo que as mulheres devem realizar gratuitamente.

O trabalho doméstico, associado ao “cuidado” e percebido como relação gratuita fora de todos os constrangimentos econômicos e da alienação do trabalho assalariado, pode chegar a ser exaltado como fonte da “cultura feminina” de dedicação e doação. (CARVALHO, 1999, p. 57, grifos da autora)

Além disso, o trabalho doméstico e dos cuidados é visto como uma característica natural das mulheres, um talento que somente elas possuem, logo um trabalho não qualificado que dispensa remuneração e reconhecimento. Quando um homem realiza esse tipo de trabalho, seu desempenho é visto como um auxílio, uma ajuda para as mulheres da casa e não como um cumprimento de sua obrigação.

Judy McGaw sugere que nossa noção de trabalho qualificado e não qualificado é baseada em parte na ideia de que o trabalho doméstico, o trabalho que todas as mulheres sabiam, era definido como sendo “natural” para as mulheres ao invés de qualificado. As habilidades do trabalho doméstico foram consideradas não tecnológicas e não qualificadas porque eram de conhecimento comum das mulheres. (LUBAR⁷, 1998, p. 19, tradução nossa)

Da mesma forma, o trabalho realizado pelas mulheres no ambiente profissional é visto como um auxílio para homens, tradicionalmente designados como provedores do lar, o que desqualifica o trabalho das mulheres e torna sua permanência no mercado de trabalho sempre instável, já que seu papel central e suas qualidades naturais encontram-se no ambiente doméstico.

As habilidades que as mulheres adquiriram no trabalho em casa prepararam-nas para executar o trabalho manual que a industrialização necessitava. Ele “fez tal trabalho parecer ‘natural’ e ‘não-qualificado’ e forneceu uma razão para os baixos salários das mulheres”. Além do mais, a ideia de que “o lugar das mulheres é em casa...significou que empregadores poderiam despedir as trabalhadoras conforme sua vontade”. (LUBAR⁸, 1998, p. 14-15, tradução nossa)

A desqualificação do trabalho doméstico e dos cuidados torna esse tipo de atividade um fardo que ninguém quer carregar, visto que tanto homens quanto

⁷ Texto em inglês: Judy McGaw has suggested that our notion of skilled and unskilled work is based in part on the idea that housework, the work that all women knew, was defined as being “natural” for women rather than skilled. The skills of household work were deemed untechnological and unskilled because they were the common knowledge of women.

⁸ Texto em inglês: Women’s skills acquired in work in the home prepared them to perform the manual labor that industrialization required. It “made such work appear ‘natural’ and ‘unskilled’, and provided a rationale for women’s low wages”. Further, the idea that “women’s place is in the home... meant that employers could lay off female workers at will”.

mulheres do contexto atual, da classe-que-vive-do-trabalho, precisam se inserir no mercado de trabalho, por conta de que a renda apenas de um já não supre as necessidades da família.

Esse novo contexto⁹, embora ainda embasado pela concepção familiar tradicional, segmenta as esferas pública e privada e abre espaço para a contratação de terceiros (terceiras, pois a grande maioria das profissionais que assumem esse tipo de trabalho são mulheres) que realizarão o trabalho doméstico e dos cuidados remuneradamente. Todavia, essa situação reflete mais uma vez a divisão desigual de tarefas, pois se os homens realizassem de forma igualitária os cuidados com a esfera privada, na maioria dos casos, não haveria necessidade de terceiros.

A concepção de que a esfera pública e privada são *loci* diferentes e que não se complementam está historicamente reproduzida na sociedade brasileira e reconfigurada na contemporaneidade, separando essas duas esferas embasadas nas noções de tempo – o cotidiano/aventura, aprisionamento/liberdade – mostrando que as separações entre as duas tão somente mascara a complexidade das relações familiares e, conseqüentemente, das contratações de terceiros que adentram o ambiente familiar. (MONTICELI, 2017, p.147)

Mesmo em famílias de classe alta, cuja renda do homem ou da mulher supre as necessidades financeiras, a lógica do consumo acaba criando a ideia de que os rendimentos são insuficientes para suprir os desejos materiais despertados pelo sistema capitalista, sejam eles de objetos, segurança, diversão, *status*, dentre outros setores apropriados pelos fornecedores desses elementos. Desse modo, cria-se a ideia de que a família toda precisa estar inserida no mercado, dedicando-se integralmente a ele, caso queira usufruir dos benefícios oferecidos pelo sistema. Assim, a esposa e o marido se entregam às demandas incessantes do labor, enquanto os/as filhos/as são colocados/as em instituições integrais de ensino e cuidados, entregues para familiares e pessoas próximas, ou para profissionais contratados/as que assumem os cuidados.

No entanto, a abertura para a contratação de terceiros que realizarão o trabalho doméstico não exclui a naturalização do trabalho doméstico como sendo responsabilidade das mulheres, tampouco qualifica e valoriza esse tipo de trabalho, apenas reflete a sobrecarga das mulheres no mercado de trabalho, que não

⁹ O novo contexto refere-se à classe-que-vive-do-trabalho, a inserção de terceiros no ambiente doméstico sempre existiu, contudo, em muitas passagens históricas, as atividades eram realizadas por escravos ou profissionais com baixa remuneração e sem contrato.

conseguem dar conta de assumir as responsabilidades públicas e privadas. Por conseguinte, as mulheres que realizam as tarefas domésticas para outras famílias, acabam negligenciando, mesmo que sem intenção, os cuidados com o próprio lar e a própria família.

Por outro lado, em famílias de classe média ou média-baixa, a inserção do homem e da mulher no mercado de trabalho é necessária para a sobrevivência, contudo a relação dos cuidados com os/as filhos/as fica a encargo das creches públicas ou de familiares, mas, em situações de emergência, quem acaba renunciando ao trabalho para atender os/as filhos/as é a mãe.

Intimamente ligada à divisão sexual do trabalho, a questão dos cuidados carrega o estigma social que responsabiliza as mulheres pelas funções que devem ser assumidas por todos/as. Isso ressalta a importância dos estudos de gênero e das lutas feministas por igualdade e respeito. Segundo Marlene Tamanini (2017, p. 31)

Neste processo de desmistificação das relações pessoais, das intimidades, do cotidiano e da luta para que a experiência das mulheres se constitua como parte do reconhecimento político, o tema do cuidado e do cuidar e de quem necessita de cuidado pode ser pensado como construção teórica a partir dos anos 60.

Um tema com tanta carga histórica possui uma teorização tão contemporânea, a partir da década de 1960, o que reflete também o recente acesso das mulheres ao ensino e/ou à visibilidade de suas produções. Para modificar o contexto, que sobrecarrega as mulheres com funções que devem ser compartilhadas/divididas igualmente, é necessário, inicialmente, aliar as percepções e reflexões compreendidas nas produções acadêmicas com a força dos movimentos e lutas sociais, a fim de propor novas políticas públicas, principalmente que visem melhorar o setor educacional e investir em pesquisas de caráter social, que atendam aos interesses não só de metade da população, mas de todos e todas.

2.4. GÊNERO

Um dos assuntos mais polêmicos e deturpados do momento é a questão de gênero que carrega uma série de embates desde a terminologia da palavra até a definição como uma orientação psicológica. A pluralidade de estudos e pressuposições nos impede de apresentar um único e padronizado conceito, mas seguindo a diretriz de autoras como Joan Wallach Scott (1990), Claudia de Lima Costa

(1994) e Maria Amélia de Almeida Teles (2006), podemos apresentar uma contextualização geral das principais ideias e adequar ao tema proposto por esta dissertação.

Sendo assim, não nos compete analisar as 56 formas não-binárias de identidades de gênero listadas pelo *Facebook* norte-americano, embora não descartemos a importância dos estudos que as contemplem, mas avaliar pelo viés relacionado a disputas de poder que beneficiam os homens e subjagam as mulheres, ou, como contextualiza Scott (1990, p. 88), “[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Antes, porém, de chegarmos ao cerne da análise que se encaixa melhor com a nossa temática, algumas ideias devem ser pautadas para explicar o porquê de adotarmos a perspectiva apontada por Scott (1990). A concepção que estuda as diferenças sexuais na linguagem, talvez seja a primeira a ser contestada pelas autoras mencionadas, pelo motivo de que as palavras têm história (SCOTT, 1990) ou porque se apresentou uma falha em obter evidências empíricas sólidas nas dessemelhanças dos discursos de homens e mulheres (COSTA, 1995).

Contudo, a linguagem foi o ponto inicial para se pensar em outras variáveis para analisar gênero, sendo que “Em seu período inicial, muitos dos estudos sobre diferenças sexuais na linguagem usavam o gênero do interlocutor como uma variável binária não-problemática (homem/mulher) contida dentro do indivíduo”. (COSTA, 1995, p. 144). Segundo a autora, essa análise dicotômica logo mostrou-se ineficaz, o que abriu espaço para novas análises que considerariam outros fatores como *status*, poder, contexto, dentre outros.

Por exemplo, descobriu-se que contexto, status, poder, papel, estereótipos e tema de conversa, dentre outros fatores e categorias de identidade social, são mais importantes do que o gênero do interlocutor na produção de diferenças na fala. (COSTA, 1995, p. 145)

Ainda assim, essas novas variáveis mostraram-se insuficientes para obter uma evidência empírica consistente, abrindo espaço para novas análises e diretrizes que formam uma pluralidade de vozes, as quais podem ser vistas como problemáticas quando se tenta encontrar um único caminho para definir o conceito, ou como satisfatórias quando se enxerga cada uma dessas vozes como passos iniciais para outras reflexões.

Apesar das diferenças cruciais entre as posições representadas pelas pós-estruturalistas e pelas pós-Marxistas no que diz respeito às análises das relações de gênero, pode-se dizer que uma linha comum as une nessa heterogeneidade (cacofonia até!) de vozes: A visão do “outro” não como limite, mas construindo as premissas de nosso próprio ser. (COSTA, 1995, p. 166, grifos da autora)

Uma vez que a ideia de definir gênero por meio das diferenças presentes na linguagem e suas variáveis externas não tenha obtido êxito, pesquisadores/as escolheram analisar o teor social do gênero, por meio dos papéis que os seres humanos se encarregam socialmente (COSTA, 1995). Seria uma forma de esclarecer as confusões habituais que o senso comum propõe acerca do que se define por sexo e gênero.

Em outras palavras quer dizer que gênero se constrói socialmente de acordo com o tempo histórico vivido em cada sociedade, enquanto a expressão “sexo” teria uma caracterização biológica com destaque para os aspectos físicos do ser feminino ou do ser masculino. (TELES, 2006, p. 38-39)

Analisar o caráter social do gênero apresenta um avanço maior nos estudos sobre a temática, contudo também apresenta falhas em sua estrutura, pois acaba por reforçar os papéis já definidos pela sociedade patriarcal, na qual se tem as mulheres como esposas e mães, enquanto os homens permanecem na condição de dominadores da esfera social, além de desconsiderar questões relacionadas a poder e desigualdade.

Quando se analisa gênero pelo caráter da desigualdade entre os sexos, não se pode deixar de considerar que não existe um perfil único de mulher, assim como um perfil único de homem, existem perfis de mulheres e perfis de homens, ou, como propõe Guacira Lopes Louro (1992, p. 57), “O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade”. Isso permite explorar as relações não somente entre homens e mulheres, mas entre as próprias mulheres e entre os próprios homens pertencentes a cada sociedade ou cultura, o que abre uma gama de possibilidades e variáveis ainda maior.

Gênero traz uma característica relacional. Não trata apenas das mulheres, mas inclui as relações entre as próprias mulheres, entre os próprios homens, assim como as relações entre mulheres e homens. Por isso, não se pode confundir o termo gênero com mulher. (TELES, 2006, p. 44)

Essa desigualdade entre os sexos e a construção hierárquica acerca do assunto despertou o interesse de alguns teóricos para a conceituação de gênero

baseada em termos psicológicos, ou como Costa (1995, p. 150) argumenta “gênero como uma orientação ou força da personalidade”.

Entretanto essa categoria de análise acabou reforçando os papéis tradicionalmente definidos como masculinos e femininos em vez de dissolver essas desigualdades como era proposto inicialmente (COSTA, 1995). A derrubada de teorias, seja pela falta de evidências que confirmem a visão dos/as teóricos/as ou por acabar reforçando padrões socialmente definidos, afunila as possibilidades de conceituar gênero, mas isso não desmoraliza os esforços dos/as pesquisadores/as que não obtiveram total êxito em suas análises, já que eles/elas possibilitaram perceber as falhas de cada método e as possibilidades de novos estudos.

Finalmente, conforme Michelle Rosaldo já nos havia alertado, teorizar hierarquias sexuais em termos funcionais ou psicológicos, ou mesmo como um reflexo de limitações biológicas, minimiza considerações sociológicas que buscam explicar como diferenças de gênero são criadas e mantidas pelas próprias relações de gênero (isto é, pela intersecção entre gênero e poder). (COSTA, 1995, p. 153)

Finalmente, contextualizar gênero como um passo inicial para dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990) é a perspectiva que melhor se encaixa em um estudo cujo objetivo é analisar se a maternidade tem impacto no desenvolvimento profissional das mulheres telejornalistas paranaenses, pois este envolve assuntos como divisão sexual do trabalho, cuidados e papéis designados aos homens e às mulheres em ambiente familiar. Todas essas questões estão interligadas e pautadas em um mesmo padrão de dominação de um sexo sobre o outro.

Ao pensarmos sobre as desigualdades pautadas nas relações entre os sexos, não podemos deixar de visualizar o modo como a nossa sociedade patriarcal se configura, independente das conquistas realizadas pelas mulheres, as posições de poder e das grandes decisões envolvendo inclusive questões políticas, estão majoritariamente nas mãos dos homens. Logo, “[...] a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder [...]” (SCOTT, 1990, p. 92).

Mesmo em momentos históricos nos quais as mulheres estiveram em posições de liderança, como o estabelecimento da monarquia em algumas nações, as mulheres sofriam uma enorme repressão e suas posições estavam sempre ameaçadas por membros de conselhos ou pelas inúmeras regras às quais eram submetidas, sendo que as mesmas regras não se aplicavam aos homens, como o estabelecimento da

fidelidade total ao marido que, se burladas, levavam mesmo uma rainha (símbolo do poder máximo que uma mulher poderia alcançar em uma nação) à decapitação. Catarina de Medici, rainha consorte da França, foi um exemplo de monarca que, embora estivesse em uma posição de poder dentro da nação, seu marido, rei Henrique II, não a permitia de participar dos assuntos do Estado, favorecendo sua principal amante, Diana de Poitiers. Após a morte do marido, esteve nos bastidores dos reinados de seus três filhos e, embora tenha sido considerada, pelo biógrafo Mark Strage (1976), a mulher mais poderosa da Europa no século XVI, suas ações estavam sempre limitadas ao poder do marido e dos filhos.

O estabelecimento de obstáculos e regras para apenas um dos sexos mostra a importância de considerar a oposição binária nas análises de gênero, mesmo em um período que se busca abrir os horizontes e incluir todas as outras formas de conceituar gênero que não foquem nas disputas entre homens e mulheres, mas em questões sociais. Contudo, cada caso deve ser avaliado separadamente e pela perspectiva que mais apresente formas de agregar valor para impulsionar novos estudos até o dia que esses estudos não mais se façam necessários porque alcançamos a igualdade e o respeito em todos os níveis.

Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuína dos termos da diferença sexual. Devemos nos tornar mais auto-conscientes (sic) da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar. Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à auto-crítica (sic). (SCOTT, 1990, p. 84)

Visto isso, o questionamento que fica após a apresentação de todas essas formas de conceituar gênero, chegando àquela que emparelha gênero e poder, pode ser o que Scott (1990, p. 92) indagou em seu artigo: “Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como as coisas mudam?”. Claro que não temos uma resposta exata, já que as relações sociais se reconfiguram com o sistema e se transformam a partir das próprias relações sociais, contudo há perspectivas que acreditam que a mudança pode vir por meio da associação com a concepção feminista (TELES, 2006, p. 61).

Gênero ganha mais capacidade transformadora quando se associa à perspectiva feminista. Ao adotar o ponto de vista feminista, gênero reveste-se de mais poder para impulsionar os questionamentos fundamentais a fim de romper com as idéias (sic) patriarcais ainda presentes nos dias de hoje.

Embora esta associação permita uma melhor compreensão da realidade das mulheres na atualidade, ela não é suficiente. Por isso, é importante nos agarrarmos em todas as armas que possuímos para que possamos construir um futuro melhor; isso inclui aliar ciência, tecnologia, movimentos sociais, acesso à educação de qualidade para todos os seres humanos, dentre outros impulsionadores de avanços e transformações.

2.5. MULHERES

A luta das mulheres por igualdade e respeito e os grandes progressos realizados nas últimas décadas, aliados às diferenças físicas de ambos os sexos, proporcionam a ideia de que as mulheres sempre foram subjugadas pelos homens desde o início dos tempos. Estudos antropológicos realizados por Lewis Morgan, reapresentados por Engels (s/d), contudo, apontam que em fases iniciais e médias da construção da sociedade, as mulheres não só gozavam de liberdade como também eram muito estimadas.

A busca por um momento certo no qual as mulheres passaram de um estado de poder e valorização para um de subjugação e submissão resulta em uma resposta muito incerta, mesmo com registros históricos e análises antropológicas. No texto de Engels (s/d), o autor atribui a subordinação das mulheres ao estabelecimento da propriedade privada, entretanto não fornece dados consistentes para sustentar essa ideia (veremos no próximo subcapítulo com mais detalhes).

As informações que fornecem os etnógrafos acerca das formas primitivas da sociedade humana são terrivelmente contraditórias e tanto mais quanto eles são mais bem informados e menos sistemáticos. É singularmente difícil ter uma idéia (sic) da situação da mulher no período que precedeu o da agricultura. Não se sabe sequer se, em condições de vida tão diferentes das de hoje, a musculatura da mulher, seu aparelho respiratório, não eram tão desenvolvidos como os do homem. (BEAUVOIR, 1970, p. 81)

Essa incerteza sobre a mudança de tratamento das mulheres se pode explicar pelo fato de que toda a história registrada até pouco tempo atrás representa uma soma de vozes masculinas explicando, em suas perspectivas e visões, as estruturas nas quais se constituíam as sociedades e a forma como as mulheres se inter-relacionavam. Não ter os sentimentos e percepções das mulheres de cada época torna difícil, ou impossível, perceber a plenitude de cada registro que se tem.

Contudo, podemos analisar algumas circunstâncias que levaram a conceitos como sexo único (LAQUEUR, 2001) ou o outro sexo (BEAUVOIR, 1970), bem como as interpretações biológicas e psicológicas das diferenças entre homens e mulheres. Desse modo, podemos pensar no corpo humano como ponto de partida para compreender a situação das mulheres que há muito ocupam o segundo lugar na hierarquia dos sexos.

Houve um tempo, como propôs Laqueur (2001), no qual se acreditava que existia um único sexo, masculino, sendo os detentores desse tipo de corpo o reflexo da perfeição. Onde estavam as mulheres? Em uma espécie de falha, homens sem calor vital (LAQUEUR, 2001) cujas estruturas que os corpos perfeitos apresentavam externamente, nestes eram exibidas internamente, um corpo imperfeito.

Galeno, que no século II d.C. desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo da identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que nos homens são visíveis na parte externa. (LAQUEUR, 2001, p. 16)

Embora essa ideia tenha sido substituída posteriormente pela dicotomia dos sexos, a essência da ideia de que o corpo feminino é um reflexo da inferioridade das mulheres em relação aos homens permanece até a atualidade, principalmente quando notamos casos de agressão e violência física contra as mulheres, as quais não possuem a mesma força física que os homens, sendo que estes se aproveitam dessa diferença para demonstrarem sua suposta superioridade¹⁰.

Partindo dessa premissa, na qual os homens e mulheres possuem constituições físicas diferentes e, mesmo com a percepção de que existe mais de um sexo (devemos lembrar das pessoas com genitália ambígua que possuem características dos dois sexos), “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial” (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Visto isso, compreende-se que independente da crença da existência de um ou dois sexos, hierarquicamente, as mulheres há muito estão na posição secundária, ou,

¹⁰ A questão da violência física e/ou psicológica envolvendo gênero é um assunto de extrema importância tanto social como acadêmica e fornece dados assustadores sobre a quantidade de casos que se tem registro nos dias atuais. Entretanto, não é o foco desta pesquisa analisar esse tipo de situação, embora saibamos da relevância desse tipo de tema, por isso finalizaremos o assunto com este breve comentário para voltarmos ao assunto que queremos abordar nesse momento.

se usarmos a própria religiosidade, como veremos adiante, foram criadas a partir da costela do homem, ou seja, são as sobras do ser humano perfeito, por conseguinte, o outro sexo (BEAUVOIR, 1970).

Muitos teóricos tentaram utilizar a biologia como forma de justificar a fictícia supremacia de um sexo sobre o outro e, quando aliados a certa religiosidade, puderam (e ainda podem) explicar fenômenos como as dores do parto e a menstruação como punições pelos pecados de Eva (BÍBLIA, Gênesis, 3:16) que todas as mulheres devem pagar. Dados biológicos, porém, não serviram (e ainda não servem) apenas para subordinar as mulheres; eles são primordiais para entender as mulheres e sua situação ao longo da história.

Eis por que os estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos, é a idéia (sic) de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada. (BEAUVOIR, 1970, p. 52-53)

Outra linha de pensamento que colocou as mulheres em posições secundárias a partir de suas características físicas foi a Psicanálise. Quando Sigmund Freud (1925/1974) analisa o complexo de Édipo, o faz em “quatro movimentos de complexificação” (MOREIRA, 2004, p. 226), iniciando pela teoria dos sonhos, passando para o pai totêmico, a morte do pai e, finalmente, o movimento mais controverso criticado pelas correntes teóricas feministas, complexo de castração.

As primeiras aparições do assunto vieram por meio de sonhos, “apresentando um sonho que se refere a sentimentos “supercarinhosos” para com sua filha mais velha Mathilde” (MOREIRA, 2004, p. 220, grifos da autora), do qual Freud (1925/1974) analisa a questão do horror ao incesto e introduz a mitologia grega na análise que se baseia na lógica identitária (MOREIRA, 2004) do **eu**. A questão totêmica introduz o **outro** por meio da figura paterna, mas essa figura é representada pelo outro-devorador (MOREIRA, 2004). Quando ocorre a morte desse pai, é que se abre espaço para definições como o nascimento do sujeito e o **superego**¹¹.

¹¹ Não tomaremos muito espaço para abordar essas questões mais específicas da Psicologia, pois não é o foco deste trabalho, citamos esses quatro movimentos para explicar como chegamos ao cerne da crítica. O assunto que mais nos interessa na questão do Édipo é o complexo de castração que analisa a sexualidade e coloca o corpo masculino em evidência, sendo esse o maior ponto de crítica sobre o tema, apontado pelos estudos de gênero.

O complexo de castração vem por último para abordar a questão da sexualidade, sendo problemática já a definição do desenvolvimento dos sujeitos, quando se passa das fases oral e anal, para a fase fálica, na qual o prazer dos homens se dá a partir do pênis, enquanto as mulheres passam por duas fases, uma inicial, clitoriana, e outra, vaginal, que consolida a verdadeira sexualidade das mulheres. A crítica dos estudos feministas sobre esse ponto da questão é a ênfase que começa pela soberania masculina, prestigiando o órgão sexual masculino e explicando o prazer feminino a partir de uma visão masculinizada, ou seja, o ponto de referência para o prazer dos seres humanos vem dos homens, isso acaba ressaltando nas mulheres a condição do outro sexo. “Em particular, a psicanálise malogra em explicar por que a mulher é o Outro, pois o próprio Freud (1925/1974) admite que o prestígio do pênis explica-se pela soberania do pai e confessa que ignora a origem da supremacia do macho”. (BEAUVOIR, 1970, p. 69-70)

Por conseguinte, Freud (1925/1974) explica o Complexo de Édipo como a fase da infância na qual tanto o menino, quanto a menina, inicialmente, consideram a mãe como objeto erótico, sendo posteriormente esse desejo, nas meninas, transferido para o pai, vendo a mãe como rival, enquanto os meninos veem o pai como rival. Carl Gustav Jung (1913) denomina esse fenômeno particularmente vivenciado pelas meninas como “Complexo de Electra”, contudo Freud (1925/1974) rejeita essa teoria, deixando seu discurso contraditório.

Freud, nesse texto, defende a tese de que o objeto original de amor da menina, da mesma forma que do menino, é a mãe; mas insiste na idéia (sic) de que o abandono da mãe, como objeto de amor, é condição necessária para a entrada da menina no Édipo. A insistência nessa idéia (sic) parece-nos contraditória com a rejeição teórica de um Complexo de Electra. (MOREIRA, 2004, p. 225)

O complexo de castração, na teoria freudiana, vem a ser um marco decisivo na questão edípica, “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (FREUD¹², 1925/1974, p. 318 apud MOREIRA, 2004, p. 225). Nesse fenômeno, as meninas percebem a diferença anatômica entre os sexos e culpabilizam a mãe por ela mesma ser castrada, desenvolvendo uma “inveja do pênis” (AZEVEDO, 2009, p. 06), enquanto nos meninos, em rivalidade com o pai pelo amor

¹² Freud, S. (1974). **Algumas conseqüências (sic) psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.** (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 303- 322). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925)

da mãe, ocorre um medo da castração, no qual a fase edípica é substituída pelo superego (repressão dos instintos primitivos).

A crítica feminista em relação a essas teorias se dá pela centralidade do homem em todo o processo, analisando a libido, que se faz presente em todos os seres humanos, a partir de uma perspectiva masculina, desconsiderando o corpo e a sexualidade das mulheres que estão sempre em segundo plano se comparando e se frustrando pela falta do atributo de orgulho masculino: o pênis.

[...] a sexualidade está, portanto, sempre empenhada; mas, se corpo e sexualidade são expressões concretas da existência, é também a partir desta que se pode descobrir-lhes as significações: sem essa perspectiva, a psicanálise toma, por verdadeiros, fatos inexplicados. (BEAUVOIR, 1970, p. 66)

Contudo, quando nos referimos à Psicologia freudiana, muita cautela devemos ter ao separar fragmentos de seus textos, pois muito do que Freud (1925/1974) se dedicou a analisar e ponderar, ele mesmo tratou de destruir em momentos de contestação pública de suas ideias, ao mesmo tempo que o autor mudou de ideia e aprimorou suas técnicas ao longo da carreira (como no caso das hipnoses que eram primordiais no início do estudo das histerias, sendo substituídas por outros métodos posteriormente). Também devemos ponderar que os assuntos abordados não estão concentrados em um conteúdo escrito, mesmo a questão edípica, se apresenta em cartas, textos e livros do autor, cada um em um momento diferente. Por fim, o psicanalista também apresentou muitos momentos de controvérsias, nas quais ele mesmo se sentia confuso sobre suas autoanálises, ou, nas palavras do biógrafo Peter Gay (2007, p. 14), “Freud não foi seu melhor juiz”.

Beauvoir (1970), no entanto, ao considerar as teorias freudianas, utiliza apenas o que serve para fundamentar sua análise da presença histórica das mulheres sempre vistas como o segundo sexo. Sua análise não se limita a questões meramente biológicas ou psicanalíticas. A autora busca estudar as mulheres em uma “perspectiva existencial através de sua situação total” (BEAUVOIR, 1970, p. 72). Dessa forma, fatores de ordem social e econômica também se fazem presentes em sua análise.

Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos só têm importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 73)

Deixaremos, entretanto, a análise do convívio social, familiar e os papéis assumidos por ambos os sexos para o próximo subcapítulo no qual abordaremos a questão da maternidade e as razões pelas quais acreditamos que as mulheres assumem a centralidade na questão afetiva e acabam se sobrecarregando em nome desse sentimento.

2.6. MATERNIDADE

No entender popular, a figura materna, há muito representada como a expressão do amor mais puro e forte existente, transmite a ideia de que as mulheres nascem com o dom da maternidade, acompanhado de seus talentos para os cuidados de outros seres humanos. Estudos feministas, no entanto, nos apontam a realidade de que ninguém inicia a vida como mulher, mas se transforma em mulher. (BEAUVOIR, 1967)

A partir dessa compreensão, é relevante tentar entender como se construiu a noção de que as mulheres são as principais responsáveis pela transmissão de afeto destinada às crianças. Já vimos que as mulheres são, há muito tempo, vistas como responsáveis pela esfera privada. Vale então, nesse momento, buscar nas contradições do que chamamos de **família**, a designação desse papel apresentado de forma imaculada e inocente, mas que carrega uma forte significação cultural que mantém as mulheres em posições de subordinação.

Engels (s/d), ao explicar a família desde sua origem, até a atualidade¹³, expõe períodos de poligamia e poliandria que construía sociedades nas quais as crianças pertenciam ao grupo todo e, em muitas tribos, sequer sabiam quem era o progenitor. Essa condição concedia liberdade para ambos os sexos, muitas vezes, em sociedades coordenadas pelo matriarcado.

Para o autor, com a instauração da monogamia - hoje vista popularmente em sociedades ocidentais e parte das orientais como uma condição de igualdade e respeito entre homens e mulheres - as desigualdades entre os sexos, permitindo a inferiorização das mulheres pelos homens, se iniciaram.

A monogamia, portanto, não entra de modo algum na história como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como forma mais

¹³ Ao nos referirmos a atualidade, estamos considerando a data de publicação da obra, que embora não esteja registrada, realizou-se durante a vida do autor, ou seja, entre 1820 e 1895. Contudo seu conteúdo ainda se aplica nos dias atuais, o que demonstra a contemporaneidade do assunto.

elevada de casamento. Pelo contrário, surge sob a forma de subjugação de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, em toda a pré-história. (ENGELS, s/d, p. 71)

Contudo, há sociedades nas quais é permitido ao homem a condição de se envolver em sucessivos matrimônios, enquanto as mulheres precisam se vincular e obedecer a um único marido, sendo a inversão desses papéis considerada infidelidade, condenada socialmente e cruelmente castigada. Isso prova que não há somente um fator que leva as mulheres à condição de subordinação e inferiorização.

A monogamia, na visão de Engels (s/d), forma um tipo de família vinculada não por razões afetivas ou naturais, mas por razões econômicas, consolidando a vitória da propriedade privada sobre a propriedade comum. O objetivo dessas uniões era de gerar herdeiros que carregassem o nome do pai e as riquezas da família, configurando, de forma abrasiva, a sociedade de classes.

Essa foi a origem da monogamia, tal como pudemos observá-la no povo mais culto e desenvolvido da antiguidade. Ela não foi, de modo algum, fruto do amor sexual individual, com o qual nada tinha a ver, já que os casamentos continuavam sendo, como antes, casamentos de conveniência. Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas em condições econômicas e, de modo específico, no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva que havia surgido espontaneamente. (ENGELS, s/d, p. 71)

A ideia de uniões realizadas para amparar interesses econômicos, embora possa fornecer respostas sobre como iniciou a configuração de família que conhecemos hoje, é insuficiente para explicar como as mulheres se tornaram tão subordinadas à vontade dos homens, já que em algumas sociedades anteriores estiveram em posições de valorização e libertação. Desse modo, a deturpação da fé e da religiosidade pode fornecer as respostas pendentes, dando poder aos homens, ao mesmo tempo que causa temor nas mulheres.

O estabelecimento de regras e norteamentos sociais por meio da religiosidade não é uma ideia recente, tampouco proveniente de uma única crença. Embora o cristianismo tenha se difundido mais consistentemente por diversos cantos do mundo, determinando valores e formas de se portar, outras religiões também configuram o comportamento social das regiões nas quais são seguidas. Sendo assim, não causa espanto encontrar em escritos doutrinários supostos papéis que mulheres e homens devem ocupar na sociedade.

Ainda que a mitologia já trouxesse essas ideias, a doutrina cristã do **pecado original** talvez seja o conteúdo escrito mais ambíguo, ou, até mesmo, mal

interpretado, sobre o porquê existe a dominação de um sexo sobre o outro. Uma das formas de interpretação apresentadas é a de que a hegemonia do pensamento do marido sobre o da esposa pode se fundamentar pela criação de Eva a partir da costela de Adão, o que concede aos homens o direito de decidir o destino das mulheres, visto que, a mulher é uma extensão do homem, este, concebido em primeiro lugar, sendo dele a decisão final.

O homem deve ser o chefe do casal, pois foi criado em primeiro lugar e deu origem à mulher. É a ele, portanto, que cabe o poder de mandar. Embora São Paulo acrescente que os ordens do marido deverão ser temperadas pelo amor e o respeito que deve à sua mulher, embora reconheça nesta um poder de persuasão (simples poder da retórica), é ao marido que compete a decisão final. (BADINTER, 1985, p. 34)

A disseminação de ideias **deturpadas**¹⁴ fundamentadas em crenças religiosas proporciona um consolo, ou um conformismo, para as mulheres que, ao obedecerem a seus maridos, estão aliviando suas dívidas¹⁵ perante suas divindades, assim como para os homens, proporciona o poder de dominação, desde que maquiado pelo afeto destinado às esposas cientes de sua posição de pecadoras.

São Paulo resumiu as relações do casal numa fórmula famosa durante séculos: "Vós, maridos, amai as vossas próprias mulheres, como também Cristo amou a Igreja... assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos." (BADINTER, 1985, p. 34, grifos da autora)

A mulher que ousar desobedecer a seu marido está desprezando diretamente uma determinação de Deus "que quer a mulher sujeita ao marido, que é mais nobre e mais excelente (sic) do que a mulher, dado que é a imagem de Deus, e a mulher é apenas a imagem do homem" (BADINTER, 1985, p. 35). Esse pensamento se estende, inclusive para determinar a ocupação das posições de prestígio e poder máximo, como a monarquia, que, embora as rainhas possuíssem uma condição de destaque, sem um casamento e herdeiros, suas decisões ficavam limitadas e seu cargo ameaçado tanto pelos descendentes homens na linha de sucessão, quanto pelo clero que apoiava financeiramente os reinos.

¹⁴ A Bíblia pode ser lida de diversos modos e não é o objetivo da pesquisa julgá-la ou defendê-la, mas apresentar argumentos que expliquem como o discurso religioso, utilizado de maneira degenerada, pode disseminar ideias sobre papéis sociais e legitimação de injustiças.

¹⁵ No pecado original, Eva prova o fruto proibido, oferecendo-o a Adão que também o experimenta, e comete o primeiro pecado da humanidade, isso permite a entrada do mal e suas consequências para toda a humanidade, mas especialmente para as mulheres que foram as primeiras a sucumbirem às tentações.

Todos lucravam com essas analogias sucessivas: o pai de família, em magnificência e autoridade, o rei em bondade e santidade. O próprio Deus tornava-se mais familiar e próximo de suas criaturas. Restava a Bossuet resumir tudo isso numa fórmula soberba: "Os reis ocupam o lugar de Deus, que é o verdadeiro pai do gênero humano." (BADINTER, 1985, p. 40, grifos da autora)

Visto isso, fica evidente a ligação da construção da família unida por interesses econômicos e religiosos, com a necessidade de gerar herdeiros que não só levariam o nome do pai e suas riquezas, mas também dariam continuidade à sociedade fundamentada em determinada crença religiosa. Nesse raciocínio, os homens ganham poder dentro e fora de casa, a igreja se fortalece pelo exército de adeptos e as mulheres cumprem seu dever designado por Deus.

No entanto, ainda não justifica completamente a ideia de uma família fundamentada no amor materno, o amor que está ligado aos cuidados, à divisão sexual do trabalho sempre exigindo mais das mulheres, que faz as mulheres abrirem mão dos próprios interesses e necessidades para se sacrificarem pelos filhos, enquanto os homens, por mais que em algumas famílias forneçam **apoio**¹⁶ nas atividades da casa, na maioria das vezes permanecem livres para suas atividades, independente das urgências do lar.

Os cuidados, a atenção e a fadiga que um bebê representa no lar nem sempre parecem agradar aos pais. E estes, em diversos meios sociais, não têm êxito, segundo a expressão de Shorter, "no teste do sacrifício", o mais claro símbolo do que entendemos hoje por amor dos pais e, mais precisamente, por amor materno. (BADINTER, 1985, p. 63, grifos da autora)

A ideia de um amor materno baseado no sacrifício é o paradigma da atualidade, mas é relevante perceber que existem e existiram mulheres que quebram e quebraram esse padrão escolhendo seus interesses paralelamente às necessidades dos filhos, muitas vezes, os condenando à morte. A importância da aparição desse grupo está em derrubar a ideia de que as mulheres nascem com o dom da maternidade, o talento natural e a capacidade de aguentar qualquer situação adversa em prol dos filhos.

Para muitas delas, os pais tiveram escolhas a fazer entre seus interesses pessoais e a vida do filho. E muitas vezes foi a morte que escolheram, por negligência e egoísmo. Não nos devemos esquecer de que essas mães devem também ser levadas em conta na história da maternidade. Talvez não sejam suas representantes mais gloriosas, mas tiveram o mérito de desvendar-lhe uma imagem cruel. Não é, por certo, a única imagem da

¹⁶ A palavra **apoio** é propositalmente empregada, pois vem de um discurso comum proferido tanto pelos homens, quanto pelas mulheres, no qual as responsabilidades assumidas pelos homens no âmbito privado, são vistas como uma ajuda para as mulheres da casa, e não como uma obrigação que qualquer ser humano deve ter a partir do momento que vive nesse ambiente.

maternidade, mas é uma imagem que conta tanto quanto as demais. (BADINTER, 1985, p. 93)

Além de que é importante notar que não se aplica a mesma responsabilidade aos pais. Não é tão incomum encontrar filhos de mães solteiras quanto de pais solteiros, sendo o segundo caso, muitas vezes, causado pela morte da mãe no parto. Já os motivos pelos quais as crianças crescem sem pai envolvem abandono, em grande parte dos casos, gerando um conformismo social e, automaticamente, transferindo a responsabilidade dupla para a mãe que sofre repressões violentas caso não consiga cumprir com êxito (abrindo mão de sua vida pessoal) essa missão. Logo a responsabilidade materna acima de qualquer coisa vem de pressões sociais e não de um talento natural.

Por essa razão, muitas mulheres renunciaram aos cuidados dos filhos durante muitos períodos históricos, terceirizando a criação e, até mesmo, a amamentação quando havia possibilidades financeiras de fazê-lo. Por conseguinte, o trabalho de cuidar dos filhos nunca foi valorizado ou devidamente recompensado, nem mesmo em momentos que a geração de herdeiros era necessária para dar continuidade ao nome e às riquezas da família.

As mulheres não obtinham, pois, nenhuma glória sendo mães, e (sic) no entanto (sic) essa era sua função principal. Elas compreenderam que, para ter direito a alguma consideração, deviam seguir outro caminho que não o da maternagem, pela qual ninguém lhes mostrava gratidão. (BADINTER, 1985, p. 99-100)

O questionamento que surge a partir dessas considerações é o de como a sociedade inverteu essa tomada de consciência das mulheres sobre a falta de reconhecimento pelo seu trabalho de assumir a carga de cuidar dos filhos e transformou a responsabilidade que ninguém estava disposto a assumir em um dom proveniente do sexo feminino.

Segundo Badinter (1985, p. 53), médicos parteiros, dentre outros homens, tentaram estabelecer os deveres de uma mãe exemplar, contudo “Foi Rousseau, com a publicação de *Émile*, em 1762, que cristalizou as novas idéias (sic) e deu um verdadeiro impulso inicial à família moderna, isto é, a família fundada no amor materno”.

Para Badinter (1985), a obra de Rousseau (1762) descreve o modelo ideal de uma esposa e mãe, a partir da imaginação de um casamento de *Émile* com Sophie, seu oposto. *Émile* é imaginado forte, corajoso e inteligente, enquanto Sophie é fraca

e passiva, exatamente como uma esposa/mãe ideal deve ser. Além disso, a mulher da história também é modelada a partir do homem, bem como já se viu no pecado original.

A ideia de uma mulher passiva, submissa e dócil agrada a maioria dos grupos, pois dá liberdade aos homens de assumirem seu papel de provedores ativos do lar, à igreja de continuar disseminando as ideias de que as mulheres são a extensão dos homens, logo lhes devem obediência, e à sociedade em geral que sobrevive da exploração de alguns grupos por outros mais influentes. Contudo, tudo isso deve ser maquiado pela fantasia de um dom único e especial (para evitar rebeliões) que as mulheres carregam desde o nascimento, dom esse que nos faz abrir mão de todas as nossas vontades e necessidades para cuidar dos outros seres humanos; que nos faz assumir uma sobrecarga laboral e não receber nenhuma recompensa por isso; que devemos aceitar de bom grado, afinal estamos falando de um amor incondicional e ímpar que todas as mulheres, independente de já terem consolidado a maternidade, possuem.

2.6.1. MATERNIDADE NO MERCADO DE TRABALHO

A ausência de trabalhos específicos sobre a questão da maternidade no telejornalismo e a escassez de pesquisas de gênero envolvendo esse meio laboral nos fez direcionar nossas buscas para descritores abrangendo a maternidade, relações sociais e divisão sexual do trabalho. Desse modo, selecionamos algumas pesquisas em nível nacional para compreendermos quais as abordagens e focos de análise estão despertando o interesse dos/as pesquisadores/as que abordam essa temática.

O artigo *Proteção à maternidade: uma reflexão sobre apaziguamento e sedimentação das desigualdades entre homens e mulheres*, de Cintia Rodrigues e Mônica Sapucaia, contesta a legislação protetiva à maternidade como forma de atribuir às mulheres a responsabilidade dos cuidados com as crianças em vez de promover a igualdade entre os sexos. Segundo as autoras, mesmo quando, em 2016, aumentou-se a licença paternidade, a sanção da legislação foi no Dia Internacional da Mulher, o que direciona o benefício para as mulheres como se a participação paterna fosse um auxílio e não o cumprimento das funções que tanto o pai quanto a mãe devem exercer a partir do nascimento das crianças.

Com o objetivo de identificar o impacto da maternidade na carreira da mulher, o Trabalho de Conclusão de Curso de Cristina Almeida de Araujo, sob o título *O impacto da maternidade na carreira da mulher*, entrevista (por meio de um questionário online) nove mulheres em diferentes fases de suas carreiras. A autora notou nos discursos coletados que a maior dificuldade em conciliar a maternidade e as responsabilidades laborais foi a dificuldade em administrar o tempo, sentindo-se culpadas por falhar em algum dos dois papéis (de mãe ou profissional).

Da Faculdade Jorge Amado, sob o título *O impacto psicológico nas mães pelo nascimento de uma criança com Síndrome de Down*, o artigo de Fernanda Silva Ferreira analisa desde o impacto psicológico causado nas mães que geram crianças com Síndrome de Down, até o resultado desse impacto na relação da mãe com o bebê. Como conclusão, o estudo compreende que os impactos são variados e incertos abrangendo fatores subjetivos como medo, frustração, medo e sensação de incapacidade e que embora falte uma estrutura de correspondência entre as mães que passam pela experiência, estudos mostram que existem cada vez mais profissionais capacitados para auxiliar nesse momento.

O artigo de Greyce Rocha Beltrame e Tagma Marina Schneider Donelli, intitulado: *Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis*, apresenta uma investigação sobre o que as pesquisas atuais em bases de dados como Scielo, Pepsic, Bvi-psi e Google acadêmico refletem sobre carreira e maternidade, sendo o foco das buscas do artigo, estudos sobre mulheres que optam por conciliar esses dois projetos. Como conclusão, as autoras revelam uma pretensão de incentivar que se realizem pesquisas acerca do assunto, em âmbito nacional, afim de evidenciar não somente as divergências entre a maternidade e emprego, mas também as possibilidades de as mães investirem na carreira e na relação com o bebê.

Com uma abordagem um pouco diferente dos trabalhos anteriores, o artigo de Maria Cristina Rocha Silva e Fabio Alexandre Ferreira Gusmão, intitulado: *Os impactos da maternidade precoce sobre o desempenho escolar das adolescentes brasileiras: uma análise das pesquisas de 1995 a 2015*, analisa a maternidade precoce de adolescentes brasileiras. Por meio de pesquisas bibliográficas em bases de dados nacionais, os autores encontram nos resultados para gestação precoce, a ausência de informações sobre sexualidade e métodos contraceptivos, contudo as adolescentes de baixa renda que possuem conhecimento sobre o assunto não utilizam esses métodos por falta de acesso a eles; isso resulta no abandono das

atividades escolares e a propagação da pobreza e da falta de qualificação profissional para inserção no mercado de trabalho.

De Rodrigo de Oliveira Andrade, o artigo para a Revista Pesquisa FAPESP, intitulado *Maternidade no currículo*, avalia os impactos das funções maternas na carreira científica, a partir de um projeto chamado Parent in Science que entrevistou 1182 pesquisadoras, sendo 921 mães, as quais apontaram como principal obstáculo, conseguir financiamento para projetos de pesquisas. O projeto percebeu uma queda na produtividade das pesquisadoras que se tornaram mães, fator esse que norteia a decisão das agências financiadoras de projetos de pesquisa.

Mais um trabalho que realiza uma revisão de literatura abordando trabalhos que contemplem as temáticas da maternidade e trabalho em um mesmo estudo, o artigo: *Os impactos da maternidade sobre o trabalho: uma visão dos empregadores e das mães* de Antonia Maria Gimenes, Fernanda Mendes Caleiro e Simone Felix de Souza selecionou 356 artigos científicos, sendo que apenas 40 se encaixaram no assunto. Concluíram as autoras que embora ocorreram progressos relacionados aos direitos das mulheres no meio laboral, assuntos como amamentação ainda precisam de uma atenção maior, estando mais uma vez em foco a necessidade da elaboração de estudos que envolvam as mães trabalhadoras e suas necessidades.

Com o objetivo de analisar o impacto do nascimento de gêmeos na primeira gravidez sobre o engajamento da mulher na força de trabalho, o artigo *A Maternidade Afeta o Engajamento da Mulher no Mercado de Trabalho?: Um Estudo Utilizando o Nascimento de Gêmeos como um Experimento Natural*, de Elaine Toldo Pazello, obtém os resultados de que o aumento não planejado no número de filhos tem efeito negativo na probabilidade de participação das mulheres no mercado de trabalho, contudo esse impacto é apenas de curto prazo. O estudo não encontrou evidências de alteração de salário ou horas trabalhadas no longo prazo entre mulheres que tiveram gestação de gêmeos ou não-gêmeos, porém, no curto prazo, esses dados se mostraram aparentemente contraditórios.

No Boletim Legislativo do Senado Federal, Roberta Viegas e Silva publica o texto *Maternidade e mercado de trabalho – avanços possíveis* que procura avaliar os reflexos da maternidade na carreira das mulheres. O conteúdo escrito faz um comparativo da situação das mães trabalhadoras no Brasil e em alguns outros países, chegando a conclusão de que as licenças maternidade e paternidade necessitam de

melhorias, bem como o acesso a creches e pré-escolas, dando um foco maior para as crianças.

Avaliando de forma generalizada todos os artigos citados, percebe-se uma convergência na ideia de que é necessário ampliar a quantidade de estudos envolvendo as mães e o meio laboral, pois essa temática envolve muitos fatores que deveriam ser evidenciados para a realização de mudanças e melhorias, como as licenças maternidade e paternidade, a amamentação após o retorno ao trabalho, o acesso a creches e pré-escolas, os casos envolvendo cuidados especiais e a queda na produtividade das mães que retornam às atividades profissionais, o que é uma situação temporária, já que uma ou mais crianças promovem muitas mudanças na rotina das famílias e de modo especial, na vida das mulheres. Com base nos estudos aqui apresentados, consideramos que a pesquisa que estamos realizando pode contribuir com a diminuição das lacunas acerca dos impactos da maternidade nas carreiras profissionais das mulheres.

3. METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar os impactos da maternidade no desenvolvimento profissional das mulheres telejornalistas paranaenses a presente pesquisa se enquadra na categoria qualitativa, sendo o tipo de pesquisa cujos “[...] levantamentos sociais podem capturar uma ampla área ou população, permitindo assim uma medida descritiva da extensão de uma preocupação em particular [...]” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 55).

Outras esferas nas quais o estudo se enquadra são: gênero, por tratar da realidade das mulheres no meio laboral, caso, pois trata de um grupo específico de profissionais em um segmento específico da comunicação, quantitativa, pois envolve a manipulação de dados numéricos sobre as equipes das redações coletados em pesquisa de campo, contextual, pois investiga o cenário jornalístico e bibliográfica.

O primeiro passo para a produção deste estudo foi a realização de uma pesquisa bibliográfica (apresentada no capítulo anterior), a qual é desempenhada por meio de um conteúdo já produzido que inclui essencialmente livros e artigos científicos (MOREIRA; CALEFFE, 2006). Nessa pesquisa analisamos seis temáticas inter-relacionadas que envolvem o universo do trabalho e a distribuição de papéis sociais, para enfim entender a questão da maternidade em um meio laboral.

Coletados os dados bibliográficos, realizamos pesquisas de campo a fim de investigar o meio telejornalístico e reunir informações como: números de profissionais de cada sexo nas redações dos telejornais, nos cargos de visibilidade (bancadas dos telejornais) e de gerência, bem como quantos/as desses/as profissionais possuem filhos.

O contato inicial para a coleta dessas informações se sucedeu via telefone, quando ligamos para as emissoras e descobrimos os/as profissionais responsáveis por fornecer esses materiais. Ao encontrarmos os/as detentores/as das informações necessárias, enviamos uma tabela, via e-mail, solicitando os dados a seguir:

EMISSORA – Relação de profissionais e distribuição de cargos				
	Homens	Mulheres	Mães	Pais
Redação dos telejornais				
Cargos de chefia				
Apresentação dos telejornais				

Foi necessário insistir pelos materiais, em algumas emissoras, em decorrência da quantidade de informações que esses/as profissionais recebem diariamente, entretanto nem todas as emissoras puderam ou quiseram disponibilizar os dados solicitados, como a RPC e a Rede Massa, sob a justificativa de que, por serem informações pessoais dos/as funcionários/as, não haveria possibilidade de repassá-las.

Para compensar ausência dos dados, foi possível descobrir, no site das emissoras, os/as apresentadores/as dos telejornais e, nas redes sociais, pesquisar se possuem filhos/as ou não, no entanto os cargos de gerência e o número de profissionais das redações não são revelados com exatidão por esses métodos.

Esses dados permitiram cruzar informações com as entrevistas semi-estruturadas, “o meio entre a entrevista estruturada e a entrevista não-estruturada” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 169), que realizamos com mulheres que são mães inseridas nesse meio, com intuito de compreender suas percepções e desafios enfrentados na carreira por decorrência da condição materna.

Ao total foram realizadas entrevistas com dez jornalistas inseridas nas seguintes emissoras: BAND, Paraná Educativa, Rede Massa, RIC e RPC. O objetivo inicial era contemplar apenas quatro emissoras, contudo a Paraná Educativa surgiu como uma oportunidade de ampliar a pesquisa, no decorrer da fase em campo. Escolhemos essas emissoras, pois são as que apresentam maior audiência, maior número de profissionais nas equipes e todas estão localizadas na cidade de Curitiba que é o local de nossa residência e onde se encontra a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a instituição que acolhe nossos estudos.

O contato com as profissionais foi realizado por meio de redes sociais (Whatsapp e Facebook), indicação das colegas, ou via telefone e as entrevistas foram realizadas pessoalmente, no interior das emissoras, durante o expediente ou no período de encerramento do expediente de cada uma.

O questionário combinou um quadro geral (Apêndice 1), que forneceu informações cotidianas sobre cada entrevistada, com as entrevistas semi-estruturadas. Com a elaboração do quadro geral foi possível compreender, relativamente, o perfil das profissionais que integram esse meio profissional e com as perguntas foi possível entender como elas encaram esse cenário e quais os impactos da maternidade na experiência profissional de cada uma.

O conteúdo das entrevistas foi coletado por meio de gravadores eletrônicos que, posteriormente, permitiram a transcrição, na íntegra, dos discursos emitidos. Na sequência, enviamos, por e-mail, o material transcrito para cada profissional que demonstrou interesse em recebê-lo, a fim de obter uma confirmação sobre as falas, embora previamente tenhamos solicitado o preenchimento de um documento que libera o uso do discurso coletado.

As mães contribuintes da pesquisa não foram escolhidas por nenhum recorte de idade, raça/etnia, cargo, dentre outros, exceto por serem mães e telejornalistas paranaenses. O número de entrevistadas também não se sucedeu por uma escolha prévia, mas pela oportunidade e pela disponibilidade das profissionais no período que estivemos em campo. A escassez de tempo nos impediu de realizar entrevistas com homens, as quais faziam parte dos objetivos iniciais. Por conseguinte, realizou-se as entrevistas no mês de outubro do ano de 2018, as quais totalizaram 220 minutos de gravação, com duração média 22 de minutos.

Para a tabulação dos materiais apanhados, realizamos uma análise de conteúdo, definida por Laurence Bardin (1977, p. 09) como “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis (sic) em constante aperfeiçoamento que se aplicam a <<discursos>> (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. O método de Bardin (1977) permite segmentar as informações coletadas nas entrevistas por estratégias como referenciação de índices, elaboração de indicadores, recorte das informações pertinentes, codificação e categorização. Como estratégia para agrupar os discursos, escolhemos a técnica de recortes por temática, usualmente utilizada em entrevistas semi-estruturadas.

3.1. QUADRO GERAL

Para facilitar a visualização do perfil das entrevistadas, antes de iniciarmos as perguntas abertas, solicitamos às profissionais que respondessem a um quadro geral que nos fornecesse informações como idade, número de filhos, estado civil, dentre outras. Esse quadro permite compreender com mais clareza o conteúdo explicado nas entrevistas e, também, perceber se há um padrão ou se as vivências e disposições profissionais são diferentes.

Quadro 1 – Quadro geral com os dados das entrevistadas

Jornalistas	Idade	Nº filhos/as	Idade filhos/as	Renda familiar	Cor ou raça (classificação de acordo com o IBGE)	Estado civil	Tempo no telejornalismo	Idade que se tornou mãe	Companheiro/a na ocasião	Ajuda nos cuidados com os filhos
Adriana	43 anos	2 meninos	12 e 6 anos	Não informado	Branca	Casada	18 anos	35 anos	Sim	Companheiro
Alessandra	46 anos	1 menina	10 anos	R\$8000,00	Branca	Casada	20 anos	35 anos	Sim	Sim
Ana Claudia	44 anos	2 meninas	14 e 11 anos	Não informado	Branca	Divorciada	19 anos	30 anos	Sim	Não
Fabiana	33 anos	1 menino	1 ano	R\$9000,00	Branca	Casada	8 anos	31 anos	Sim	Companheiro
Fátima	33 anos	1 menino	1 ano	R\$9000,00	Branca	Casada	9 anos	32 anos	Sim	Avó materna e creche
Francine	29 anos	1 menino	3 anos	Entre R\$7000,00 e R\$10.000,00	Branca	Casada	2 meses	26 anos	Sim	Avós
Ivete	51 anos	3 meninos	23, 22 e 16 anos	Acima de R\$35.000,00	Branca	Casada	17 anos	28 anos	Sim	Sempre
Luanne	42 anos	1 menina	14 anos	Acima de R\$9500,00	Amarela	Casada	18 anos	27 anos	Sim	Avó materna
Maria Eduarda	36 anos	1 menina	9 anos	R\$9000,00	Branca	Casada	16 anos	25 anos	Sim	Avó materna
Solange	49 anos	Casal	17 e 14 anos	R\$8000,00	Branca	Casada	28 anos	32 anos	Sim	Não, mas antes o avó materno

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

As respostas fornecidas pelas entrevistadas não foram alteradas para se encaixarem nos tópicos questionados, logo quando utilizamos o termo “ajuda” no último item do quadro, nos referíamos à rede de apoio que auxilia as mães entrevistadas nos cuidados com os/as filhos/as, no entanto, algumas das telejornalistas categorizaram o companheiro como “ajudante”, mostrando que, para algumas dessas mães, essa tarefa é vista como uma responsabilidade materna ou é tratada de tal forma pelo pai das crianças.

A partir da análise desses dados e das posições ocupadas, descritas no tópico anterior, percebeu-se que a média de idade entre elas é de quarenta anos e que a quantidade de filhos/as, exceto da Ivete Azzolini que é mãe de três filhos, é de um/uma a dois/duas. A questão da cor e raça é representada 90% por mulheres brancas nesse grupo de entrevistadas, com exceção de Luanne Tsuchima que possui a cor de pele amarela, enquanto o estado civil se apresenta com a mesma porcentagem para mulheres casadas, sendo apenas Ana Claudia Freire divorciada.

Todas as entrevistadas possuíam companheiros na ocasião em que seus/suas filhos/as nasceram, enquanto a rede de apoio varia entre ninguém para auxiliar, o companheiro (em apenas dois casos) e avós das crianças, principalmente a avó materna. Já a idade que se tornaram mães ficou entre 25 e 35 anos, sendo que a Adriana Milczewsky se tornou mãe pelo processo de adoção, o que torna seus dados singulares com relação a idade dos filhos.

A renda familiar, dentre as entrevistadas que optaram por informá-la, varia entre R\$7.000,00 e mais de R\$35.000,00, o que dificulta estabelecer uma média, mas, considerando a maioria das respostas, o valor médio ficaria entre R\$8.000,00 e R\$9.000,00. Já o tempo de atuação na profissão, especificamente no telejornalismo, apresentou-se desde 2 meses no exercício, até 28 anos.

A questão da idade dos/as filhos/as varia de crianças de 1 ano de idade até jovens de 22/23 anos. Esse dado converge com a ocupação de cargos, apresentada anteriormente, pois as mães que estão em cargos de gerência possuem filhos/as que já estão na adolescência ou juventude. Buscaremos confirmar esses dados na análise das entrevistas para ver se é um fator apenas coincidente ou realmente a condição de ascensão, nesse meio profissional, é maior para mulheres cujos/as filhos/as já estão em fases que não necessitem de cuidados tão intensos quanto dos/as filhos/as pequenos.

3.2. BASTIDORES DAS ENTREVISTAS

Com a realização de entrevistas gravadas em áudio, reações e emoções, muitas vezes, não são contempladas nas transcrições, embora os discursos revelem muito sobre a realidade enfrentada pelas entrevistadas. Durante as entrevistas, algumas das mães se emocionaram, de forma que foi possível notar mudanças no tom de voz e nas pausas ao longo dos relatos, contudo, além de emoções fatores como a recepção, local de diálogo e o encerramento das conversas também apresentaram relevância no processo.

Durante a fase em campo, a recepção foi positiva em todas as emissoras, tanto pelas entrevistadas, quanto pelo restante da equipe que possibilitou o encaminhamento para o local certo de encontro com as telejornalistas, de modo que apenas uma delas optou por conceder a entrevista fora do local de trabalho. As conversas foram realizadas em salas de reuniões ou na própria redação das redes televisivas, contudo duas delas não se importaram de conversar em áreas de acesso comum, como o refeitório e hall de recepção da emissora. Os/as demais funcionários/as que passavam nos momentos de gravação demonstravam curiosidade, contudo não interrompiam a entrevista.

Algumas das entrevistadas demonstraram cautela na realização das narrativas, o que acabaram perdendo no decorrer dos discursos, posto que, no momento de despedida, muitas das participantes demonstraram alegria e empolgação, de modo que, algumas delas, se dispuseram a indicar outras profissionais para participarem da pesquisa, o que foi essencial para obter 10 participantes em um curto período.

Parte das profissionais demonstrou receio em explicar situações envolvendo as relações entre colegas de trabalho ou chefia, contudo ressaltaram a importância de desvelar a condição das mulheres, principalmente as que são mães, no mercado de trabalho, expressando satisfação em serem ouvidas. Essa satisfação se registrou virtualmente pela resposta de uma das entrevistadas que, no contato via e-mail, agradeceu por contarmos sua história.

De forma geral, a carga emocional auxiliou na compreensão da realidade enfrentada pelas mães telejornalistas, contribuindo para uma análise baseada não somente em sujeitos e discursos, mas em seres humanos dividindo seus anseios e experiências, com intuito de desvelar um meio que, embora esteja exposto nas telas de televisões, não reflete a realidade enfrentada por esses/as profissionais.

4. DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo realizaremos as análises das entrevistas coletadas, bem como o cruzamento com os dados coletados em campo, como o número de mulheres e homens em cargos de chefia e visibilidade e quantos/as desses/as profissionais possuem filhos. Desse modo, poderemos ter um embasamento maior sobre a realidade do meio e como as telejornalistas a enxergam.

4.1. REDES TELEVISIVAS

Escolhemos as emissoras de transmissão regional e nacional, sendo que a ideia inicial englobava as emissoras: BAND, Rede Massa, RIC e RPC, contudo surgiu, durante as entrevistas, a oportunidade de incluir a Paraná Educativa na pesquisa. No entanto, embora as emissoras possuam afiliações em nível nacional, os dados coletados em campo não contemplam informações sobre as equipes do Brasil todo, mas apenas do Estado do Paraná, que é o foco da pesquisa. Sendo assim, reuniram-se os seguintes dados:

1) BAND TV

A TV Bandeirantes Curitiba é uma emissora de televisão Brasileira, própria da Rede Bandeirantes, que opera no canal 2 de TV aberta e no canal 38 da HDTV, estando entre as quatro maiores redes televisivas do Estado do Paraná. Pertence ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, em sociedade com o Grupo J. Malucelli, de modo que seus proprietários são os empresários Johnny Saad e Joel Malucelli.

Sua grade de programas veiculados no Paraná inclui sessenta e cinco programas, sendo oito noticiários e o restante de entretenimento, sendo que desses noticiários, três são veiculados no Estado do Paraná.

2) PARANÁ EDUCATIVA

Localizada em Curitiba, a Paraná Educativa é uma autarquia do Governo do Paraná que possui autonomia administrativa, financeira e técnica. A rede administra o Canal da música, uma emissora de TV e duas rádios, todos voltados para a produção e divulgação cultural e artística no Estado do Paraná. Sua afiliação é mista com a TV Cultura e a TV Brasil.

A programação da emissora é transmitida pelo canal 9 da TV aberta e pelo canal 36 da UHF Digital, sendo composta por 39 programas de entretenimento em nível nacional, 11, em nível regional, 3 noticiários nacionais e 2 locais.

3) REDE MASSA

Afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, a Rede Massa surgiu em 2008 com a compra das empresas do Grupo Paulo Pimentel pelo empresário e apresentador Carlos Roberto Massa (popularmente conhecido como Ratinho). A fusão da Rede Massa de televisão, com o Massa FM e o Massa News, forma o Grupo Massa, que está dentre os maiores do Estado do Paraná.

O sinal da emissora é transmitido pelo canal 4 da TV aberta e pelos canais 21, 23, 28 e 39 da UHF Digital, sendo a programação segmentada em: 3 noticiários veiculados no Paraná, 9 programas de entretenimento produzidos no estado e 5 produções independentes. Já em nível nacional, o SBT possui 40 programas de entretenimento e 7 noticiários no momento.

4) RIC TV

Fundado pelo empresário Mário Petrelli, o Grupo Rede Independência de Comunicação – RIC é hoje o segundo maior grupo de comunicação regional do Sul do Brasil, investindo, principalmente, no projeto televisivo, por meio da RIC TV. A RIC TV teve sua fundação em 1987, mas utilizava o nome: TV Independência de Curitiba, a qual retransmitia a programação da Rede Manchete. Contudo, em 1995, afiliou-se a Rede Record, com a qual permanece até a atual data.

Os canais de transmissão dessa emissora são, na TV aberta, o canal 7 e na UHF Digital, canal 34. A programação transmitida incluiu 11 noticiários e 14 programas de entretenimento em nível nacional e 4 noticiários estaduais (cada um veiculando as notícias da cidade mais próxima da transmissão) e um programa regional de entretenimento, também segmentado por região.

5) RPC TV

O Grupo Paranaense de Comunicação – GRPCOM, surgiu por meio da fusão de vários veículos de comunicação, sendo os primeiros, adquiridos pelos empresários Francisco Cunha Pereira Filho e Edmundo Lemanski, o jornal Gazeta do Povo e a

Rede Paranaense de Comunicação – RPC. A RPC é, atualmente, a maior emissora do Estado do Paraná e é afiliada à Rede Globo, a maior emissora em nível nacional.

A programação dessa emissora é transmitida pelo canal 12 da TV aberta, contudo no UHF digital, tem um canal diferente para cada região, dentre eles, os canais: 32, 53, 41, 42 e 43. Ao total, no presente momento, a emissora transmite 43 programas de entretenimento, 5 telejornais nacionais e 4 locais.

4.2. CRUZAMENTO DOS DADOS

As entrevistas nos permitem compreender a realidade das profissionais participantes, de acordo com a posição que ocupam e a emissora nas quais estão inseridas, no entanto é importante conhecermos o cenário geral das emissoras selecionadas, para entendermos a distribuição de cargos e as oportunidades ofertadas para ambos os sexos.

Dentre as cinco emissoras selecionadas, somente a BAND forneceu os dados completos, a RIC viabilizou dados parciais e as demais não ofereceram dados, de modo que a RPC justificou não ter permissão de disponibilizar informações pessoais dos/as funcionários/as. Com os materiais disponibilizados nos sites das emissoras Rede Massa e RPC, foi possível coletar dados sobre a apresentação dos telejornais, contudo não é possível ter acesso sobre as equipes de redação e cargos de chefia do mesmo modo. Por conseguinte, segmentamos em tabelas, o que foi possível reunir, para tornar mais simples a visualização.

Tabela 6 - Equipe de redação dos telejornais das emissoras paranaenses no ano de 2018.

Redação dos telejornais – Cenário Geral				
	Homens	Mulheres	Mães	Pais
BAND	11	6	3	8
EDUCATIVA	--	--	--	--
REDE MASSA	--	--	--	--
RIC	62	42	23	--
RPC	--	--	--	--
TOTAL	73	48	26	8

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Tabela 7 – Cargos de chefia do telejornalismo paranaense no ano de 2018.

Cargos de chefia – Cenário Geral

	Homens	Mulheres	Mães	Pais
BAND	2	0	0	1
EDUCATIVA	--	--	--	--
REDE MASSA	--	--	--	--
RIC	1	3	1	--
RPC	--	--	--	--
TOTAL	3	3	3	1

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Tabela 8 - Apresentação dos telejornais paranaenses no ano de 2018.

Apresentação dos telejornais – Cenário Geral				
	Homens	Mulheres	Mães	Pais
BAND	3	1	0	1
EDUCATIVA	--	--	--	--
REDE MASSA	9	1	0	8
RIC	10	1	1	0
RPC	5	4	2	3
TOTAL	27	7	3	12

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Tabela 9 – Distribuição de cargos do telejornalismo paranaense no ano de 2018.

TOTAL – Relação de profissionais e distribuição de cargos				
	Homens	Mulheres	Mães	Pais
Redação dos telejornais	73	48	26	8
Cargos de chefia	3	3	1	1
Apresentação dos telejornais	27	7	3	12

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Com base nas tabelas apresentadas, pode-se constatar que, embora contemos com a ausência de informações, nos é permitido compreender que há uma desigualdade de gênero desde a base de composição das equipes, ocorrendo um equilíbrio na ocupação de cargos de chefia e declinando na apresentação dos

telejornais. Desse modo, as bancadas de telejornais (que contemplam nossos dados mais completos) são ocupadas majoritariamente por homens, dentre os quais, muitos são pais.

O cenário geral prevalece sob o domínio masculino, contudo as mulheres estão alcançando cargos superiores e a maior parte feminina das equipes de redação é composta por mães, o que revela que as mães encontram oportunidade de inserção e permanência no meio, embora façam parte da minoria (que compreende as mulheres) dentro das emissoras.

4.3. AS MÃES TELEJORNALISTAS

Esta pesquisa contou com a participação de 10 mulheres, profissionais do telejornalismo, que são mães em diferentes fases maternas e posições profissionais, inseridas em cinco emissoras do Estado do Paraná: BAND, Paraná Educativa, Rede Massa, RIC e RPC. Dentre as entrevistadas, apenas uma optou por omitir sua identidade, de modo que, para esta, utilizaremos identidade anônima.

As profissionais que optaram por se identificarem ocupam cargos de gerência, visibilidade e bastidores, dentre elas, Adriana Milczevsky, inserida na RPC, é editora e apresentadora na emissora, equilibrando sua rotina profissional, da qual participa há dezoito anos, com os dois filhos de seis e doze anos. Alessandra Consoli, inserida na RIC, atua como editora, editora-chefe e apresentadora do RIC Notícias; tem vinte anos de profissão e é mãe de uma menina de dez anos.

Ana Claudia Freire é mãe de duas filhas com as idades 11 e 14 anos e atua como chefe de reportagem na RPC. Fabiana Oliveira é mãe de um menino de um ano e dez meses e atua como produtora na RIC, estando na profissão há oito anos. Por conseguinte, Francine Lopes, repórter da Paraná Educativa, passou a maior parte de sua carreira atuando nas rádios, tendo migrado para o telejornalismo há dois meses, enquanto concilia os cuidados com o filho de três anos.

Atuando como gerente de jornalismo, Ivete Azzolini, mãe de três filhos com as respectivas idades: 16, 22 e 23 anos, está no telejornalismo há dezessete anos e trabalha na emissora RIC. Já Luanne Tsuchima, em seus dezoito anos de profissão, atua como editora na Rede Massa e na Paraná Educativa, adequando sua dupla rotina profissional, com as necessidades da filha de quatorze anos.

Produtora na Paraná Educativa, Maria Eduarda Giglio, atua no telejornalismo há dezesseis anos, procurando harmonizar os cuidados com a filha de nove anos,

com a carreira. Por fim, com maior tempo de profissão dentre todas as entrevistadas, Solange Berezuk, atua como repórter no telejornalismo há vinte e oito anos, sendo mãe de um casal de filhos de dezessete e quatorze anos.

A mescla de diferentes posições profissionais e fases maternas gerou uma diversidade de contribuições sobre a realidade do meio, contudo, observou-se uma série de convergências nos discursos sobre questões como a aparência, a necessidade de flexibilidade de horário e a centralização dos cuidados nas mulheres, sejam elas mães, avós ou outras figuras femininas. Esses tópicos serão analisados mais detalhadamente nos subcapítulos posteriores.

4.4. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Como já explicamos anteriormente, no capítulo sobre a metodologia de pesquisa, nossas pesquisas de campo contemplam entrevistas semiestruturadas de caráter qualitativo, envolvendo mulheres inseridas no telejornalismo que possuam filhos/as. Desse modo, o questionário contou com perguntas que abordassem a experiência delas, bem como a visão de cada uma sobre os papéis, as responsabilidades e os desafios enfrentados pelo sexo oposto.

As entrevistas foram transcritas na íntegra, sem alteração de ordem ou vocabulário, logo podem ocorrer frases incompletas ou expressões repetidas, pois, às vezes, no meio do raciocínio, a entrevistada se lembrou de algum fato que achou interessante para o momento e acabou perdendo a ordem de seus pensamentos ou tinha o costume de repetir frases ou palavras enquanto organizava suas ideias.

A partir da exploração dessas entrevistas, percebeu-se algumas categorias de análise apresentadas em discursos análogos ou díspares¹⁷, desse modo elaborou-se um total de seis temáticas que contemplam os assuntos mais comentados pelas profissionais participante. Segundo Bardin (1977, p. 105), “Fazer um análise temática (sic), consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o

¹⁷ Discursos análogos, nesse contexto, representam as afirmações que se complementam entre as narrativas emitidas e geram temáticas de análise, já os discursos díspares, mostram situações incomuns (em meio a população analisada) ou ideias discordantes com relação a maioria dos relatos, mas também corroboram para a formulação de temáticas.

objetivo (sic) analítico escolhido”. Sendo assim, utilizaremos essa unidade de registro e contexto, da análise do conteúdo, para compreendermos os discursos coletados.

Para chegarmos aos temas de análise, realizamos recortes dos discursos mais frequentes nas entrevistas, sendo que, alguns temas, se configuraram de maneira conflituosa justamente por refletirem os anseios explicitados pelas profissionais. Isto posto, elaboramos um quadro de recortes para facilitar a visualização dessas escolhas, contudo a análise temática utilizará fragmentos mais longos e completos sobre as visões das telejornalistas contribuintes. Para poupar espaço no quadro, utilizamos as iniciais de cada entrevistada, contudo, na análise temática, manteremos o nome completo das contribuintes.

Quadro 2 - Recortes de discursos mais frequentes para a segmentação por temas.

TEMA 1: REALIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL X CULPA
Discursos análogos
FO: nunca foi segredo pra ninguém que eu já queria ter um filho. FO: porque a sensação que eu tinha no início era de abandono. A: aí eu descobri que eu não podia engravidar [...] em janeiro do ano seguinte eu descobri que tava grávida.. A: Só pensei em ter filho depois que eu já tava estável na carreira A: eu sentia muita culpa, uma culpa muito forte, eu vinha trabalhar chorando, voltava do trabalho chorando. AM: Então a minha questão era muito mais ser mãe do que ser mãe no jornalismo. LT: Foi o primeiro emprego como jornalista, então eu quis dar uma estabilizada pra depois ser mãe. LT: E acho que a culpa sempre vem de você não tá perto, que você podia tá mais próxima da tua filha, sabe? FL: eu sempre tive o sonho de ser mãe. FL: realizei um sonho meu que era ser mãe vinte e quatro horas por dia SB: então eu acho que se eu pudesse voltar assim, eu aproveitaria ainda mais. ACF: Eu acho que eu teria curtido mais tanto a maternidade quanto as minhas filhas pequenas.
Discursos díspares
Não detectados na categoria.
TEMA 2: SORTE E PRIVILÉGIO X PRODUTIVIDADE

Discursos análogos

AC: Dois anos depois eu fui demitida porque eu não estava mais dentro dos padrões da emissora.

AC: Então eu tive a sorte de ter um marido que é uma mãe também.

AC: Acho que isso é sorte, no mundo que a gente tá, é muita sorte.

AC: Eu acho que o mercado ainda privilegia muito essa questão estética.

IA: consegui ter o privilégio de conviver muito com os meninos nessa fase da primeira infância.

IA: eu não enfrentei, porque eu sou uma privilegiada, volto a dizer.

FO: mas eu tenho bastante sorte, primeiro por ter um marido da mesma profissão.

FO: Então, hoje eu tenho o privilégio de trabalhar numa empresa que muitas mulheres ocupam postos importantes.

FB: então a tua aparência não é tua, a tua aparência é da empresa.

AM: o peso é um ponto que precisa de um cuidado maior.

TS: Olha, eu me considero uma pessoa privilegiada.

MEG: eu realmente tenho essa facilidade porque eu tenho apoio familiar

FL: mas como o meu marido sempre esteve em dois empregos, por uma escolha minha assim, acabei decidindo largar o trabalho para me dedicar ao meu filho.

FL: o sacrifício é você ter que estar, não é intacta, mas arrumada pra aparecer no vídeo.

SB: Se ela tiver um apoio, ótimo, ela consegue se dedicar, ela é tratada da mesma forma, agora se ela não tiver, é complicado.

SB: se você tem um chefe ou uma chefe que entendem a sua situação, é bem fácil, agora tem chefe que não entende.

ACF: Eu acho que essa questão atinge muito quem é de vídeo, que aí tem essa ditadura mesmo.

FO: dificilmente uma mulher com filhos vai ter as mesmas oportunidades de uma mulher sem filhos.

Discursos díspares

MEG: não vejo nenhuma diferença de tratamento, como eu falei.

IA: Não tem estigma. Na minha visão de jornalista e gestora, não há estigma nem pro masculino e nem pro feminino quando se trata de profissão.

AM: Não, eu acho que é até o oposto, pois as mulheres que tem filhos já são mães, as que não tem ainda podem ter.

ACF: Aí a gente dá prioridade pra quem é solteiro. Os solteiros não gostam: “ah, que daí a gente se sacrifica porque a gente não tem filho.

TEMA 3: TRABALHO FULL TIME X COMPETÊNCIA

Discursos análogos

AC: trabalho *full time*, mas eu priorizo o contato com ela.

IA: Hoje muito mais, eu diria que até extrapolo as vinte e quatro horas, porque você não para, você emenda um dia no outro.

A: eu vi que algumas coisas na minha rotina mudaram porque a empresa já não pode contar comigo como contava antes.

A: Ninguém nunca vai me dar essa chance, porque eu não tenho como ficar *full time* dedicada a isso.

FL: eu entrava cinco e meia na verdade, e levava ele comigo, enfim, foi seis meses bem difíceis assim.

FL: poucas tem cargos de chefia, cargos que exigem que elas, enfim, tem que ficar mais tempo no trabalho.

FL: Principalmente daí na questão de competência, é pela disponibilidade de tempo.

ACF: o fato de eu não estar presente aqui na TV às quatro da tarde não significa que eu não esteja trabalhando.

Discursos díspares

IA: eu fiz uma escolha por competência.

IA: Eu não vejo que tem estigma, eu vejo que tem sempre uma questão de competência.

LT: eu acho que prevalece a competência, o histórico profissional.

TEMA 4: ELE É PRESENTE MAS...: O PAI APOIO/SUPORTE

Discursos análogos

AC: eu tenho o meu companheiro que me ajuda.

AC: os homens ainda dominam os cargos principalmente de chefia porque eles ainda não têm tanta preocupação com a casa.

FO: ninguém nunca liga pra ele: “ah, seu filho tá doente, então vem correndo buscar”.

A: De resto não faz diferença porque sempre a esposa fica cuidando do filho.

AM: No mercado tanto faz para os homens se são pais ou não são pais. Ninguém pergunta.

LT: se ela precisa de alguma coisa ela pede primeiro pra mim, se eu não posso, daí ela vai pro pai.

LT: parece que o homem sempre põe a vida profissional, não em primeiro lugar, mas a preocupação profissional não sei se vem antes

FL: Então, já os pais tem cargos de chefia.

FL: Não porque eles, em sua grande maioria, têm as mães do outro lado.

SB: o homem não é criado pra ser um pai com as mesmas responsabilidades de uma mãe, mesmo com tudo que mudou.

ACF: ele é um pai presente pra elas, colabora com a pensão, tá tudo certo, tudo ok, mas assim, na hora que o bicho pega, na hora que aperta [...] é comigo, é com a mãe.

Discursos díspares

IA: Eu acho que ele tem uma responsabilidade maior.

IA: Eu acho que eles sofrem mais que a gente.

AM: Na minha casa, o meu marido não me ajuda, ele divide as tarefas comigo.

MEG: Acho que é uma das profissões mais igualitárias assim de espaço, na minha opinião.

ACF: O fato de eu ser mãe, nunca implicou aqui no sentido de ter uma promoção, de mudar de cargo, de ter um cargo de chefia.

TEMA 5: SE NÃO FOSSE A MINHA MÃE...: A REDE DE APOIO

Discursos análogos

AC: E nisso foi fundamental ter uma chefe mulher.

IA: Em viagens eu sempre tive apoio, a pessoa acabava ficando comigo.

A: Então, se eu não tivesse a minha mãe pra me ajudar

LT: porque eu conto com a ajuda da minha mãe *full time*.

MEG: com o horário de jornalista ou a falta de horário é meio complicado mesmo ter mais um filho pra “a avó criar”.

MEG: Porque eu tenho ajuda da minha mãe.

FL: mas aí eu deixo na casa de uma avó, uma tarde, no período que ia na escola.

SB: E se tiver um apoio, melhor ainda, porque daí você consegue tocar os dois mesmo.

ACF: Conto com a ajuda, lógico, dos familiares, mas o grosso, o pesado é com a mãe.
Discursos díspares
SB: eu não tive nenhuma ajuda materna, minha mãe já era falecida quando nasceu a minha filha.
TEMA 6: É NECESSÁRIO ESCOLHER ENTRE OS/AS FILHOS/AS E O TRABALHO?
Discursos análogos
AC: E muitas mulheres são chefes de família sozinhas. IA: acho que teve um diálogo no sentido de que: ok, eu sei que quando a mãe tá aqui ela tá aqui, mas que ela também precisa responder. A: eu não vou ser 100% mãe perfeita, não vai tá sempre tudo impecável e eu não vou ser 100% profissional perfeita. FL: descobri que sim, que tem filhos e que conseguem mesmo com escala final de semana eventualmente à noite, mas que conseguem conciliar. SB: Essa foi uma das coisas que eu abri mão, trabalhando só um período. SB: Tem que se organizar, eu acho que quando você tem uma cabeça organizada, as coisas acho que vão fluindo melhor assim. SB: Ou ela vai ser uma excelente mãe, ou ela vai conseguir o cargo que ela quer. SB: mas profissionalmente você acaba sendo obrigada a fazer essa divisão e a escolher. ACF: porque eu não conseguia conciliar as duas coisas, a pressão que era e as filhas pequenas.
Discursos díspares
Não detectados na categoria.

Legenda: A - Anônima; AC: Alessandra Consoli; ACF – Ana Claudia Freire; AM - Adriana Milczevsky; FO – Fabiana Oliveira; FL – Francine Lopes; IA – Ivete Azzolini; LT – Luanne Tsuchima; MEG – Maria Eduarda Giglio; SB – Solange Berezuk.

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Além da segmentação por frases, também foi possível realizar uma categorização por conjuntos e palavras/radicais¹⁸. Esse método, que compreende a análise quantitativa, revela a frequência de utilização de termos que aparece nos

¹⁸ Para somar esses dados, utilizamos o atalho de localização de palavras do Google, Ctrl + F, salvando o arquivo do Word no Gmail e acessando essa ferramenta pelo e-mail, o que permitiu contabilizar cada palavra ou radical.

discursos coletados, o que apresenta uma noção sobre as prioridades e a realidade vivenciada. No entanto, sem uma visualização das frases e trechos, o método torna-se inconclusivo, já que se pode utilizar diversas palavras para discursar sobre um mesmo assunto, o que o caracteriza como uma estratégia complementar de análise.

Quadro 3 – Categorização por conjuntos e palavras/radicais.

Conjunto	Palavra ou radical	Frequência
Rede de cuidados	Eu	1563x
	Mulher (es)	64x
	Home (m/ens)	44x
	Mãe	221x
	Pai	121x
	Minha mãe	20x
	Meu pai	7x
	Marido	34x
	Companheiro	7x
	Avó	6x
	Avô	1x
	Filh (o/a/os/as)	225x
Sentimentos e formas de atuação	Culpa	10x
	Apoio	14x
	Suporte	7x
	Ajuda	20x
	Conciliar	10x
	Divi (de/dir/são)	18x
	Responsabilidade	41x
Valores e exigências	Sorte	10x
	Privil (égio/egiada/egia)	6x
	Produz (ividade/o)	20x
	Compet (ência/ ências/ incompetência)	12x
	Aparência	8x
	Maqui (agem/ada/adas)	23x
Mercado e vida	Pessoal	11x
	Profissional	28x
	Trabalh (o/ar/os)	202x
	Lazer	2x
	Tempo	90x
	Full time	8x

Fonte: Dados da pesquisa – elaboração própria.

Com base nos dois quadros apresentados, é possível compreender a formação de temáticas que permitem uma investigação mais profunda dos discursos proferidos, de modo que ambos revelam diferenças entre termos e frases que atuam em um mesmo conjunto discursivo. Podemos notar que palavras como **trabalho** e **lazer** apresentam uma ampla diferença de frequência nos discursos coletados, complementadas pelos termos **tempo** e **full time**, podendo significar que as emissoras dos discursos se dedicam tanto ao trabalho que quase não conseguem tempo para o lazer. Nessa mesma linha de observação, a frequência das figuras femininas representadas pelos termos **mulher**, **mãe**, **minha mãe** e **avó** é muito maior que das figuras masculinas como **homem**, **pai**, **meu pai** e **avô**, isso sugere que a atuação das mulheres no convívio dessas mães é muito maior que dos homens. Esses dados despontam a oportunidade de aprofundar as análises nos depoimentos segmentados por temas.

4.4.1. REALIZAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL X CULPA

Com base no conceito proposto por Simone de Beauvoir (1967, p. 9), no qual “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, pode-se compreender também que ninguém nasce com características maternas, mas desenvolve, muitas vezes, as habilidades maternas quando a criança nasce. A expressão “muitas vezes” se refere a maior parte dessas mães, contudo não se podem excluir as exceções, pois, como se viu no capítulo sobre a maternidade, nem todas as mulheres seguem ou seguiram esse paradigma.

Amiga de Deus, eu acho que assim, você não nasce uma mãe, eu acho que você, nasce a mãe que tem em você quando nasce o seu filho. (Solange Berezuk)

Nem todas as mulheres que participaram desta pesquisa se sentiam atraídas pela ideia de serem mães, já outras, viam a maternidade como um sonho ou um objetivo do qual dependiam suas realizações pessoais. Antes de consolidarem a maternidade, algumas das entrevistadas revelaram o interesse em priorizar a carreira, estabelecendo que a maternidade poderia ou não ocorrer após o alcance de certa posição ou estabilidade profissional.

Eu ia, mesmo que ficasse naquela função a vida inteira, ser a melhor na minha função, então eu queria investir nisso, esse tipo de investimento que

eu falo, na minha carreira, e assim eu segui. Até meus trinta e dois anos eu não imaginava ainda que eu seria mãe, não tinha despertado em mim a maternidade, achava até que eu não seria. (Adriana Milczewsky)

Quando eu tava focada na carreira, eu não queria saber de ter filho, aí depois de dez anos de casamento eu pensei que talvez fosse a hora, meu esposo também achou que fosse a hora, aí eu descobri que eu não podia engravidar, eu fiz uma série de exames, eu tava com problemas no ovário, não conseguia engravidar de jeito nenhum e eu fiz um tratamento que durou quase três anos, dois anos e meio, aí quando eu abandonei o tratamento em novembro, em janeiro do ano seguinte eu descobri que tava grávida. (Anônima)

Eu me tornei mãe, já tinha, deixa eu ver, eu entrei em 2001 e me formei em 2004, é, foi uns três anos depois que eu me formei, então eu quis dar uma estabilizada primeiro. (Luanne Tsuchima)

Em uma profissão que exige tanto comprometimento e tempo de dedicação exclusiva ao trabalho, a maternidade surge como uma interrupção do ritmo individual e da equipe, o que, na lógica do sistema capitalista, pode prejudicar a empresa e o desenvolvimento da profissional que, ao se afastar, perderá o controle de suas funções, mesmo que temporariamente. Para permanecerem em suas posições e não perderem o resultado de todo o esforço realizado no ambiente profissional, muitas mulheres acabam optando por esperar um momento que se sintam seguras para se ausentarem por consequência do nascimento dos/as filhos/as.

Contudo a dedicação primordial ao trabalho não isenta essas mulheres da pressão social acerca do cumprimento do que tradicionalmente é visto como uma missão atribuída ao sexo feminino: a consolidação da maternidade, ou, como propõe Elisabeth Badinter, (1985, p. 99) “As mulheres não obtinham, pois, nenhuma glória sendo mães, e no entanto (sic) essa era sua função principal”.

Eu era bem criticada, por sinal, eu era muito criticada por estar numa posição dentro do jornalismo, trabalhar na maior empresa de comunicação do Estado, ter o status profissional de ser uma editora e apresentadora, então, teoricamente, eu já tinha conquistado o que muita gente passa uma vida tentando, por que não os filhos? (Adriana Milczewsky)

O discurso de Adriana Milczewsky revela que, mesmo em um meio no qual as pessoas estão em posições de maior esclarecimento e em contato com as lutas sociais, a ideia de uma família com valores tradicionais ainda se faz presente, de forma abrasiva, no cotidiano, embora adaptada para uma situação na qual as mulheres participam da provisão do lar, mas também são responsáveis por conciliar os cuidados com a família, o que acarreta no “modelo conciliação” proposto por Hirata e Kergoat (2007).

A pressão por manter a estrutura social centrada nos valores tradicionais, conduz, muitas vezes, na cessão, por parte das mulheres, para a consolidação da maternidade, de modo que, em alguns casos, sequer estavam preparadas para tal mudança em suas vidas.

Mas eu ainda não pensava em maternidade e até que pela pressão da família, dos amigos que já tinham filhos, eu perguntei pro meu marido: “a gente vai ter filho?”, porque eu já fazia meio que parte de um grupo assim de ah, mulher pode se realizar sem ser mãe (risos). Eu já defendia meio que uma bandeira assim, até que ele falou assim: “ah, eu gostaria”, “a gente vai ter que conversar sobre isso porque eu gostaria de adotar” e ali começa a nossa história com a família até aqui. Com trinta e dois anos a gente deu entrada no processo, com trinta e cinco anos chega o primeiro filho. Então a minha questão era muito mais ser mãe do que ser mãe no jornalismo. (Adriana Milczevsky)

Com o nascimento dos/as filhos/as, surge a necessidade de conciliar os cuidados das crianças com a rotina de trabalho, muito embora, em muitos casos, essas mulheres já se responsabilizavam pelos cuidados com as necessidades do lar e do marido, mas a inserção da criança na rotina familiar muda completamente a logística da casa e a administração do tempo.

Ah, com certeza porque depois aí você tem que conciliar a sua vida profissional com a tua casa, a rotina dos filhos e aí sempre vem aquela preocupação de ter alguém para ficar, colocar em creche, daí você se sente culpada por não ter muito tempo pra cuidar, então é aquela correria, muda completamente, tua rotina vira de ponta cabeça. (Luanne Tsuchima)

A sobrecarga associada ao modelo conciliação em confronto com o apego e afetividade aos/às filhos/as gera um sentimento de culpa em muitas dessas mães, pois se sentem responsáveis pelo “abandono”, principalmente das crianças pequenas, em creches, escolas ou com familiares, em razão da necessidade de se dedicarem ao labor.

Lógico que quando eu voltei da licença maternidade foi muito difícil, dava o horário de ir embora e me dava uma aflição imensa porque eu queria buscar ele logo, porque a sensação que eu tinha no início era de abandono, eu tava abandonando meu filho em detrimento da minha carreira. E aí depois, acho que com o tempo você consegue até compreender que, na verdade, era uma necessidade pra ele e pra mim, porque ele só vai ter a mãe dele inteira se a mãe dele estiver inteira [...] como no primeiro mês acho que eu chorei todos os dias quando eu cheguei, eu trazia uma nécessaire com gelo que eu aprendi muitos anos atrás num programa de TV, então eu passava o gelo antes pra desinchar e depois passava maquiagem antes de entrar pro trabalho para, pelo menos parecer que tava com uma cara mais saudável, uma cara de quem tinha dormido uma noite inteira. (Fabiana Oliveira)

E acho que a culpa sempre vem de você não tá perto, que você podia tá mais próxima da tua filha, sabe? Se dedicando mais, mas você tá ausente em função do trabalho mesmo. (Luanne Tsuchima)

Nesses primeiros dias que eu voltei a trabalhar, que foi esse momento mais difícil pra mim, eu sentia muita culpa, uma culpa muito forte, eu vinha trabalhar chorando, voltava do trabalho chorando, realmente foi uma crise muito forte porque eu chegava em casa, às vezes, do trabalho e não tinha conseguido deletar os e-mails do trabalho, não tinha conseguido ver todos os e-mails e é muito importante ver porque vem muita demanda de pauta por e-mail, então tinha noite que eu chegava do trabalho, deixava meu marido cuidando do meu filho, abria o notebook em casa pra terminar de ver os e-mails que não deu tempo de ver enquanto eu tava na TV, sabe? (Anônima)

Esse sentimento de culpa, muitas vezes, se associa também ao trabalho, pois, grande parte dessas profissionais, antes de se tornarem mães, se dedicavam inteiramente à profissão, sendo que a maternidade, em sua fase inicial, exige a redução do ritmo laboral, o que resulta em uma sensação de ausência de entrega e, conseqüentemente, na necessidade de recuperar esse fôlego perdido. Situação essa percebida na fala da Fátima Bernardes que revela ter levado para o âmbito privado suas tarefas profissionais.

A vontade de trabalhar, de se realizar profissionalmente, associada a vontade de se realizar pessoalmente, por meio da maternidade, acaba gerando um conflito psicológico nessas mulheres que desejam passar mais tempo com os/as filhos/as, mas também desejam continuar trabalhando na profissão que escolheram. Esse conflito gera uma reflexão sobre o tempo dedicado a cada tarefa e quais os limites para cada uma delas, “[...] a jornada de trabalho possui um limite máximo, não podendo ser prolongada para além de certo limite” (MARX, 2011, p. 391).

A lógica do capitalismo acaba criando a ilusão de que quanto mais dedicação ao meio profissional no qual se está inserido/a, mais prestígio, poder e chances de ser um exemplo ou inspiração para quem não se encontra na mesma posição ou cargo. Essa linha de pensamento justifica o excedente dos limites físicos diários de dedicação a uma tarefa exaustiva e exclui, muitas vezes, “o tempo para satisfazer as necessidades intelectuais e sociais” (MARX, 2011, p. 391), bem como o tempo compartilhado com a família.

Eu acho que sim, a maturidade quando você se torna mãe é maior e a tua vontade de trabalhar e até a questão de você ser exemplo pro filho. (Maria Eduarda Giglio)

Se eu tivesse essa possibilidade, eu não teria retornado tão logo, não teria deixado um filho com seis meses na creche e teria voltado ao trabalho, teria ficado mais tempo com ele. (Fabiana Oliveira)

Então assim, é você tentando recompensar, acho que não tem segredo não, é tentando levar no dia a dia mesmo. (Alessandra Consoli)

Esse tempo suprimido precisa ser recompensado, geralmente de formas que utilizem os recursos obtidos no labor, ou seja, o dinheiro. Isso explica a quantidade de investimento no desenvolvimento de brinquedos, nos métodos “inovadores”¹⁹ de interação durante a permanência em escolas particulares, na indústria cinematográfica de animação, dentre outros meios de anestesiar a ausência do convívio familiar.

Quando as crianças crescem, algumas dessas mães percebem que dedicaram muito tempo às atividades profissionais e que os/as filhos/as já não são mais crianças. Essa tomada de consciência acaba gerando um sentimento de arrependimento por não terem aproveitado tão intensamente as fases iniciais da vida de seus/as filhos/as. Todavia será que essas profissionais ainda estariam empregadas ou estariam na mesma posição/cargo se tivessem diminuído o ritmo de trabalho para cuidarem dos/as filhos/as?

Eu acho que eu tentaria ter ficado ainda mais com eles, não que eu não fiquei, eu sempre fiquei, sabe, com eles assim, mas eu acho que eu ficaria ainda mais porque até os cinco, seis anos, é uma época que passa tão rápido, voa, é como se você piscasse, você tá olhando pro seu bebê e quando você pisca, ele já fez dez anos. (Solange Berezuk)

Eu acho que eu teria curtido mais tanto a maternidade quanto as minhas filhas pequenas assim, hoje, tendo o entendimento que eu tenho hoje, tendo o entendimento de que as coisas passam muito rápido, tendo consciência de que eu preciso ter equilíbrio pras coisas assim, eu trabalhava muito, não que eu não trabalhe agora, só que antes a dedicação era uma coisa quase que insana e se eu pudesse voltar no tempo e mexer em alguma coisa como a maternidade, eu acho que eu teria priorizado mais tempo a elas, assim, sabe? Mais tempo de lazer, não que eu não tivesse, eu voltava, dava banho, dava comida, arrumava e era o tempo que eu tinha com elas, o tempo da diversão de sentar no chão, de brincar, de dar risada, esse tempo é que foi mais comido, então eu priorizava o atender, o proteger, dar segurança, dar assistência, tudo que merecia, precisava e o restante eu tava trabalhando, então assim, o tempo de brincar, de dar atenção pra elas, olho no olho, sabe assim? (Ana Claudia Freire)

É evidente a relação conflituosa entre o desejo da realização pessoal e profissional na existência dessas mães trabalhadoras. A imposição de equilibrar as

¹⁹ Os métodos propostos como inovadores pelas escolas particulares, como o Método Montessoriano, na verdade já são aplicados há muito tempo. Alguns dos métodos aplicados por essas instituições de ensino tiveram sua origem nas propostas de educação libertária que visa a instrução integral e foi debatida por pensadores anarquistas como Mikhail Bakunin e Pierre Proudhon. Contudo, vale ressaltar, que a intenção por trás das propostas atuais não é a mesma que propôs Maria Montessori ou os pensadores anarquistas, o objetivo atual é de inserção na lógica do capitalismo por meio de discursos e práticas que preparem os indivíduos para atenderem com mais eficiência às demandas do capital.

necessidades familiares, a participação no sustento da casa e a dedicação ao trabalho geram uma sobrecarga na vida dessas mulheres, acompanhada, muitas vezes, de sentimento de culpa e frustração causados pela impossibilidade de dedicação e entrega total à família e ao trabalho.

Entretanto, a atribuição dos cuidados dos/as filhos/as às mulheres aliada a centralidade do trabalho em nossa sociedade gera uma busca pelo inalcançável, criando um perfil de **supermulheres** (LIMA, 2013) que precisam estar plenamente atentas e dedicadas ao labor, ao mesmo tempo que necessitam proteger, cuidar e estar presentes na vida dos/as filhos/as integralmente.

Então acho que assim, é educar, é dar limite, é dar colo, é dar afeto, é dar carinho, é você tá presente na vida do seu filho. (Ivete Azzolini)

Tudo referente a criança. É porque é dos pais, é da mãe e do pai, é, mas eu pego tudo pra mim. Se acontecer qualquer coisa com o meu filho eu sempre vou achar que a culpa é minha. (Anônima)

A representação social das supermulheres faz parte de um conjunto de manobras realizadas pelas mulheres “na recusa em perceber os obstáculos específicos do gênero dispostos ao longo de suas carreiras” (LIMA, 2013, p. 886), sendo essas manobras intituladas, por Betina Stefanello Lima, como **drible da dor**. O sentimento de culpa e frustração, causado pela dificuldade em conciliar o âmbito público e privado se transforma em uma busca incessante pela perfeição e superação, a qual sustenta o discurso da sorte, privilégios e meritocracia.

4.4.2. SORTE E PRIVILÉGIO X PRODUTIVIDADE

Ao pesquisarmos o termo **privilégio** no dicionário, nos deparamos com a seguinte definição: “Direito ou vantagem especial que se concede a uma ou mais pessoas, com exclusão de outra ou outras, e contra o direito comum; permissão especial; prerrogativa; imunidade; concessão; faculdade especial ou característica; condão” (COSTA et al, 1980, p. 1238). Quando utilizamos a palavra privilégio em nossos discursos, estamos assumindo que a condição na qual nos encontramos é uma exceção, um benefício do qual poucos tem acesso.

O discurso sobre privilégios, envolve uma série de fatores como: cor de pele, classe social, gênero, sexualidade, dentre outros, que determinam o nível de preconceito e intolerância que uma pessoa sofrerá ao longo de sua vida. Em um país como o Brasil, no qual, pessoas são mortas, violentadas, ameaçadas, agredidas e

excluídas por conta desses fatores, a questão dos privilégios não é apenas uma categoria de análise, mas um fator que constrói e sustenta todas as categorias de análise, as quais são debatidas, principalmente, pelo paradigma interseccional.

A extensão desse conceito a outras categorias, como a sexualidade e a orientação sexual, a idade, a nação, a etnicidade, a deficiência, etc. faz parte central do debate (HIRATA, 2014). Creio que gênero contém a dimensão “sexualidade” e, portanto, a interseccionalidade deve apontar para a imbricação de gênero/sexualidade, raça e classe (HIRATA, 2018, p. 19).

Muito embora, neste trabalho, questões como cor de pele e sexualidade não se explicitem nas pesquisas bibliográficas, tampouco, por falta de tempo, poderemos explorar essas temáticas com profundidade na análise das entrevistas, não podemos, no entanto, deixar de considera-las quando surge o termo **privilégio** nos discursos coletados.

Com base no quadro geral, preenchido pelas mães participantes, percebemos que a maior parte das entrevistadas são brancas, com exceção da Luanne Tsuchima que possui descendência oriental, a classe social varia entre a classe média e alta e a sexualidade, embora não tenha sido questionada, nas entrevistas revelou que todas as entrevistadas são heterossexuais. A partir desses dados, compreende-se que, quando as profissionais se consideram privilegiadas, podemos vislumbrar quais fatores, inicialmente, as colocam nessa posição.

Então eu digo pra você que sou uma pessoa muito privilegiada no mundo porque não é fácil você também encontrar, conquistar esse espaço dentro da empresa, sabe? (Ivete Azzolini)

Então eu, graças a Deus, consegui ter o privilégio de conviver muito com os meninos nessa fase da primeira infância e eu acho que fez assim toda a diferença. Eu percebo a diferença deles dois pra esse que eu tava grávida já trabalhando, com o caçula, ele é uma criança muito mais agitada, muito mais ansiosa, muito mais nervosa, parece que o tempo dele nunca tá preenchido e eu considero que é muito em função até de eu, eu sempre encaixei minha rotina com a deles, por exemplo, eu nunca usei van escolar. (Ivete Azzolini)

O segundo depoimento de Ivete Azzolini aponta para a questão de classes, visto que, por questões financeiras, nem todas as mães conseguem estar presentes na vida dos/as filhos/as, mesmo na fase inicial de suas vidas, que é quando eles mais necessitam de cuidados. No entanto, ao mesmo tempo que se tem uma clara segurança aliada ao fator financeiro, evidenciam-se questões de gênero, divisão sexual do trabalho e cuidados, que atribuem às mulheres a tarefa de assumir os cuidados das crianças e, quando inseridas no mercado de trabalho, conciliar a rotina

profissional com a rotina dos/as filhos/as, bem como **o labirinto de cristal**, evidenciado no primeiro depoimento, que elucida das dificuldades que as mulheres sofrem no decorrer de suas trajetórias, só por fazerem parte da categoria “mulher” (LIMA, 2013).

Compreende-se que quando se considera a questão dos privilégios, pelo ponto de vista dos estudos de gênero, existe um limite que determina até onde as mulheres conseguem alcançá-los, mesmo que se enquadrem nas categorias menos oprimidas de classe social, cor de pele, sexualidade, dentre outras. No ambiente profissional, esse limite é chamado, por teóricas feministas, de **teto de vidro**, ou seja, uma metáfora que representa “o obstáculo invisível, porém concreto, que impede as mulheres de chegarem a determinadas posições de prestígio nas profissões” (LIMA, 2013, p. 885).

Como forma de minimizarem o sofrimento ou tentarem se desviar de situações opressivas, muitas mulheres buscam o discurso da **sorte** e do **privilégio**, especialmente quando encontram parceiros, chefes ou se inserem em ambientes de convívio social e profissional que propõem a redução das desigualdades. Entretanto reduzir as desigualdades não é o mesmo que erradicá-las e os próprios significados das palavras sorte e privilégio propõem condições de exceção, logo, enquanto a regra for a desigualdade, mesmo as exceções serão afetadas por ela.

O que eu falo, eu tive muita sorte em ter um companheiro que também não tem essa, também não faz essa diferença. Acho que isso é sorte, no mundo que a gente tá, é muita sorte. (Alessandra Consoli)

É um desafio todos os dias, mas eu tenho bastante sorte, primeiro por ter um marido da mesma profissão e aí ele compreende um pouco melhor essa necessidade, enfim. São coisas de finais de semana, atender telefone fora de hora, tá sempre conectado, então eu acho que talvez se ele fosse de uma outra área as coisas iam ser um pouco mais complicadas. (Fabiana Oliveira)

Quando a realidade do meio profissional no qual se está inserido/a é arbitrária, situações de mudança como a consolidação da maternidade, acabam se tornando fatores de insegurança para as pessoas que necessitam da renda obtida pela atividade laboral. Essa falta de segurança, sujeita trabalhadores/as a aceitarem que suas escolhas se definam com base na demanda da empresa, bem como justificativas, em torno de decisões empresariais, para situações de injustiças.

Mas foi bem nesse momento, no momento que eu fazia muitas coisas e de repente as coisas foram deixadas de lado, não por minha escolha, mas por uma questão, enfim, de escolhas empresariais. (Fabiana Oliveira)

Assim, não existe muito carreira consolidada, o jornalismo é muito corda bamba, mas eu achei que eu já tava estável. Só pensei em ter filho depois que eu já tava estável na carreira, que eu tava me sentindo segura, que pra mim tava tudo bem. (Anônima)

Mesmo quando a maternidade se consolida em uma fase de estabilidade dentro do ambiente profissional, não há segurança de que o emprego permanecerá intacto, por dois motivos principais: produtividade e divisão sexual do trabalho doméstico, ou, como propõe Helena Hirata (2018, p. 18) “se indicamos desigualdades gritantes no que diz respeito ao trabalho profissional, pior ainda parecem ser as desigualdades no âmbito do trabalho doméstico”.

No estágio que eu tava com maior visibilidade. (Alessandra Consoli)

Ah, quando eu tava bem no ápice assim. Eu já tinha sido promovida três vezes e estava recebendo o maior salário da minha carreira, mas como o meu marido sempre esteve em dois empregos, por uma escolha minha assim, acabei decidindo largar o trabalho para me dedicar ao meu filho. (Francine Lopes)

Além da desigualdade na distribuição de tarefas domésticas e na realização dos cuidados, o discurso de Francine Lopes adverte para outra situação comum em famílias das quais tanto a mulher quanto o homem estão inseridos no mercado de trabalho: o mais alto valor atribuído ao trabalho masculino em relação ao feminino. Compreende-se que, nos primeiros dois anos, a criança necessita intensamente da mãe por conta da amamentação, contudo, no período posterior à licença-maternidade, existem meios do pai participar ativamente do processo²⁰ e, até mesmo, substituir a mãe nos momentos que ela se dedica às suas atividades particulares ou profissionais.

Por outro lado, o mercado, sustentado pelo ideal da produtividade, exige a mesma entrega de tempo, concentração e excelência que a profissional realizava antes de ser mãe, o que é praticamente impossível se ela não possui uma boa rede de apoio e uma divisão igualitária de tarefas dentro de casa. Nesse momento, essa profissional necessita de uma chefia compreensiva e solidária que, ao menos, **alivie** a pressão acerca das tarefas a serem executadas.

Já. E nisso foi fundamental ter uma chefe mulher, porque essa chefe mulher foi a primeira a falar: “vai, vai com teus filhos, depois você resolve isso”, então é por isso que eu falo, acho que tem que ter essa sororidade no meio de

²⁰ A amamentação exclusiva ocorre somente nos primeiros meses, que é o período que as mães se dedicam à licença-maternidade, após esse período, a criança, embora ainda se alimente com o leite materno, já começa a ter acesso a outros alimentos que podem ser oferecidos pelo pai e, mesmo o leite materno, pode ser coletado e refrigerado para os momentos que a mãe não está presente.

trabalho, sabe? Você tem que entender que aquela mulher ela é mãe e se eu quero que ela renda, que ela produza, primeira coisa que eu tenho que entender é que os filhos dela tem que tá bem. Uma mãe vai produzir muito se o filho dela tiver bem, ela vai produzir até mais do que você imagina se os filhos dela tiverem bem. (Alessandra Consoli)

Quando se fala em “aliviar” a pressão por produtividade no ambiente profissional, remete à demanda que as empresas cobram de seus/as funcionários/as, a qual não será suprimida por um/a chefe condescendente, apenas será temporariamente distribuída entre o restante da equipe até que o/a profissional indisponível possa retornar com a mesma entrega de quando se afastou. Contudo, em boa parte dos casos, a chefia não compreende que a queda da produtividade daquele/a trabalhador/a é apenas temporária, executando, muitas vezes, a demissão do/a colaborador/a.

Tudo. Dois anos depois eu fui demitida porque eu não estava mais dentro dos padrões da emissora. Eu já não podia mais ficar full time, eu já não podia mais fazer todos os jornais que eles me pediam, eu já não estava mais produtiva de acordo com a emissora [...] Eu acho que eu me tornei uma melhor profissional depois que eu virei mãe, mas isso a longo prazo, a curto prazo eu me tornei uma péssima profissional no ponto de vista de mercado. Eu não dormia, eu tive depressão pós-parto, minha produtividade caiu, mas a empresa não enxergou isso como se: “ó, é uma fase, ela vai dar a volta por cima”. (Alessandra Consoli)

Deve-se ponderar que o conceito de produtividade varia de acordo com o meio no qual ele é empregado. Produtivo, segundo a definição do dicionário, é aquele “que produz ou que pode produzir; fértil; rendoso; lucrativo” (COSTA et al, 1980, p. 1241), já a obra de Marx, analisa o termo **produção** pelo ponto de vista do capital, “Observando-se o processo de produção do ponto de vista do processo de trabalho, o trabalhador se relaciona com os meios de produção não como capital, mas como mero meio e material de sua atividade produtiva orientada para um fim” (MARX, 2011, p. 476).

No meio telejornalístico, pode-se compreender a produtividade como a entrega de um serviço que atenda às exigências da empresa, da sociedade e, algumas vezes, do Estado²¹, dentre elas a dedicação integral, disponibilidade de tempo e, em cargos de visibilidade, padrões estéticos. Sendo o telejornal um meio de comunicação que transmite informações por intermédio de recursos audiovisuais, os/as profissionais

²¹ Embora, a maior parte das emissoras, seja de iniciativa privada, a Paraná Educativa, por exemplo, é uma autarquia do Estado e, por mais que atue de maneira independente, não está totalmente desvinculada das demandas estatais.

inseridos/as nesse ambiente laboral precisam, em funções de visibilidade, atender aos padrões estéticos que agradem não somente aos/às telespectadores/as, mas que reafirmem padrões sociais.

Não, imagina. É o que eu falei pra você, o homem mais velho, as pessoas entendem como uma pessoa mais experiente, o cara que tem maior conhecimento. Eles ainda envelhecem, o homem grisalho fica bonito, a mulher grisalha fica com cara de bruxa, né? [...] Os homens ficam grisalhos. Você conhece alguma mulher do telejornalismo grisalha? Eu não conheço. A pressão ainda pelo belo, pelo perfeito, pelo novo ainda é grande, mas eu acho que isso tá mudando, aos pouquinhos isso tá mudando.[...] A gente vê, por exemplo, a Fátima Bernardes saiu do telejornalismo e foi para o entretenimento, mas o bonitão dela lá, o William Bonner vai ficar lá até cem anos se ele quiser. Agora e a mulher? Vai ficar até cem anos se ela quiser? Eu acho que o mercado ainda privilegia muito essa questão estética. (Alessandra Consoli)

A questão do envelhecimento das mulheres é vista como um tabu em nossa sociedade, o qual é perpetuado pela sociedade do consumo, sustentada, nesse âmbito, por meio da comercialização de produtos estéticos que visam retardar ou esconder essa condição, sendo que o Brasil está em quarto lugar no ranking mundial de comercialização de produtos de beleza e higiene²², perdendo apenas para os Estados Unidos, China e Japão. No entanto, além do comércio de produtos estéticos, ainda há o investimento em procedimentos estéticos e cirúrgicos que leva muitas mulheres a optarem por esses métodos quando a indústria cosmética não supre os efeitos do envelhecimento.

As mulheres são cobradas por manterem uma aparência jovem e uma estética impecável, seguindo um padrão que poucas conseguem alcançar. Esse ideal se estende também às fases maternas, com a exposição de referências de mulheres, como a duquesa de Cambridge, Kate Middleton, que aparentam saúde e bem-estar durante a gravidez e um corpo esbelto pós-parto. Entretanto, a realidade para grande parte das mulheres é a de um corpo que demora a perder o peso adquirido na gestação, sendo que, muitas vezes, isso nunca chega a acontecer.

Claro que tem fatores que precisam de uma atenção maior, como a questão do peso, pois aquele quadradinho da tela tem uma mágica de aumentar alguns quilos na gente e, por isso, o peso é um ponto que precisa de um cuidado maior, mas isso está ligado ao bem-estar e cuidados que todas as pessoas precisam ter consigo. (Adriana Milczewsky)

Olha, eu sou uma pessoa que eu tive muita sorte, primeiro que eu tenho muita sorte de ser magra, então assim, eu sempre fui magra e na TV, sempre é

²² Dados da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos – ABIHPEC.

*importante isso, se for gordo demais, você engorda três, quatro quilos naturalmente no vídeo, então você sempre é cobrado para nunca estar gordo no vídeo, isso é **fato**, entendeu? (Alessandra Consoli)*

Durante a gravidez porque eu trabalhei muito na rua enquanto eu estava grávida, então aí eu tomava muito cuidado com as roupas, então assim, as imagens, quando eu ia fazer as passagens no vídeo, as imagens eram sempre um pouquinho mais fechadas no rosto ou bem abertas e às vezes ainda não dava pra esconder barriga, porque depois de um certo ponto não dá pra esconder. (Solange Berezuk)

A questão do peso também gera grande cobrança social, levando, muitas, vezes, as pessoas que estão acima ou muito abaixo do que é considerado ideal, a sofrerem preconceito e discriminação. Em uma sociedade, como se percebe no discurso de Solange Berezuk, na qual se precisa **esconder** até a gravidez da tela da televisão, fatores como peso e idade tornam-se critérios essenciais de escolha, principalmente com relação às mulheres, para a ocupação de cargos que exigem a exposição da imagem.

Eu acho que essa questão atinge muito quem é de vídeo, que aí tem essa ditadura mesmo. A gente tem todo um cuidado com imagem, a gente tem uma pessoa que cuida da imagem, que cuida de cabelo, roupa, postura, a gente tem uma especialista nesse assunto que assessora tanto homens e mulheres que estão no vídeo. Pra eles eu sinto assim, por exemplo, todas as grávidas, todas as mães e mulheres repórteres que tiveram filho, assim, elas fizeram bastante coisa pra voltar mais magrinha, mais arrumada pro jornal e tal, porque tem essa ditadura mesmo. (Ana Claudia Freire)

Como se percebe no depoimento de Ana Claudia Freire, a cobrança social acerca da imagem é tão forte que as empresas de telecomunicações investem em profissionais que preparem e entreguem esses/as telejornalistas para as câmeras, exatamente do modo que a sociedade deseja ver, com determinada aparência e postura que transmita credibilidade ao/à telespectador/a. Isso gera uma busca pelo inalcançável, principalmente para as mulheres, que sofrem mudanças no corpo por consequência da gravidez ou para as quais não é permitido o envelhecimento.

Contudo, credibilidade é uma variável muito subjetiva que se alia ao discurso da meritocracia, no qual as hierarquizações e premiações se baseiam em méritos pessoais. Como já explanou Alessandra Consoli, a credibilidade dos homens que se expõem no vídeo está aliada à maturidade, ao tempo de carreira e experiência profissional, já para as mulheres, está aliada a aparência jovem e esbelta e ao padrão estético que represente a empresa na qual estão inseridas.

Eu entendo que tem gente, por exemplo a Alessandra, a Consoli que você falou com ela, ela tá no vídeo, há quantos anos? Acho que já há vinte anos. Eu digo: "Alessandra, você é uma heroína porque fazer maquiagem todo dia,

obrigatório, é um saco”, mas ela entende que ela não pode, entendeu? Entrou na rotina dela. (Ivete Azzolini)

Mas no meu tempo de repórter, quando a gente é repórter de TV, a gente tem que ser a cara da empresa, então a tua aparência não é tua, a tua aparência é da empresa. Então o maior choque de realidade que eu tive em relação a isso foi na Rede Massa, na Rede Massa me exigiram cortar o cabelo. Eu sempre tive cabelo longo, sempre gostei de cabelo longo, sempre foi como eu me amei, sempre foi como eu me olhei no espelho e me identifiquei. E lá não, eles queriam que eu tivesse cabelo curto. (Anônima)

Daqui um tempo, talvez, se me perguntar de novo qual foi o sacrifício, talvez eu diga a cirurgia plástica no nariz (risos), mas eu acho que é isso assim, a questão de você ter que estar todo dia muito arrumadinha, estar muito maquiada, não é uma maquiagem comum, eu não sairia assim todos os dias, maquiadona assim, então pra mim isso é um sacrifício. (Francine Lopes)

A exigência de um padrão estético acaba interferindo na identidade dessas mulheres que, como se nota na posição da entrevistada Anônima, acabam abrindo mão da forma como se expressam para assumirem a identidade que a empresa fornece para elas. Essa exigência estética não se impõe somente a quem aparece nas telas, as profissionais que realizam funções de bastidores acabam, muitas vezes, sentindo a necessidade de seguir o exemplo das colegas.

Porque daí eu via as repórteres maquiadas, eu tive vontade de fazer um curso de maquiagem, ah, daí agora eu tenho minha maquiagem própria, eu sempre passo minha maquiagem em casa, não saio sem maquiagem, então é uma coisa que daí a própria profissão, eu convivo, né, porque você tem que tá sempre, os repórteres sempre alinhados, então você tem que ter um terninho, tem que andar. Então acho que você acaba assim se contaminando por aquela coisa de TV. (Luanne Tsuchima)

Quando eu entrei no telejornalismo era jovem e não me preocupava muito com essas questões da aparência, foi o ambiente e a aparição na tela que me fez me preocupar mais com a aparência, o que é uma coisa positiva, pois agora eu me cuido mais. (Adriana Milczewsky)

Mesmo em cargos de gerência, as mulheres são cobradas pela forma como se vestem, se portam e se apresentam. Essa situação revela que a trajetória para alcançar posições de poder e sucesso profissional, segue na direção contrária ao caminho da liberdade. Desse modo, tem-se uma ilusória ideia de que uma posição mais elevada trará conforto e segurança, mas a cobrança pelos padrões impostos pela empresa é tão alta, ou até maior, que de um/a profissional que se encontra no início da trajetória laboral.

Acho que você tem que entender que para certos ambientes você tem que manter uma certa postura, você não vai poder, como gerente, chegar num local de camiseta e chinelo Hawaianas. Não precisa ninguém te falar isso, é preciso que você saiba isso, observe isso. (Ivete Azzolini)

Muito embora algumas dessas mulheres considerem os cuidados com a aparência uma tarefa positiva, a crítica não está nos cuidados²³ ou na vontade/escolha/preferência, mas nos padrões estéticos que exigem esconder as diferentes identidades que os seres humanos podem assumir em diversos contextos e fases da vida. A necessidade de padronizar idade, peso, postura e modo de se apresentar cria uma ilusão de que todos os seres humanos são iguais e não é permitido se expressar de outra forma.

Enquanto o fator produtividade for determinante no meio laboral, discursos de privilégios, sorte e meritocracia continuarão inspirando pessoas a abrirem mão de suas identidades e da felicidade em razão de suas necessidades ou da busca por uma noção de pertencimento. Em um cenário profissional no qual a produtividade está associada às exigências de um público externo totalmente alienado aos padrões criados pela sociedade do consumo, pelos valores patriarcais e pelos paradigmas de exclusão, o emprego das mulheres se mantém sob condições que não interfiram na conservação dos paradigmas tradicionais que insistem em definir identidades sociais de acordo com as categorias de sexo.

4.4.3. TRABALHO *FULL TIME*²⁴ X COMPETÊNCIA

A maternidade torna imprevisível a rotina de uma mulher e também necessário o equilíbrio de tempo entre as tarefas profissionais e os cuidados. Em um cenário laboral no qual a produtividade é medida, principalmente, pelo tempo de dedicação, as mães, primordialmente de crianças pequenas, acabam sofrendo os impactos do labirinto de cristal e do teto de vidro mais vigorosamente.

Agora, elas já têm filhos adultos e viraram chefes depois que os filhos estavam adultos. É um pouco diferente. Eu, hoje, mãe, não me vejo crescendo na empresa. Eu vejo as minhas colegas solteiras e sem filhos crescendo na empresa porque elas têm mais chance de fazer mais pela empresa do que eu e elas são melhor vistas, pelo que fazem pela empresa, do que eu. (Anônima)

O discurso de Fátima Bernardes revela que o crescimento na profissão não depende somente do tempo de dedicação, mas da visão dos gestores sobre o desempenho exercido pelo/a profissional. Se uma mãe está nas fases iniciais da maternidade, passará por situações como: noites sem repouso, preocupações e

²³ Nesse momento, cuidados se referem à atenção que se dá à saúde e ao bem-estar.

²⁴ Empregamos o termo em outro idioma por refletir a linguagem utilizada pelas entrevistadas.

adaptações com o ritmo da criança, por conseguinte, isso refletirá diretamente no seu desempenho profissional, afinal qual ser humano consegue entregar a mesma produtividade após uma noite inteira mal dormida?

Tem chefe que fica pressionando você o tempo inteiro, que ele não gosta, que no dia seguinte ou em outro horário você reponha, você termine o serviço que você começou, isso é bem difícil, é bem difícil. Quando você pega um chefe compreensivo, você consegue contornar a situação, né? (Solange Berezuk)

A entrega da audiência, nesse meio, torna a dedicação integral um dos requisitos mais importantes para quem deseja alcançar posições superiores. Contudo, mesmo quando as mulheres alcançam cargos de chefia, a rotina continua instável e opressiva, ocorrendo uma transferência da jornada de trabalho que era extrapolada para que a empresa oferecesse uma oportunidade de crescimento, para a administração da pressão pela entrega de resultados da equipe toda.

Tem sempre o sufoco, que é do jornalismo, né, da entrega da audiência, que você tem que entregar resultado, então sempre tem uma tensão nervosa assim no ar o tempo inteiro, mas eu também, com tantos anos administrando isso, hoje eu já, isso já tá dentro da rotina, hoje já não gera assim aquela paúra, né, de ver aquela tensão, aquele nervoso. (Ivete Azzolini)

Eu já fiz todos os horários aqui possíveis, da madrugada, manhã, tarde, noite. Eu, hoje, tenho um horário fixo da chefia de reportagem [...] Agora quando você precisa ter alguém na liderança das equipes, então eu consigo ter um pouquinho mais de estratégia de horário. Isso durante a semana, mas no final de semana a gente trabalha manhã, tarde, noite, fica o dia inteiro aqui, plantões, escalas, situações, por exemplo, o Lula vem pra cá ou o Moro virou Ministro. (Ana Cláudia Freire)

O estabelecimento de uma carga horária fixa, nesse mercado, é apenas uma convenção, pois o que determina o tempo dispendido para as atividades laborais é o fluxo de informações que estão circulando em determinado momento. Situações de grande interesse e expectativas coletivas aumentam a demanda de trabalho desses/as profissionais.

A jornada de trabalho não é, portanto, uma grandeza constante, mas variável. Uma de suas partes é, de fato, determinada pelo tempo de trabalho requerido para a reprodução contínua do próprio trabalhador, mas sua grandeza total varia com a extensão ou duração do mais-trabalho. A jornada de trabalho é, pois, determinável, mas é, em verdade, indeterminada. (MARX, 2011, p. 390)

O discurso que mantém, muitas vezes, os/as trabalhadores/as resignados/as ao modo de produção capitalista é o de que se é substituível, ou seja, sempre há alguém interessado/a ou preparado/a para assumir a posição que se está ocupando,

caso a entrega profissional não corresponda às expectativas da empresa. Essa linha de pensamento, aliada ao desemprego estrutural (ANTUNES, 2002), gera uma aceitação das condições de trabalho que excedem o acordado no contrato de trabalho. Outras vezes, os/as próprios/as trabalhadores/as são levados/as a aceitarem o acúmulo de tarefas e a extrapolação do tempo, ao se sentirem responsáveis por entregarem resultados satisfatórios, independente da sobrecarga que isso represente.

Hoje muito mais, eu diria que até extrapolo as vinte e quatro horas, porque você não para, você emenda um dia no outro. Com a rede social você acaba sendo acionada o tempo inteiro, mas eu consegui chegar até aqui, eu diria assim, equilibrada, né, eu acho que como mãe eu entreguei bem a tarefa de mãe, né, hoje eu olho pros meninos e considero que eles tem essa estabilidade emocional suficiente pra tocar a vida, eu consegui criar momentos de convivência e sempre tive, eu acho que uma peça fundamental na minha vida pra conseguir tocar carreira e maternidade e mais dona de casa, né, que você acaba tendo que exercer isso também, né, a administração do lar é sua e é uma tarefa, né? (Ivete Azzolini)

E assim, o jornalismo fica vinte e quatro horas no ar. Você tem jornal vinte e quatro horas no ar, você tem a rede social que é a internet, você tem o Whatsapp, você não para, todos os grupos de trabalho, isso é vinte e quatro horas e o fato de eu não estar presente aqui na TV às quatro da tarde não significa que eu não esteja trabalhando, porque eu continuo a gerenciar as minhas equipes, os meus repórteres, os meus produtores, todas as questões relacionadas a trabalho, eles estão mandando por Whatsapp, eu tô assistindo o jornal da noite, aquele colaborador que é meu liderado, ali, à noite, não tô aqui, mas eu tô lá mandando: “essa entrada não ficou legal, esse texto ficou muito bom”. Então assim, o trabalho ele é permanente, o fato de eu não estar fisicamente aqui, o trabalho é permanente, então assim, é uma rotina insana. (Ana Claudia Freire)

Os discursos das gestoras, Ivete Azzolini e Ana Claudia Freire, apontam para percalços enfrentados pelos/as profissionais da área, para a divisão sexual do trabalho doméstico e para os impactos da tecnologia nesse cenário laboral. Isto posto, a ocupação de cargos de chefia sugere uma estabilidade financeira maior e permite a contratação de profissionais que realizem as tarefas domésticas, contudo não priva as mulheres, que se encontram nessa condição, de serem afetadas pelos valores tradicionais, sendo que “A atribuição do trabalho doméstico às mulheres permaneceu intacto em todas as regiões do mundo, com diferenças de grau na sua realização, dos modelos tradicionais aos modelos de delegação” (HIRATA, 2018, p. 18). Por conseguinte, a situação se agrava quando envolve os cuidados com os/as filhos/as.

A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. A sociedade permite a mulher que delegue esta função a outra pessoa da família ou a outrem

expressamente assalariado para este fim. Todavia, esta "permissão" só se legitima verdadeiramente quando a mulher precisa ganhar seu próprio sustento e o dos filhos ou ainda complementar o salário do marido. (SAFFIOTI, 2001, p. 8)

Os paradigmas tradicionais, aliados ao sistema capitalista, sobrecarregam as mulheres telejornalistas que precisam realizar uma jornada dupla, de modo que “A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica” (ANTUNES, 2002, p. 108). A dupla jornada, para as mães, na verdade, é quádrupla, quando consideramos que a classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2002) trabalha duplamente para suprir o sustento da família e dos/as empregadores/as, enquanto as mães inseridas no mercado de trabalho, cuja divisão de tarefas do lar não é igualitária, precisam se responsabilizar também pela manutenção do lar e pelos cuidados com os/as filhos/as. Mesmo quando há a possibilidade de delegar as tarefas do âmbito privado para profissionais terceirizados/as, a responsabilidade de administrar e coordenar as funções exercidas por outrem fica a encargo das mulheres.

Aí eu engravidei, daí quando eu ganhei meu filho, eu fiquei seis meses trabalhando ainda, mas o horário era louco assim, eu entrava às seis da manhã porque o programa vai das seis às oito, eu entrava cinco e meia na verdade, e levava ele comigo, enfim, foi seis meses bem difíceis assim. (Francine Lopes)

Você sai da TV, você sai do trabalho, mas o trabalho te acompanha porque pauteiro/produtor, não foi uma ou duas vezes que eu atendi telefone meia noite, de pessoas me passando situações que estavam acontecendo e você continua atendendo, você continua trabalhando, até porque pra que você desenvolva um bom trabalho você precisa criar laços, precisa criar fontes e não tem outra forma. (Fabiana Oliveira)

Com os avanços tecnológicos no meio telejornalístico, o que evoluiu em qualidade de imagem e velocidade da informação, regrediu em questões de condições de trabalho, pois a demanda acompanha, por meio de redes sociais ou via telefone, esses/as profissionais em qualquer lugar onde estejam. Logo aquela sobrecarga quádrupla assumida pelas mães telejornalistas, agora é integral em todos os lados, pois os/as empregadores/as as encontram em qualquer horário, tempo ou lugar e o mesmo se aplica aos familiares e/ou responsáveis pelos cuidados com os/as filhos/as enquanto a mãe está ausente.

Então basicamente é isso, né, tem que assim, hoje qual que é a angústia, né, porque eu sou do tempo do telepronter que rodava, do telex, do fax, do mimeógrafo, então eu passei por todas essas evoluções tecnológicas, eu diria pra você, as pessoas falam hoje tá mais fácil, eu falei não, hoje tá muito difícil

porque você tem acesso a tudo, sim, legal, num segundo você descobre o endereço, o telefone, enfim, qualquer informação, mas você tem o volume muito grande de informação para ser checada. E ela é efêmera, absolutamente efêmera, no segundo seguinte ela pode não estar valendo, então isso gera uma ansiedade na equipe e na gente como gestor, porque às vezes, nossa, perdi, nossa, não deu tempo, nossa, já ficou velho, já não serve pra amanhã.

[...]

Retorno quase todos os dias pro meu almoço, quando pra resolver as coisas pessoais uso a hora do almoço, mas tá sempre respondendo e orientando, então você não tem pelo Whatsapp, você tá no consultório médico, você tá respondendo, agora mesmo você tá respondendo, você tá no trânsito, infelizmente, você tá respondendo. (Ivete Azzolini)

De manhã eu sou só mãe, com o Whatsapp do lado, porque a gente não vive, né, trabalho full time, mas eu priorizo o contato com ela. E depois à tarde que ela está na escola e eu tô aqui, ela volta da escola e eu tenho o meu companheiro que me ajuda. (Alessandra Consoli)

O cenário das telecomunicações se encaixa precisamente nas discussões sobre o controle social proporcionado pelos progressos no campo tecnológico, ou, como propõe Langdon Winner (1986, s/n), nas controvérsias sobre tecnologia e sociedade, nas quais artefatos podem ou não ter qualidades políticas, de modo que “Mudanças tecnológicas expressam uma vasta gama de motivações humanas, dentre as quais o desejo de dominar os outros”. A inserção de mecanismos descritos como facilitadores da comunicação e do encurtamento das distâncias entre os seres humanos, na verdade, oprimiu ainda mais os/as trabalhadores/as às demandas do capital.

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 57)

Quando não havia o telefone celular, por exemplo, os/as profissionais saíam do trabalho e, muitas vezes, só eram encontrados no seu próximo turno de trabalho. Hoje, com as inovações cada vez mais centralizadas em um único artefato, é possível, não somente encontrar qualquer pessoa em tempo integral, como também saber há quanto tempo ela utilizou o dispositivo pela última vez. Esses mecanismos de controle são ofertados pelos fabricantes e desenvolvedores de tecnologias da informação como promotores de segurança, conforto e comodidade para todos os seres humanos, no entanto, por trás de uma comunicação eficaz há um forte controle comandado pelas exigências do capital.

No cenário telejornalístico, cuja demanda de informações circula vinte e quatro horas por dia, possuir um artefato que possa acionar os/as profissionais em qualquer tempo ou lugar gera uma profunda pressão pelo inalcançável e, ao mesmo tempo que esses/as profissionais têm a segurança de que se algo acontecer com os/as filhos/as enquanto estão no trabalho serão notificados/as imediatamente, a empresa também tem acesso permanente a eles/as em períodos de convívio familiar ou de dedicação aos interesses particulares.

Então quando eu voltei a trabalhar foi a maior crise que eu já tive, eu tive que aprender a não ser 100% nas duas coisas que eu sempre achei que fui 100%, então agora eu não posso deixar mais a casa impecável, às vezes eu não consigo escovar o cabelo do meu filho, às vezes eu esqueço de colocar alguma coisa na malinha dele, já teve dia que eu saí de casa sem a bolsa, bem louca, carregando as coisas, esqueci minha bolsa em casa, não consigo ser 100% igual eu era quando eu fiquei sete meses dedicada exclusivamente a ele e no trabalho idem. (Anônima)

Eu acho que eu deixei sempre muito claro a relação, acho que teve um diálogo no sentido de que: “ok, eu sei que quando a mãe tá aqui ela tá aqui, mas que ela também precisa responder”. (Ivete Azzolini)

A necessidade de dedicar-se 100% aos afazeres tanto domésticos quanto profissionais, como propõe Fátima Bernardes, e a impossibilidade de fazê-los, coloca as mães inseridas nesse meio em situações de escolha entre a dedicação laboral satisfatória ou a expansão da atenção materna. Quando essas mães optam por priorizarem os cuidados maternos, se arriscam a ficarem desempregadas, procrastinarem promoções ou, até mesmo, não subirem de cargo, já quando optam por privilegiarem as atividades profissionais, além de necessitarem de uma rede de apoio constante, podem transformar a ausência do ambiente familiar em uma situação de normalidade entre os entes queridos.

Essa foi uma das coisas que eu abri mão, trabalhando só um período. “Ah, mas então foi moleza, foram cinco horas”, não, não é moleza porque a gente sempre, quem trabalha principalmente na reportagem sabe, você tem hora pra entrar, mas você não tem hora pra sair. Se você tá em algum lugar, acontece alguma coisa e você tem que ficar mais tempo, você fica, então tem que ter um apoio quando a criança é pequena em casa. (Solange Berezuk)

[...] porque eu sempre estive, tirando a primeira infância dos meus primeiros, eu sempre estive trabalhando e eu não tive crise, ah, tem aquelas crisezinhas de vez em quando: “ai mãe, ai”, atrasava pra busca filho na escola meia hora, me tiram sarro até hoje: “ai mãe, você dizia que tava chegando, mas nem tinha saído”. Mas eles foram entendendo isso de forma que tava dentro da normalidade, sabe? (Ivete Azzolini)

Com os esforços constantes e a dedicação integral às atividades laborais, surge, muitas vezes, o discurso meritocrático que opera, segundo Lima (2013), o drible da dor. No telejornalismo, a palavra utilizada, nas posições de algumas das entrevistadas, para justificar o discurso meritocrático é **competência**. A competência anda *pari passu* com a ideia de privilégios, também comentada por algumas das entrevistadas, no entanto, ao mesmo tempo que esses termos se complementam, também apresentam definições díspares. Compreende-se que esses termos atuam paralelamente no sentido de que ambos fazem parte de um discurso meritocrático, mas, ao mesmo tempo, são díspares porque um sugere a noção de que existe sim uma desigualdade e estar no lado beneficiado é um privilégio, enquanto o outro transmite a crença de que qualquer um que se esforçar pode alcançar a condição de beneficiado, desconsiderando que as condições iniciais para atingir as esferas superiores, não são as mesmas para todos os seres humanos.

Eu acho assim que vai muito de você estar preparada para, estar apta para, estar disposta para. (Ivete Azzolini)

O discurso da competência cega os/as profissionais para as situações de desigualdade que se apresentam no entorno ou, até mesmo, que se sucedem consigo, o que, no caso das mulheres, pode ser encarado como uma forma de violência simbólica (BOURDIEU, 2012). Para conquistarem a simpatia e a subordinação dos/as trabalhadores/as, as empresas se apropriam de discursos motivacionais, como do lendário pote de ouro no final do arco-íris para o qual os indivíduos embarcam em uma busca incessante que resulta em uma estrada sem destino ou na descoberta de que tudo não passava de uma ilusão, sendo o arco-íris do contexto empresarial uma trajetória interminável para alcançar o ouro da liberdade financeira e do conforto. A meritocracia, nessa discussão metafórica, é representada pelo veículo com o qual se percorre a estrada, de modo que poucos vão de avião, alguns de carro, muitos caminham e outros não conseguem permissão para percorrer o caminho, no entanto, os que conseguem chegar mais longe atribuem esse êxito à competência.

Sinceramente no jornalismo eu não vejo diferença. Não vejo diferença. Acho que é uma das profissões mais igualitárias assim de espaço, na minha opinião. (Maria Eduarda Giglio)

Agora eu não posso falar por convivência, por estatística é possível chegar a uma conclusão, mas por convivência eu digo pra você que eu não sofri nenhuma discriminação em relação a ser mãe, eu não sofri nenhuma discriminação, tanto que chegou a época, no outro grupo, que éramos sete

gerentes homens e uma mulher que era eu [...] Eu volto a dizer, se trata de ter competência para ou não ter competência para. Eu inclusive sinto falta de homens na minha equipe, até por uma questão de que o jornalismo hoje ele não tem uma remuneração assim, tirando os cargos mais estratégicos, então acho que é até uma opção que a gente tem pouco homem jornalista. Eu não vejo que tem estigma, eu vejo que tem sempre uma questão de competência, sempre uma questão de competência. (Ivete Azzolini)

O discurso de Ivete Azzolini ilustra situações de desigualdades que passam despercebidas pelo caráter convencional do contexto social no qual ocorrem, ou por não afetarem diretamente o/a emissor/a do discurso. O depoimento da telejornalista apresenta três agravantes decorrentes da divisão sexual do trabalho: a ocupação desigual de cargos de gerência, a inferior remuneração destinada às mulheres e a feminização de profissões de baixa remuneração, de modo que “o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho [...] que ele faz precarizando com intensidade maior o trabalho das mulheres” (ANTUNES, 2002, p. 109).

No entanto, o aumento da participação das mulheres e, conseqüentemente, a ocupação de cargos de gerência geram a convicção de que as condições de permanência e ascensão se tornaram igualitárias, pautadas pela atmosfera de sororidade. Embora a elevação das presenças femininas torne o cenário profissional mais compreensivo sobre as dificuldades enfrentadas, principalmente pelas mães, em uma sociedade sustentada pelos valores patriarcais, a ideia de que se alcançou a igualdade por esse motivo é uma armadilha que mantém os discursos de competência intactos.

Então, hoje eu tenho o privilégio de trabalhar numa empresa que muitas mulheres ocupam postos importantes e, no telejornalismo de uma forma geral, as mulheres elas têm bastante destaque, principalmente na área interna, seja na parte de chefia de pauta, pauta, edição, apresentação de telejornal e, até no nosso caso, a nossa gerente de jornalismo. (Fabiana Oliveira)

Eu acredito que na TV é bem equilibrado, são muitos homens em posições de chefia, mas a liderança maior é uma mulher, Luciana, que é a nossa diretora de jornalismo e logo abaixo dela é a Sandra, que é a nossa gerente geral de jornalismo, são as duas mandachucas da TV, então eu acho aqui na TV, eu vejo que é bem equilibrado assim, há mais mulheres dentro daquilo que eu percebo em cargos de chefia, aqueles estrategicamente importantes, hierarquicamente falando, do que homens. (Ana Cláudia Freire)

São as mesmas porque a minha equipe, a grande maioria é mulher e a grande maioria é mãe. Eu digo que é competência. A minha equipe, 80% dos colaboradores da minha equipe são mulheres e são mães. Eu não vejo que tem. Evidentemente que deve haver em cargos mais estratégicos, deve haver uma dificuldade, enfim, mas aqui na minha equipe, minha apresentadora é mãe e apresentadora, todas as minhas pauteiras e praticamente, tirando

duas, as minhas repórteres e interior são mães e eu vejo que eu não fiz uma escolha assim tão você, eu fiz uma escolha por competência e aí ocorreu de ficarem mães aqui dentro, o que eu acho maravilhoso. (Ivete Azzolini)

Posições de chefia ocupadas por mulheres facilitam a negociação no momento de atender às necessidades dos/as filhos/as, mas não excluem a pressão característica do próprio cenário telejornalístico que se sustenta sobre o fluxo constante de informações. Desse modo, de acordo com os discursos fornecidos pelas profissionais da área, é possível para uma mãe se inserir e permanecer no meio, contudo há uma divergência sobre as oportunidades de ascensão.

Não tive assim: “ah, então tá bom, você tem uma reunião na escola, pode sair mais cedo”, ou então “tem o dia das mães na escola, teu primeiro dia das mães na escola, você pode sair mais cedo”, não! Você que negociar com a chefia a possibilidade de troca de horário com outra colega. (Fabiana Oliveira)

Ninguém nunca vai me dar essa chance, porque eu não tenho como ficar full time dedicada a isso, apesar de ficar vinte e quatro horas por dia no celular, de ficar em casa, ontem seis horas da manhã meu filho acordou, seis horas da manhã eu tava resolvendo questões de um júri que tinha acabado cinco da manhã, passando informações pro programa que tava entrando ao vivo, a gente trabalha de casa também, a gente tá full time trabalhando, mas a empresa não vê dessa forma, ela vê que como eu tenho que cuidar do meu filho, eu não posso tá tão dedicada quanto as minhas colegas que são solteiras e sem filhos. (Anônima)

Principalmente daí na questão de competência, é pela disponibilidade de tempo de uma mulher que tem filho e de uma mulher que não tem filho é diferente, então eu acho que elas são estigmatizadas nesse sentido. (Francine Lopes)

Alguns fatores que podem contribuir para as discordantes posições são: idades dos/as filhos/as, rede de apoio e tempo de dedicação ao labor dispendido no interior do ambiente profissional, sendo este último definido pela interação dos dois primeiros, ou seja, mães de crianças pequenas, sem uma rede de apoio, não conseguem exceder sua carga horária nas dependências da empresa e, conseqüentemente, não atendem aos ideais de produtividade, já as mães de crianças pequenas, com uma sólida rede de apoio, conseguem dispende mais tempo (mas não integral) às exigências laborais o que possibilita uma lenta ascensão, ora as mães de jovens e adolescentes, com ou sem rede de apoio, conseguem dispensar um tempo maior para as demandas do trabalho, o que as qualifica como potenciais gestoras desde que priorizem o comprometimento com a instituição empregadora.

Então não sacaneio. É possível resolver à noite, vou resolver à noite, fora do meu horário de trabalho ou na primeira hora da manhã, não dá, então na hora do meu almoço. Eu também programo as coisas de forma que não gere prejuízo total para a empresa. [...] Eu já saí do hospital pra ir numa reunião

de emergência aqui, alguém me socorre e eu: “ó, fica aqui por duas horas que eu vou até a empresa numa reunião e depois eu retorno”. Isso é uma questão de responsabilidade e comprometimento. Então assim, o meu trabalho não foi afetado em função dessas saídas ou desses afastamentos e a empresa também não. (Ivete Azzolini)

O que se pode notar, a partir dos discursos proferidos pelas profissionais participantes desta pesquisa, é que o cenário telejornalístico paranaense permite a presença e permanência das mães, principalmente nas emissoras cujos cargos de chefia são ocupados por mulheres, no entanto essas mães precisam de uma consistente rede de apoio que permita a dedicação integral às atividades laborais. Desse modo, o pai das crianças tem papel determinante nas dificuldades que essas mães enfrentarão no ambiente profissional, já que a participação igualitária, mínima ou, até mesmo, ausente nos cuidados dos/as filhos/as definirá as estratégias que essas profissionais precisarão adotar para equilibrar as atividades sociais e privadas.

4.4.4. ELE É PRESENTE, MAS...: O PAI APOIO/SUPORTE

As palavras que usamos em nossos discursos, principalmente aquelas que proferimos impensadamente, revelam muito das nossas internalizações, bem como da realidade do meio em que vivemos. As psicologias analítica e freudiana buscam interpretar as repressões, lembranças recalçadas ou esquecidas, sentidos, dentre outros conteúdos internalizados em esferas pessoais e/ou coletivas a fim de compreenderem “o espaço de concentração desses conteúdos” (JUNG, 1976, p. 11) que se denomina **inconsciente**.

[...] o inconsciente retrata um estado de coisas extremamente fluido: tudo o que eu sei, mas em que não estou pensando no momento; tudo aquilo de que um dia eu estava consciente, mas de que atualmente estou esquecido; tudo o que os meus sentidos percebem, mas minha mente consciente não considera; tudo o que sinto, penso, recordo, desejo e faço involuntariamente e sem prestar atenção; todas as coisas futuras que se formam dentro de mim e somente mais tarde chegarão à consciência; tudo isto são conteúdos do inconsciente. (JUNG, 2013c, p. 132)

Ao vivermos em uma sociedade definida por valores patriarcais, por mais que as mulheres conquistem a esfera pública, dediquem-se ao trabalho em iguais ou, até mesmo, superiores proporções em relação aos homens, os arquétipos²⁵ dos homens dominadores e mulheres submissas ainda permanecem internalizados no **inconsciente coletivo**, definido por Carl Gustav Jung (1976, p. 12) como “universal;

²⁵ Arquétipos são definidos por Jung como os conteúdos do inconsciente coletivo.

isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda a parte e em todos os indivíduos”.

Embora exista a articulação de uma resistência e lutas pela dissolução dessas personificações opostas (homem = razão/mulher = emoção), a presença delas se apresenta constantemente em nossos discursos, mesmo das pessoas mais esclarecidas sobre igualdade e liberdade, afinal fomos criados/as no interior de uma sociedade na qual se reproduz constantemente esses preceitos que direcionam mulheres e homens, desde a infância, a assumirem papéis desiguais na sociedade.

Eu acho que são exatamente as mesmas responsabilidades das maternas, iguaizinhas, com exceção da amamentação, mas o resto é tudo igual. O problema é assim, o homem não é criado pra ser um pai com as mesmas responsabilidades de uma mãe, mesmo com tudo que mudou, mesmo tendo muitos homens que hoje são donos de casa e, conseqüentemente, fazem o papel da mãe também na educação dos filhos, eles não veem desse jeito. (Solange Berezuk)

O pai ama, mas parece que o homem sempre põe a vida profissional, não em primeiro lugar, mas a preocupação profissional não sei se vem antes, o homem é mais racional assim, não sei se ele pensa, “ah, o filho pode esperar”. (Luanne Tsuchima)

As palavras **apoio** e **ajuda**, bem como seus sinônimos, são frequentes no cotidiano das mulheres que possuem homens no convívio familiar e, principalmente, das que são mães. Poucas pessoas se conscientizaram, até o presente momento, de que a participação igualitária dos homens no âmbito privado faz parte das responsabilidades da família como um todo e não de um favor realizado para preencher a ausência das mulheres em momentos extraordinários.

Não é suficiente que os homens "ajudem"; eles devem responsabilizar-se pelo funcionamento físico, intelectual e emocional da vida familiar. As mulheres, inicialmente, talvez tenham que "supervisionar" os homens para colocá-los na estrada da independência no pensamento doméstico. (SCHIEBINGER, 2001, p. 196, grifos da autora)

Não devemos, contudo, responsabilizar somente os homens pela manutenção desses padrões. É constante, no discurso das mulheres, a atribuição das tarefas domésticas e dos cuidados a elas mesmas, de forma intencional ou não, relevando e, muitas vezes, isentando os homens de assumirem mais tarefas, por consequência de uma falsa ideia de que o sexo feminino possui características que permitem assumir mais funções que o masculino, além de apresentar uma carga emocional mais elevada.

Apesar da gente viver num momento hoje que as pessoas acreditam que as coisas estão mais separadas, na verdade não é separadas, mas que pai e mãe caminham juntos na questão da educação do filho, dos cuidados com o filho, eu percebo assim que a responsabilidade e até a própria preocupação da mãe ela é muito maior, por melhor que seja o pai, por mais dedicado que ele seja. [...] Olha, eu acredito, como eu já disse antes, tem que existir essa união do casal pra criar um filho, mas a responsabilidade paterna acho que, coitado, acho que é tá meio junto ali, é dar um suporte, é dar um suporte pra criança, dar um suporte pra mãe. (Fabiana Oliveira)

Então pra mim tudo referente ao meu filho é minha responsabilidade, eu assumo pra mim, que ele esteja limpo, que ele esteja bem-vestido, que ele tenha roupas que sirvam, que ele esteja com saúde, os tratamentos de saúde dele, ida ao médico, pra mim tudo é minha responsabilidade. Eu conto com ajuda das pessoas, mas eu considero minha responsabilidade. [...] às vezes tem demandas que a gente precisa terminar, mas eu tenho que sair porque a escolinha dele fecha às sete e correria, busco ele na escolinha, volto pra casa, daí meu esposo já tá em casa, daí é o meu esposo que dá banho. À noite meu esposo ajuda mais. (Anônima)

[...] a criança depende mais da mãe por mais que o pai participe, geralmente é a mãe que se dedica mais, que se doa mais, principalmente na parte profissional, que deixa mais de lado a profissão [...] (Maria Eduarda Giglio)

A limitada presença ou a ausência da participação masculina no âmbito privado, características do modelo familiar tradicional, acabam gerando, algumas vezes, uma sensação de conformismo que direciona as mulheres a assumirem a integralidade das responsabilidades do lar e dos cuidados com os/as filhos/as e esse é um ponto primordial que explica o porquê de ambientes profissionais cujas oportunidades de ascensão são aparentemente as mesmas, manterem os cargos mais elevados ocupados por homens. Mesmo o pai estando disponível para exercer a função, como no caso de Fátima Bernardes, é a mulher que se responsabiliza pelo cuidado com a casa e com os filhos. Essa pode ser uma decisão dela, entretanto, o pai não se movimenta para alterar a situação, buscando dar mais comodidade e tranquilidade para a mulher.

De acordo com Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p. 597) “[...] uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno”. Esse trabalho gratuito, muitas vezes, causa esgotamento nas mulheres, principalmente nas que são mães, encarado pelo mercado como um declínio da produtividade, o qual dificulta ou impede a ascensão na carreira ou o aumento da remuneração. Isto posto, as empresas podem ofertar postos superiores sem distinção de gênero, mas vão ocupá-los os/as que estiverem mais produtivos/as nas visões das corporações.

Muito melhor, os homens ainda dominam os cargos principalmente de chefia porque eles ainda não têm tanta preocupação com a casa porque sempre tem alguém ali resguardando, na retaguarda, né? (Alessandra Consoli)

O nosso chefe de reportagem, então a gente tem dois chefes, um da manhã, um da tarde e a gerente de jornalismo, um deles é homem, então dá pra ver com muita tranquilidade que ninguém nunca liga pra ele: “ah, seu filho tá doente, então vem correndo buscar”, ninguém liga pra ele e fala: “ai, sei lá, seu filho machucou” ou alguma coisa nesse sentido. Em contrapartida se você olhar a que faz par com ele, que também é mãe, é outra realidade. (Fabiana Oliveira)

Então, já os pais têm cargos de chefia. O meu marido é chefe em um dos trabalhos dele. Porque eles não precisam, a maioria, não vou generalizar aqui, mas a maioria não precisa parar esse tempo na carreira, por isso acho que eles conseguem mais, estarem em melhores cargos ou melhor remunerados. (Francine Lopes)

A centralização dos cuidados na figura materna conecta essa atividade com as questões morais, de modo que “O que faz ‘cuidar de’ ser tipicamente percebido como moral não é a atividade em si, mas como essa atividade se reflete sobre as obrigações sociais atribuídas a quem cuida e sobre quem faz essa atribuição” (TRONTO, 1997, p. 189). Portanto, como a sociedade atribui às mulheres a obrigação de assumir a esfera privada, independente do papel que assumam no âmbito social, grande parte das adversidades que envolvam os/as filhos/as no período que a mãe está presente ou ausente, serão **julgadas** como falhas da supervisão materna. Isso sobrecarrega as mulheres e isenta os homens do sentimento de culpa.

Não porque eles, em sua grande maioria, têm as mães do outro lado, então eles nunca vão se preocupar com o filho, no caso. (Francine Lopes)

Então quando você pensa no homem, na posição do homem no telejornalismo, ela é uma posição mais confortável. A gente tem repórteres, homens, que são pais, e pra eles, sei lá, pode ser que eu esteja sendo preconceituosa com eles, mas eu não vejo neles as mesmas preocupações e os mesmos empecilhos e os mesmos problemas que você vê nas mães. Se uma mãe falta ao trabalho por causa do filho, ah, tá bom, o filho dela tá doente, mas o pai não falta ao trabalho porque o filho tá doente. (Fabiana Oliveira)

[...] enfim, mas acredito que pro homem é mais prático nesse momento de tomada de decisão que você precisa sair da rotina, é mais fácil eles trabalharem isso com menos dor na consciência “ah, tá bom, fulana cuida”, do que pra gente. (Ana Claudia Freire)

Eu quando tava grávida cansei, cansei de ouvir de coleguinhas, perguntaram: “ah, como é que vai o teu filho?”, “ah, vai ótimo, tá muito bem e tal, minha mulher tá em casa cuidando dele”, ou seja, a minha mulher tá cuidando do meu filho, eu tô cuidando do meu trabalho e é assim mesmo, isso não mudou. Então pro pai não afeta em nada, pra mãe afeta. (Solange Berezuk)

Entretanto, mercado se apropria dessas desigualdades sociais para explorar os pais trabalhadores que se dedicam integralmente e sem interrupções às demandas do capital, enquanto as mães, por não poderem se dedicar com a mesma diligência ao labor, são afetadas pela insegurança e instabilidade, posto que há sempre a possibilidade de deixarem suas atividades profissionais para atenderem às necessidades dos/as filhos/as. Por conseguinte, a inquietação aumenta quando se considera que “O desemprego feminino é maior do que o masculino na maioria dos países industrializados, e as mulheres são majoritárias no desemprego oculto pelo desalento (INSEE, Enquête Emploi, 2005.a)” (HIRATA, 2018, p. 17), ou seja, caso a mulher não se dedique efetivamente às exigências da empresa, há um exército de mulheres desempregadas dispostas a substituí-la.

Bom, eles delegam para as mães. Isso é fato, assim, quando eu tenho que remanejar alguma colaboradora minha que demande uma viagem, que demande virar um final de semana, que demande um trabalho que é mais exaustivo e essa colaboradora tem filhos pequenos, vai sempre haver uma negociação. (Ana Cláudia Freire)

De forma alguma. No mercado tanto faz para os homens se são pais ou não são pais. Ninguém pergunta. Porque você não vai ver um pai sair correndo do trabalho para atender alguma emergência com filho, veja, minha família é exceção nisso, o normal é que as mães acabem assumindo essa tarefa, então a menos que tenha algum homem que comece a fazer essa função, para a empresa tanto faz se é pai ou se não é. (Adriana Milczewsky)

O depoimento de Adriana Milczewsky evidencia que, no cenário telejornalístico, a paternidade assume um caráter indiferente na carreira dos homens, todavia esse padrão se estende por todo o mercado de trabalho, pois a ideia de uma díade antitética (BOBBIO, 1995) ou de uma lógica binária construída pela junção de pares de opostos (SARDENBERG, 2001) na qual o sexo masculino representa o racional/objetivo e o feminino o emocional/subjetivo permeia todos os âmbitos sociais, ou seja, naturaliza-se a abstração de figuras masculinas representando a esfera econômica, enquanto, de forma oposta, porém complementar, figuras femininas representam o terreno dos cuidados familiares.

Que que eu entendo que acontece aqui dos meus colegas? Quando eles tem qualquer enrosco que tem que ficar, passar do horário, viajar, fazer qualquer mudança que saia da rotina, etc e tal, não vejo eles batendo cabeça porque delega pra mãe: “ó, não vou voltar, não vou, etc e tal, pega as crianças, busca não sei aonde” [...] (Ana Cláudia Freire)

E é a questão de mesmo você estando ausente, você tem que tá presente, você tem que tirar dúvida, mesmo à distância: “mãe, tô com uma dúvida aqui, o que que eu faço?”, “preciso comprar um livro”, “você pode trazer uma

cartolina pra eu fazer um trabalho?”, “mãe, final de semana eu tenho uma festa”, “mãe, vai ter uma mostra de literatura no colégio”, então é full time, você tá trabalhando, mas não tá deixando de atender tua filha [...] ela conta muito mais comigo, se ela precisa de alguma coisa ela pede primeiro pra mim, se eu não posso, daí ela vai pro pai, então acho que a mãe sempre é suporte, porque a mãe ela educa, mas ela educa com o coração e o pai às vezes é muito mais racional, então eles: “por que que não avisou antes que tem que comprar cartolina?”, a mãe dá um jeito, ela sai do trabalho sete, oito horas da noite e passa em algum lugar, no shopping, que tem uma livraria aberta e compra. (Luanne Tsuchima)

A atribuição dos cuidados às mulheres torna, muitas vezes, as funções paternas confortáveis, todavia, deve-se considerar que nem todos os homens assumem a postura complementar ou ausente nas dependências do lar. Existem famílias que dividem as tarefas de forma igualitária, ou, até mesmo, atribuem ao homem a maior parte dos afazeres domésticos, como o caso do casal de apresentadores Rodrigo Hilbert e Fernanda Lima, cuja dedicação de Hilbert às atividades do lar é vista como um exemplo de perfil masculino excepcional. Situação similar foi relatada por Fátima Bernardes sobre o período que a jornalista realizou a cobertura da Copa do Mundo, de futebol, e seu então marido, William Bonner, ficou “sozinho” com os trigêmeos, os quais tinham pouco mais de cinco anos, e foi considerado um superpai por tal feito. A jornalista reclamou, em entrevista presente no livro: “Jornalista: profissão mulher” (HABIB, 2005) que quatro anos antes, Bonner se dedicou à mesma atividade, de modo que ela ficou com as crianças (de pouco mais de um ano) e ninguém a elogiou. Casos como esses geram agitação e reconhecimento popular descomuns, visto que representam as atividades triviais do cotidiano que os seres humanos, independente do gênero ou classe social, devem assumir.

Com a participação do meu marido. Ele é muito participativo nos cuidados das crianças, desde tarefas domésticas, cuidar da roupa, cozinhar, levar na escola, tanto que o primeiro número para ligar em casos de emergência na escola é o dele e ele só vai me ligar para resolver se realmente ele estiver em uma situação muito complicada e não tiver jeito mesmo de sair do trabalho para buscar as crianças [...] Na minha família não tem essa divisão, exceto cozinhar que é uma tarefa do meu marido, até porque ele cozinha melhor do que eu e vai ser bom para as crianças que ele cozinhe, elas vão ficar felizes, eu vou ficar feliz, mas o resto é tudo dividido. Na minha casa, o meu marido não me ajuda, ele divide as tarefas comigo. (Adriana Milczevsky)

Eu acho que tem, depende da ocasião, eu trabalho com um superpai, na Massa, que ele é editor e ele ama ser pai, ele é uma pessoa que tem um blog, ele escreve sobre a relação pais e filhos, quando ele chega em casa é ele que dá comida, ele que brinca, ele que dá banho, ele que faz tudo, põe pra dormir. (Luanne Tsuchima)

Acho que a gente ainda tem uma sociedade que é muito machista nisso, mas eu tenho um companheiro que eu vou te falar, um companheiro tão maravilhoso que ele é um pãe, então ele me ajuda muito. Então eu tive a sorte de ter um marido que é uma mãe também, então isso me deu muito mais respaldo pra continuar na minha profissão. (Alessandra Consoli)

A valorização dos pais presentes ou que demonstram publicamente dedicação aos/as filhos/as é muito comum, sendo que a mesma estima não se aplica às mães, as quais, como já vimos, são responsabilizadas pelos cuidados com os/as filhos/as e, quando se ocupam com outras atividades, são julgadas, mas dificilmente elogiadas pelos esforços diários que realizam. Nossa sociedade tem dificuldade em aceitar uma dedicação paralela, seja ao trabalho, lazer ou cuidados individuais, às responsabilidades maternas, desse modo, quando uma mãe resolve dedicar um tempo para sair com amigos/as e deixa os/as filhos/as com o pai, se ocorre alguma adversidade com os/as filhos/as, culpar-se-á a mãe, já quando inverte-se a situação culpar-se-á a mãe novamente.

Então eu sinto que, quando a gente fala de mercado de trabalho, mulher com filho é uma coisa, mercado de trabalho, mulher sem filho é outra. Contrário do homem, um homem casado, com filho, acho que ele passa até mais respeito, “nossa, ele é um homem de família, ele é casado, ele tem filho, ele é um cara responsável, olha os filhos dele, tão sempre bem-vestidos, tão sempre arrumadinhos, não sei o que”, sabe? “ai, olha que amor, ele põe foto dele com os filhos no Instagram, no Facebook”, ninguém vê o que tá por trás, que enquanto ele tá ali sorrindo com o filho na foto do Instagram, tem lá uma mulher cansada, fazendo comida, que trabalhou o dia inteiro, sabe? Então acho que é um pouco por aí. (Fabiana Oliveira)

Eu acho que as funções paternas são as mesmas, mas infelizmente a gente vive numa sociedade em que essa, tá muito delegado pra mulher essa responsabilidade, então assim, eu tenho um ótimo relacionamento com o meu ex-marido, meu ex-marido é um ótimo pai para as filhas no sentido de dar presente, de ser amoroso, de ser carinhoso, de estar com elas sempre, de buscar no final de semana, de fazer as viagens, enfim, ele é um pai presente pra elas, colabora com a pensão, tá tudo certo, tudo ok, mas assim, na hora que o bicho pega, na hora que aperta, na hora que a água vem no pescoço, que aperta a cintura, que tem algum problema, alguma dificuldade com as crianças, alguma doença, algum problema que tenha que resolver na escola, etc e tal, é comigo, é com a mãe [...] A diferença é, no meu caso, divorciada, é que o pai não está presente no dia a dia, então ele acaba ficando com o gostoso do passeio no final de semana, da saída, do happy, da alegria, entendeu? (Ana Cláudia Freire)

Os depoimentos de Fabiana Oliveira e Ana Cláudia Freire nos atentam para um perfil paterno que podemos nominar **pais de final de semana**, ou seja, aqueles que estão presentes na vida dos/as filhos/as somente nos momentos de alegria, diversão, exposição pública e ocasiões que os/as filhos/as mais estimam. Quando ocorre algum problema, dificuldade ou contratempo, esses pais de final de semana se esquivam e

direcionam a responsabilidade para as mães que, muitas vezes, acabam enfrentando, posteriormente²⁶, a rebeldia dos/as filhos/as adolescentes, os/as quais crescem associando o perfil paterno a euforia, entusiasmo e contentamento e o materno a contrariedade, aborrecimento e cobrança.

Eu acho que pai tem que ter as mesmas responsabilidades da mãe, porque o valor afetivo que ele tem na cabeça de uma criança é igualzinho. “ah, mas não, mas a criança sempre se apega mais com a mãe”, é óbvio que se apega mais com a mãe, o pai, muitos pais, não querem ter essa responsabilidade que a mãe tem, eles fogem disso. Porque não é fácil, não é fácil. [...] Você pode ver, você pega uma criança com uma autoestima boa, uma autoestima bacana, legal e tal, o pai e a mãe participam. Eles não precisam, necessariamente, estar juntos, ou serem casados, mas os dois participam da educação de uma criança e convivem com essa criança, aí funciona. Agora quando o pai abre mão ou joga essa oportunidade fora, é complicado até pra criança. (Solange Berezuk)

Defensores/as da sociedade patriarcal, contudo, sustentam o discurso de que a busca das mulheres pela emancipação é o motivo dos problemas familiares contemporâneos, visto que homens e mulheres, nessa visão, possuem características naturalmente diferentes que os direcionam para as funções sociais que devem exercer, desse modo, o afastamento das mulheres das atividades domésticas, que eram realizadas em tempo integral, conduz os homens a assumirem tarefas para as quais eles não estão aptos. Desse modo, “A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 2001, p. 8).

Então não dá pra dizer que aí, você, eu adoraria que tivesse imperado no mundo aquela teoria do meu pai e da minha mãe, né, dos nossos avós que ô, você provê o dinheiro e eu cuido da casa haha, era mais fácil, sabia? Porque a gente assim, tomou conta, a mulher tomou conta do mundo e não conseguiu dar conta. E aí o homem hoje ele tá numa confusão que ele não sabe o que é por culpa nossa, porque a gente colocou ele num papel do tipo: “o que que eu sou?” [...] Assumindo a possibilidade de que ele tem que ele sozinho dar conta de uma prole, ele teria muito mais dificuldade que nós mulheres ter que dar conta da prole e mais o cargo. Eu acho que seria mais difícil pra ele se ele tivesse que dar conta disso. Eu vejo que eles se angustiam muito mais que a gente, eles se perturbam muito mais quando há um problema na família, eles se desequilibram, eles não conseguem encaixar rotina de casa, rotina de prole com o cargo, eles não conseguem até por uma natureza de homem mesmo que faz uma coisa de cada vez. Eu acho que eles sofrem mais que a gente. (Ivete Azzolini)

²⁶ Posteriormente, pois nas fases iniciais da vida, principalmente na primeira infância, as crianças se apegam a quem está mais próximo/a e fornece subsídios para suprir as necessidades físicas e afetivas. Essa questão do apego é teorizada com aprofundamento pelo psicólogo britânico John Bowlby a partir de 1969.

O depoimento de Ivete Azzolini é muito significativo no que concerne ao fato dela assumir e atribuir às mulheres a culpa pelos homens se sentirem desorientados com a atual realidade, na qual, as mulheres, ao se inserirem de forma incisiva no mercado de trabalho, passam a assumir o papel de provedoras e, desta forma, não resta nada a eles. Entretanto é conveniente destacar que muitos homens não fizeram o movimento inverso, ou seja, não assumiram sua parcela de responsabilidade com os afazeres domésticos e de cuidado com os/as filhos/as. Esse discurso acaba culpabilizando as mulheres pelo desinteresse masculino em dividir, de forma igualitária, as responsabilidades e compromissos familiares. Convém destacar que a entrevistada foi criada em uma sociedade que desperta nas mulheres este sentimento de culpa.

O patriarcado, quando aliado ao capitalismo, não oprime somente as mulheres, mas a sociedade como um todo, assim, deve-se considerar que, embora a condição dos homens seja mais confortável nesse sistema, existe uma pressão por assumirem os papéis de provedores e protetores aos quais não se permite falhar, de modo que, quando as esposas conseguem superar os rendimentos dos maridos, desperta, em muitos homens, um sentimento de incompetência que se associa à competitividade com o intuito de recuperar o lugar tradicionalmente definido pela sociedade. Essa necessidade de competir (característica do discurso capitalista) para manter a estrutura tradicional, pode **contribuir** para a ausência de muitos pais no lar.

O meu marido ele passa o dia todo trabalhando, às vezes tem que trabalhar à noite também, eu super entendo, mas eu, não que isso vire uma briga, mas eu chamo a atenção dele pra que quando ele esteja em casa, ele dê atenção pro filho, porque ele, pela questão do trabalho, enfim, às vezes, tá trabalhando ali no full time, eu falo: “chegue em casa e chegue em casa de verdade, preste atenção nas coisas que ele quer te contar, também assim, você também vai educar, cuidar, alimentar, enfim”. (Francine Lopes)

Nesse mundo machista, o máximo que os homens veem, inclusive quando veio a notícia de que ele ia ser pai: “como é que eu vou fazer pra sustentar essa casa?”. Eu sempre recebi mais que o meu esposo, então ele passou por um período de culpa de “ta, minha mulher ganha mais do que eu, como é que eu vou sustentar essa casa? Como é que eu vou sustentar essa criança?”, o pânico dele quando a gente descobriu que tava grávido era a grana do homem provedor e tudo. (Anônima)

A necessidade de competir, gerada em muitos homens envolvidos pelos ideais da sociedade patriarcal e do sistema capitalista, sustenta a percepção de Danièle Kergoat (1978, p. 44) citada no artigo de Helena Hirata (2018, p. 16), na qual “Patriarcado e capitalismo se combinam e exploram dominando e dominam

explorando”. No entanto, os homens oprimidos pelos propósitos competitivos acabam oprimindo ainda mais as mulheres que, além de serem afetadas pelas desigualdades características da divisão sexual do trabalho e da divisão sexual do trabalho doméstico, encontram no companheiro mais um obstáculo a ser enfrentado e superado.

4.4.5. SE NÃO FOSSE A MINHA MÃE...: A REDE DE APOIO

Como já propôs Joan Tronto (1997, p. 189), “Cuidar é uma atividade regida pelo gênero tanto no âmbito do mercado como na vida privada”, sendo assim, complementa Saffioti (2001, p. 9) que “A sociedade investe muito na naturalização deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe”. Logo a sociedade, regida pelos valores patriarcais, propõe que as mulheres devem assumir os cuidados na esfera privada por serem capacitadas para a procriação, a qual desperta qualidades afetivas que as diferencia dos homens.

Em um argumento digno do defensor da maternidade do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau, o químico da Universidade de Alberta, Gordon Freeman, argumentou que as mulheres são "equipadas pela natureza para serem nutridoras" e que as crianças de mães trabalhadoras sofrem de "sérios danos psicológicos". O fato chocante é que este artigo foi feito através de revisão de pares. (SCHIEBINGER, 2001, p. 194)

Com a atribuição dos cuidados às mulheres, a migração para o mercado de trabalho, por mais que seja para suprir necessidades, muitas vezes, é encarada com resistência e, como vimos na temática anterior, muitos homens mantêm a postura de provedores o que os desresponsabiliza de dividir as tarefas domésticas. Com a isenção dos homens nos cuidados com os/as filhos/as, muitas mães precisam recorrer a uma rede de apoio que controle situações do cotidiano e, até mesmo, emergenciais, permitindo a elas a dedicação ao labor. Essa rede de apoio, em sua pluralidade, é representada por outras mulheres que se solidarizam (geralmente avós ou tias das crianças) ou são contratadas para suprirem a ausência materna nas dependências do lar e na tarefa dos cuidados.

A rede de apoio de algumas das entrevistadas apresenta a avó materna como protagonista dos cuidados, o que proporciona o questionamento sobre a ausência da avó paterna e reflete na sobrecarga para a avó materna, a qual precisa assumir, novamente, o papel dos cuidados, contudo em um período da vida que a disposição,

muitas vezes, não se manifesta da mesma forma. A avó que cuida dos/as netos/as acaba procrastinando seus próprios afazeres para se dedicar aos interesses das gerações posteriores.

Olha, eu me considero uma pessoa privilegiada porque eu conto com a ajuda da minha mãe full time, então a minha mãe ela tem a casa dela, o apartamento dela, mas ela se dedica muito à minha filha, à minha casa, então ela fica o tempo que for necessário lá, ela fica o maior tempo dos dias do mês comigo e ela cuida, quando minha filha chega em casa ela tá em casa, ela faz o almoço e ela fica à noite quando eu não tô, se eu preciso que leve no médico, ela leva. “ah, ela não tá bem na escola, precisa ir no médico, mãe, você pode ir buscar?”, ela busca. (Luanne Tsuchima)

Porque eu tenho ajuda da minha mãe (risos), porque se eu tô dedicada aqui, alguma coisa que exija ficar e não é sempre, mas geralmente acontece, uma urgência, enfim, um plantão que a gente precise fazer, a minha mãe tá lá pra auxiliar. (Maria Eduarda Giglio)

A rede de apoio, muitas vezes, é o que determina se a mãe terá ou não possibilidade de ascensão na carreira. Uma mãe que não possui apoio, com exceção das mães de adolescentes, jovens ou adultos, tem limite na carga horária, nos dias da semana e arrisca-se a cometer atrasos com mais frequência ou se retirar nos horários comerciais para atender emergências envolvendo os/as filhos/as.

Se essa mãe ela tem um apoio e alguém que possa ajudar a cuidar dos filhos ou se os filhos já são maiores, assim, adolescentes, eu acho que as oportunidades são iguais. Agora se a criança for pequena, recém-nascida, por exemplo, até uns quatro anos, uns três aninhos, quatro, por ali, e ela não tiver ninguém pra cuidar, daí são, daí há uma diferença de tratamento sim, porque ela não consegue se dedicar, por mais que ela tente, ela não consegue. (Solange Berezuk)

Foi e também já teve vezes que eu não consegui sair e eu tive que pedir auxílio pra minha mãe, falei “mãe, vá lá buscar, atenda pra mim, que eu não consigo”. Então assim, eu realmente tenho essa facilidade porque eu tenho apoio familiar. Eu acho que pra quem não tem é bem mais difícil. (Maria Eduarda Giglio)

A rede de apoio não se limita a atender as necessidades das crianças em períodos que a mãe se dedica ao labor, mas serve também de referência nos cuidados quando as mulheres iniciam seu percurso na trajetória materna, visto que não é uma tarefa descomplicada e, tampouco, se estabelece por experiências parelhas, mas por vivência e aprendizagem diárias que podem contar ou não com o auxílio de técnicas que obtiveram êxito em outras situações. A responsabilidade dos cuidados não envolve somente a relação entre o/a cuidador/a e quem está sendo cuidado/a, embora compreenda-se que “os cuidados fundamentam-se no conhecimento completamente peculiar da pessoa em particular que está sendo cuidada” (TRONTO, 1997, p. 191).

Isso eu acho mais difícil, porque assim, você, às vezes, tem que deixar os teus preconceitos de lado pra você preparar uma criança pro mundo que não é o que você teve, é um mundo completamente diferente, com outras visões, sabe? Com outros conceitos assim, até outros valores. Mas eu acho assim, a tua responsabilidade como mãe é fazer uma base pra eles, sabe? (Solange Berezuk)

O discurso de Solange Berezuk desperta a reflexão de que cuidar envolve o entendimento das necessidades e do contexto no qual o indivíduo atendido está inserido. Desse modo, utilizar as mesmas técnicas satisfatórias às crianças nascidas há vinte, trinta ou cinquenta anos, que passavam a infância sob os cuidados maternos constantes, não contempla a realidade das crianças do período atual, cuja presença dos pais está mais distante e os recursos tecnológicos, para suprir essas ausências, mais desenvolvidos.

Amiga de Deus, eu acho que assim, você não nasce uma mãe, eu acho que você, nasce a mãe que tem em você quando nasce o seu filho. Então assim, quando eu não tive nenhuma ajuda materna, minha mãe já era falecida quando nasceu a minha filha, a minha sogra também já era falecida, eu tinha algumas tias ainda vivas, mas eram pessoas assim que tinham visões muito antigas daqueles primeiros cuidados com o bebê assim, então eu comecei a ficar em pânico, eu falei, daí chegou uma hora eu falei: “eu tenho que me acalmar, eu tenho que aprender a fazer do meu jeito porque eu não tenho socorro”, porque apesar do meu pai estar ali, é um avô, não é a mãe. (Solange Berezuk)

Por não existir um método ou modelo predeterminado, a presença de outras pessoas que já passaram pela experiência inicial da maternidade é muito importante, não para definir um jeito correto de criação, educação e orientação, mas de fornecer um conforto para as mães de que seus anseios, muitas vezes, não são particulares, mas comuns da trajetória materna, de forma que existem meios de contorná-los.

Quando as mulheres consolidam a maternidade e estão inseridas no mercado de trabalho, se deparam com uma sequência de conflitos e, muitas vezes, a luta por permanecerem introduzidas no cenário laboral as afasta de momentos de descobertas e percepções sobre as particularidades dos/as filhos/as, de modo que, em momentos de dificuldade, é significativa a presença de um grupo que se solidarize a encontrar meios de superar os obstáculos decorrentes da própria atividade dos cuidados ou do desconhecimento da realidade enfrentada pelos/as filhos/as resultante das opressivas exigências do capital que as retira de seus lares sem garantias de um horário fixo para retornar.

As pessoas me perguntam: “ah, não vai ter outro filho?”, eu geralmente respondo que com o horário de jornalista ou a falta de horário é meio

complicado mesmo ter mais um filho pra “a avó criar” é difícil. (Maria Eduarda Giglio)

O capitalismo direciona as mulheres, principalmente as que são mães, muitas vezes, a escolherem entre seus interesses pessoais/familiares e a busca pela estabilidade, proposta pelo discurso meritocrático, de modo que, para as que optam pela dedicação ao labor, uma rede de apoio é necessária e, até mesmo, primordial. Por conseguinte, existem mulheres que decidem procrastinar ou não consolidar a maternidade, não por uma escolha baseada em interesses particulares, mas na necessidade de atender às demandas do capital. Isto posto, do mesmo modo que a questão dos cuidados com a aparência deve partir de uma escolha individual e não da imposição de padrões, o mesmo aplica-se a maternidade, cuja decisão de ser consolidada ou não precisa ser realizada de forma alheia ao labor. No entanto, com um cenário tão opressivo e agonizante, será possível se libertar dos paradigmas de tal maneira?

Por isso que eu vejo assim, tem muitas jornalistas que são mães muito tarde, depois dos quarenta, depois dos trinta e nove, até mais pra frente, por causa disso, porque lá quando tinham trinta não quiseram abrir mão do fato de galgar um cargo superior, entendeu? E daí abriam mão. Foi mal? Não, não foi mal, é uma opção que você tem que fazer. (Solange Berezuk)

Eu teria tido mais um filho (risos). Queria ter tido mais um filho e não teria, porque eu sempre fiquei assim, “ah, vou esperar passar a fase dos cinco anos” e quando veio os cinco, “ah, vou esperar crescer mais um pouquinho” e acabei tendo uma só. (Luanne Tsuchima)

As mães que desejam ter mais filhos se veem encurraladas pelo mercado por já compreenderem as dificuldades que surgem por consequência da dificuldade em conciliar as duas esferas (social e privada), desse modo, buscam uma posição ou situação que as ofereça segurança e conforto, para então ampliarem a família. Todavia a insaciabilidade do mercado capitalista acaba exigindo cada vez mais tempo e dedicação e os planos familiares são estendidos por longos períodos de maneira que, muitas vezes, os planos nunca chegam a consolidação.

4.4.6. É NECESSÁRIO ESCOLHER ENTRE OS/AS FILHOS/AS E O TRABALHO?

As reflexões anteriores apresentadas nesta pesquisa revelam que, no telejornalismo paranaense, a produtividade relaciona-se diretamente com o tempo dedicado ao trabalho, o qual é incessante e exaustivo. Em contrapartida, nas relações domésticas, embora apresentem-se exceções, as mães permanecem como figuras

centrais dos cuidados e das demandas da esfera privada. A sobrecarga em ambos os âmbitos (social e privado), aliada a necessidade (de participar do sustento da família ou de realização profissional) e à realização pessoal (de ser mãe) propõe a busca por meios de conciliar as duas esferas, o que, com ou sem uma rede de apoio, nem sempre é possível.

Algumas mães possuem condições financeiras que permitem delegar as atividades domésticas, no entanto “Mesmo que exista delegação, um de seus limites está na própria estrutura do trabalho doméstico e familiar: a gestão do conjunto do trabalho delegado é sempre da competência daquelas que delegam” (HIRATA, KERGOAT, 2007, p. 607), logo a delegação, embora amenize, não extingue o trabalho de coordenar e supervisionar as tarefas. Já para as que não possuem condições de delegar as funções do lar, a conciliação entre trabalho e cuidados familiares requer escolhas que resultarão em perdas, seja de oportunidades no trabalho ou de tempo com os/as filhos/as.

Isso afeta sim, por exemplo, quando ela é, ela tem filhos pequenos e ela tá galgando um cargo, aí afeta, porque realmente ela vai ter que abrir, por um tempo, ela vai ter que abrir mão de uma das duas coisas. Ou ela vai ser uma excelente mãe, ou ela vai conseguir o cargo que ela quer. Isso é um pecado porque você tem que escolher entre o que você quer naquele momento e, às vezes, você perde grandes momentos com os seus filhos. (Solange Berezuk)

Então pras mulheres sobrecarrega muito. Elas tem que fazer “A escolha de Sofia”, né? E não adianta também você ter sucesso na carreira e ter seus filhos largados, eu também acho que não é o certo, eles não pediram para nascer, ninguém pediu para nascer. Eu acho que isso, infelizmente é uma realidade. (Alessandra Consoli)

Quando a carreira e a família de uma mãe representam graus de importância pareados, a decisão de qual receberá atenção maior se baseia na necessidade que a família possui da renda, nas ambições da profissional e/ou na rede de apoio com a qual essa mãe pode contar. Ao priorizar os/as filhos/as uma profissional precisa da compreensão da chefia e dos/as colegas, o que nem sempre acontece, pois, a equipe está imersa nos ideais de competitividade e opressão propiciados pelas demandas do capital, bem como orientada pelos valores patriarcais que estigmatizam as mães pelos efeitos e as dificuldades proporcionadas pelas fases iniciais da maternidade.

E ainda o nosso meio, o nosso meio é extremamente machista, é, extremamente, não adianta dizer que não, os meninos vão dizer que não, mas é, é. Ainda não chegamos naquele ponto de perguntarem, quando você vai procurar um emprego, como em muitas outras profissões, “ah, você já é mãe?”, “ah, você quer ser mãe?” ou então assim, “você quer engravidar

logo?”, né? Não, não chegou nesse ponto, mas a gente sabe que ali é meio velado, quando tem criança pequena, né? (Solange Berezuk)

Não, elas são estigmatizadas sim. Primeiro, mãe, qual é a mãe que nunca passou a noite inteira em claro? Mãe passa. Daí a gente trabalha com quê? Com imagem, né? Então a mãe que teve filho que engordou demais, no telejornalismo não, tá gorda demais, tá velha demais. E eu acho que já falei isso pra você e vou repetir: eu sou a telejornalista mais antiga que tá no ar no Paraná. (Alessandra Consoli)

Não, eu acho que é até o oposto, pois as mulheres que tem filhos já são mães, as que não tem ainda podem ter, então pelo ponto de vista do mercado, as empresas sempre vão olhar isso, tem a questão dos encargos para a empresa também. (Adriana Milczewsky)

As empresas acabam priorizando os benefícios que o/a funcionário/a proporcionará, a fim de manter a instituição no mercado com lucros constantes ou crescentes. Isto posto, os depoimentos de Adriana Milczewsky e Solange Berezuk despertam uma reflexão sobre o estigma da maternidade como um entrave também para as mulheres que não possuem filhos, mas que ainda podem tê-los, o que representaria uma interrupção de suas atividades laborais e, conseqüentemente, encargos para as instituições contratantes. Situações como essa evidenciam a importância da discussão de gênero que, na posição de Scott (1995, p. 88) “é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Poder esse contextualizado por Saffioti (2001, p. 85), como branco, masculino e adulto.

Nunca é demais afirmar: o poder é branco, masculino e adulto. Em outras palavras, subordinam-se ao macho branco e adulto mulheres, negros e não-adultos. Não se pode esquecer, porém, que se todo macho branco e adulto detém alguma parcela de poder em relação às mulheres, aos não-brancos e às crianças, a maioria dos homens brancos e adultos sofre a dominação de outros machos brancos e adultos, cujo poder deriva de sua pertinência às classes dominantes.

O Resultado da equação que calcula as relações de poder propõe que no topo da pirâmide social de dominação estão os homens brancos adultos de alto poder aquisitivo e é, principalmente, deles que vem a decisão sobre as condições de vida dos/as demais integrantes dessa organização verticalizada. A disposição verticalizada já sugere que as bases devem sustentar o topo, o que é realizado por meio da manutenção das estruturas sociais que subordinam os seres humanos, por meio da força de trabalho, de acordo com a cor de pele, classe social e gênero. Desse modo, as grandes corporações, presididas em sua maioria por homens portadores das características citadas, não vão se preocupar com as dificuldades particulares de cada trabalhador/a, mas com a produtividade que esse indivíduo representa para a

empresa, de modo que esses valores serão transmitidos para os gestores dos grupos de base até chegarem aos/às profissionais que movimentam a força de trabalho da instituição. Quando um/a funcionário/a decide priorizar seus interesses pessoais, inicia uma onda de críticas dos/as próprios/as colegas que se sentem injustiçados, pois a queda da produtividade de um/a será cobrada do restante da equipe que se incumbirá de recuperar essas supostas perdas.

E assim, como eu sempre deixei muito claro, inclusive fui muito criticada por isso, mas eu sempre deixei muito claro que a minha prioridade era a minha família, sempre deixei claro. Fui muito criticada por isso, muito, porque assim, ninguém entendia como é que uma repórter de rede vai priorizar a família, “menina, você tá louca, você vai perder essa função, vão tirar você do Jornal da BAND, vão fazer isso”, eu falei, “gente, eu consigo ser as duas coisas, mas quando eu tiver que escolher, meu filho tá no hospital e eu tô fazendo matéria, eu vou sair”. (Solange Berezuk)

O que os/as empresários/as não compreendem é que um ser humano que se realiza em âmbito pessoal e está ligado a outrem por laços afetivos, se sentirá, na maior parte das vezes, inspirado e incentivado a realizar com êxito a maior parte das tarefas do cotidiano. A visão de mundo também se modificará, de modo que poderá oferecer novas perspectivas e acrescentar valor às atividades realizadas coletivamente. No entanto, por não existir uma reflexão sobre os acréscimos a longo prazo que uma pessoa afastada temporariamente, para se dedicar aos seus interesses, pode proporcionar, cria-se uma esfera de competitividade que não beneficia nem a empresa, nem o/a funcionário/a, nem a sociedade em geral que está sempre limitada a propósitos medíocres de rivalidade, quando poderia estar crescendo pela cooperação e solidariedade.

Mas eu acho que o que mudou assim foi essa questão da maturidade até de dar valor pra outras coisas assim, desde cuidar mais de mim, a dar valor pro tempo que eu tenho hoje com a minha família, principalmente com o meu filho que antes disso era só trabalho que me importava, eu gostava muito disso, mas hoje em dia eu dou valor para outras coisas. (Francine Lopes)

E o legal de ficar na reportagem nesse tempo, porque eu fui crescendo como mãe, aprendendo com as reportagens e isso me ajudou em casa e a experiência com eles em casa complementou meu trabalho, então isso, mas muda mesmo, muda a maneira de você ver, fora que assim, em casos de tragédia, você vê uma mãe de maneira diferente, inclusive a mãe de uma pessoa que é acusada de bandido, que foi assassinada, de um usuário de drogas, de um alcoólatra. (Solange Berezuk)

As escolhas que muitas mães precisam fazer no mercado de trabalho se associam diretamente com a insegurança proporcionada pela competitividade, pois cria-se uma ideia de limitação e insuficiência, na qual os cargos são limitados, as

oportunidades são limitadas e há mais profissionais almejando uma posição na esfera laboral do que o universo do trabalho pode comportar, logo o indivíduo que apresentar um declínio em sua produtividade por motivos pessoais precisa realizar uma decisão entre se esforçar, dobrando a dedicação para alcançar os colegas, ou superá-los na busca por um cargo mais elevado, e se retirar do labor até ter condições de competir novamente ou permanecer no ambiente laboral correndo riscos de perder o emprego.

Depois que eu casei e que eu decidi ser mãe, eu acho que assim, eu tava no auge da minha carreira, na verdade eu já era repórter de rede na época, o que exige muito mais, mas quando eu resolvi ser mãe eu tive que abrir mão de algumas coisas, porque senão eu não conseguiria fazer as duas coisas ao mesmo tempo, então quando eu engravidei da minha primeira filha, eu já diminuí muito o ritmo, eu já acabei com os freelas e eu fiquei trabalhando só na emissora e na reportagem, apesar de ter tido sugestões até pra não, pra ser um trabalho melhor ficar dentro, numa redação, eu não quis, eu quis continuar na reportagem e assim foi até a minha filha nascer, depois eu engravidei do meu menino, foi mais ou menos a mesma coisa, eu fiquei na reportagem o tempo todo, eu não quis sair. (Solange Berezuk)

Eu acho que não existe responsabilidade materna ou paterna, existe responsabilidade de cuidado de filhos, independente se você é mãe, se você não é. Mas eu, particularmente, acho que se uma mulher resolveu ser mãe, ela tem que arcar com muita coisa, ela vai ter que abrir mão de muita coisa. (Alessandra Consoli)

Então eu vivia praticamente pro trabalho, não à toa conquistei o meu espaço assim no mercado de trabalho, mas, ao mesmo tempo, eu sempre tive o sonho de ser mãe, então quando eu engravidei em nenhum momento eu fiquei triste por saber que a minha carreira naquele momento teria que parar. (Francine Lopes)

Quando a profissional, que consolidou a maternidade recentemente, permanece no emprego e decide enfrentar a instabilidade proporcionada pela competitividade, percebe que é possível continuar se dedicando ao trabalho, seguir o ritmo da equipe e administrar o tempo, contudo essa permanência não é gratuita e, muitas vezes, custa a saúde física e mental, o tempo com os/as filhos e, principalmente, o tempo para cuidar de si e de seus interesses particulares, o que é um fator essencial para a manutenção da vida, do bem-estar e da felicidade. A vida dessa mulher acaba se resumindo a responsabilidades, pois não sobra tempo para outras ocupações.

Daí que eu acalmei meu coração, falei: “não, vou, vou conseguir”. O que eu percebi foi isso, de que sim, as jornalistas, até mesmo as que estão no vídeo, a maioria tem filhos e que dá pra conciliar. (Francine Lopes)

[...] a gente teve aí uma eleição completamente misturada com as questões da Lava-jato, uma influência grande na política brasileira, que eu fazia parte desde o início do processo, é uma responsabilidade muito grande, então essa

época da Lava-jato foi uma época que eu, inclusive, adoeci, tive uma gastrite assim, porque eu não conseguia conciliar as duas coisas, a pressão que era e as filhas pequenas. (Ana Cláudia Freire)

Contudo, pode haver uma justificativa, por parte das emissoras, de que a rotina de grande parte dos/as telejornalistas é de meio período, o que permite ao/a funcionário/a se dedicar mais aos seus interesses pessoais do que muitos/as profissionais que se dedicam ao labor em período integral. Entretanto, nesse meio laboral, o trabalho é executado também nos finais de semana, o que implica em duas formas de exploração, a rotina de trabalho, muitas vezes, sem período de descanso e o contrato de remuneração para meio período, mas uma rotina que excede diariamente o período estipulado em contrato. Por conseguinte, segundo a lei número 13.467 de 13 de julho de 2017, pode haver negociação do banco de horas por acordo individual entre o/a empregador/a e o/a empregado/a, sem intermediação de sindicato que represente o/a funcionário/a, logo a compensação das horas excedentes fica na dependência dos interesses dos/as patrões/patroas.

Agora você imagine, se é difícil pra mim que assim, sempre fui muito decidida e quando eu decidi que a minha prioridade era a minha família, eu decidi, tá decidido, agora você imagina quem está começando, que tem uma insegurança completa, tem medo de perder o emprego porque tem, porque pode acontecer, tem medo de perder o emprego, imagine como é que fica a cabeça dessa mulher pra trabalhar, ela não consegue trabalhar. (Solange Berezuk)

Eu vejo muito pouco representadas, quase nada. Nas empresas, por elas terem todo esse cuidado, tá muito nas costas delas, da criação dos filhos, sobrecarrega demais o lado profissional e elas acabam tendo que fazer escolhas. Escolhas que os pais geralmente não fazem porque a sociedade imprime a eles a responsabilidade pelo ganho de salário, quando na verdade o ganho de salário é dos dois e a responsabilidade dos filhos é dos dois. (Alessandra Consoli)

Quando a renda familiar depende dos salários tanto da mulher, quanto do homem, o medo de perder o emprego torna-se uma arma, reforçada por leis falhas de proteção aos/às trabalhadores/as, nas mãos dos/as empresários/as que podem exigir grandes sacrifícios de seus/as empregados/as sem ao menos remunerá-los adequadamente. Nesse cenário de opressão, as mulheres, que precisam equilibrar as responsabilidades da esfera social com a privada, acabam, muitas vezes, compreendendo o trabalho não como uma realização prazerosa que proporciona a independência, mas como uma extensão das funções exaustivas que precisa desempenhar durante a vida.

Há mulheres que encontram em sua profissão uma independência verdadeira; mas são numerosas aquelas para quem o trabalho "fora de casa" não representa no quadro do casamento senão uma fadiga a mais. Aliás, amiúde, o nascimento de um filho obriga-as a confinarem-se em seu papel de matrona; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade. (BEAUVOIR, 1967, p. 247)

A centralidade do trabalho interfere diretamente na relação mãe e filhos/as, especialmente no cenário telejornalístico que exige atenção e disponibilidade integral de dedicação. O tempo não é mais aproveitado, pois a tecnologia permite o acesso e controle permanentes, seja dos/as empregadores/as ou dos familiares, logo uma mãe que está passando o tempo com os/as filhos/as, mas respondendo, via celular, às mensagens de sua equipe profissional, não está verdadeiramente aproveitando o momento. Quando se compreende que a principal forma de educar é pelo exemplo, que exemplo as crianças e jovens estão recebendo quando visualizam os adultos trabalhando incessantemente a ponto de esquecerem de si próprios e dos/as outros/as?

A criança, o teu filho, segue o teu exemplo, então assim, "ai mãe, como é que você quer que eu não fale palavrão, você vive falando palavrão", por exemplo. Desarma você completamente, então assim, e não é fácil, não é fácil, porque todo mundo tem defeito, né? Todo mundo tem defeito, tem preconceito, tem sua maneira de ver as coisas. (Solange Berezuk)

Então eu acho que é função primordial da mãe, fora a questão toda do amor materno, do acolhimento, etc e tal, pra mim, no meu entender, é preparar um indivíduo, preparar o seu filho pra vida como alguém maduro, como alguém justo, como alguém que pode transformar a sociedade, como alguém que pode fazer diferença, como alguém equilibrado, entendeu? Então acho que essa é a função primordial. (Ana Cláudia Freire)

No entanto, o problema não se encontra somente na centralidade do trabalho, mas nas desigualdades de gênero decorrentes de uma sociedade patriarcal opressora e injusta. Uma sociedade configurada pela divisão igualitária de tarefas domésticas, possivelmente, retiraria parcialmente a sobrecarga suportada pelas mulheres e despertaria uma reflexão nos homens, que sobrevivem do próprio labor, sobre a importância de repensar todo o universo do trabalho.

Além de não se exagerar na dose de proteção à maternidade e ao trabalho feminino, é preciso voltar a enfatizar a necessidade da partilha. As crianças não são apenas filhas da mãe, mas também filhas do pai. Ao assumir a paternidade dos filhos, o homem estará partilhando a vida com a mulher. E isto não constitui apenas um dever; é, sobretudo, um direito (SAFFIOTTI, 2001, p. 84).

Todavia, compreende-se que o patriarcado e o capitalismo caminham lado a lado²⁷, logo a proposição de uma sociedade igualitária depende da reconfiguração de toda a base que sustenta a sociedade, isso inclui a dissolução de desigualdades definidas por classe, raça, gênero, sexualidade, dentre outros fatores de segregação, pois promover a igualdade em âmbitos selecionados, retoma a questão dos privilégios e continua reproduzindo injustiças.

²⁷ Embora acredite-se que o patriarcado antecede o sistema capitalista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O telejornalismo paranaense, como muitos setores do mercado de trabalho, está longe de alcançar a igualdade de gênero e, muito embora as mulheres encontrem oportunidades de ascensão e permanência no exercício das atividades laborais, igualdade contempla não somente a oferta de cargos similares, mas também as mesmas condições de trabalho. Isto posto, notou-se, a partir da análise do cenário telejornalístico e do conteúdo dos discursos proferidos pelas profissionais contribuintes desta pesquisa, que, como em muitos setores geridos pelas demandas do capital, há uma divisão sexual do trabalho ainda sólida e resistente às lutas por equidade, bem como a presença indubitável de valores patriarcais que permeiam não somente as relações sociais do ambiente laboral, mas também a rotina doméstica das mães que compõem esse cenário.

Embora tenhamos percebido uma atitude otimista, por parte das entrevistadas, e a legitimação, na análise dos dados coletados, de oportunidades de ascensão tanto para as mulheres sem filhos, quanto para as mães, o cenário ainda favorece os homens e não apresenta um direcionamento para a equidade, mesmo nos ambientes chefiados por mulheres, pois por mais que as equipes contratem mais mulheres, dentre elas as que são mães, as condições de trabalho não são as mesmas em relação àquelas designadas aos homens quando se envolve elementos como peso, idade e responsabilidades do âmbito privado.

Compreendendo que dos/as 34 profissionais que apresentam os telejornais no Paraná, apenas 7 são mulheres e, dentre elas, somente 3 são mães, deve-se questionar o porquê das mulheres, sobretudo as mães, não ocuparem, de maneira equitativa, os cargos de visibilidade, em uma profissão na qual na qual a imagem é primordial para a transmissão das informações que atingem boa parte dos lares em todo o Estado.

Por conseguinte, pode-se compreender que as mulheres telejornalistas paranaenses entrevistadas seguem mais ou menos os padrões: euro-descendente, de classe média, casadas, que consolidam a maternidade por volta dos trinta anos, ocasião na qual contam com o companheiro, mas nas situações do cotidiano que envolvem os/as filhos/as, contam com uma rede de apoio composta, principalmente, pela avó materna das crianças.

Buscamos, com esta pesquisa, analisar os impactos da maternidade no desenvolvimento profissional das mulheres telejornalistas paranaenses e percebemos que, como em muitas profissões ainda prevalece a desigualdade decorrente da divisão sexual do trabalho que beneficia os homens e dificulta o progresso das mulheres. A maternidade, principalmente nas fases iniciais, impacta diretamente na produtividade das mulheres telejornalistas por carregar valores patriarcais que responsabilizam o sexo feminino pelos cuidados com os/as filhos/as e pelas atividades domésticas, logo as mães profissionais dessa área acabam necessitando realizar escolhas entre a ascensão na carreira e, até mesmo, a permanência ou a dedicação às necessidades da esfera privada. Embora, dentre as contribuintes, apresentem-se exceções, a maior parte delas necessita de uma sólida rede de apoio para permanecerem investindo na carreira.

Desse modo, a trajetória profissional das jornalistas entrevistadas é de muita luta e sacrifícios, abdicando, principalmente, tempo para se dedicarem aos interesses particulares, pois tanto o trabalho quanto os cuidados familiares são integrais e não sobra tempo para o lazer e divertimento. Isto posto, as profissionais percebem sim terem ocorrido mudanças significativas nas trajetórias profissionais das mulheres após a consolidação da maternidade, resultando, inclusive, em demissões por queda na produtividade.

As profissionais apresentaram percepções análogas em todas as temáticas exploradas e, díspares em algumas no que diz respeito a maternidade, permitindo uma análise crítica tanto do meio laboral específico tanto do universo do trabalho regido por valores patriarcais que comandam as desigualdades de gênero ainda presentes em nosso cotidiano. Dessa forma, foi possível obter êxito na busca por explorar tanto o objetivo central quanto os específicos propostos no capítulo inicial deste trabalho.

O cenário do telejornalismo, embora se apresente ao público externo como referência de credibilidade e transmissão de informações úteis para a população, ainda carrega muitos elementos opressivos que precisam ser revistos. O principal deles é a rotina escravizante, a qual exige um tempo de dedicação que sobrepõe todos os outros âmbitos da vida de um ser humano, de modo que, na busca pela ascensão que permita uma parcial (ao menos financeira que permita aliviar as tarefas domésticas por meio da contratação de terceiros/as) libertação, as mães acabam perdendo momentos importantes com seus/as filhos/as, oportunidades de lazer,

descanso e, muitas vezes, até a saúde. A partir dessas percepções, desperta-se o questionamento: é mesmo necessário se dedicar tanto ao trabalho?

Quando foi que paramos de dançar, de sair, de tirar um tempo somente para o lazer, para nos dedicarmos a quem amamos ou a nós mesmos/as, sem interferências de problemas ou preocupações com finanças ou trabalho? Quando foi que a expressão da arte, da escrita ou de tarefas que realizamos para desenvolver nossa criatividade e gerar satisfação se tornou obsoleta? Quando foi que o trabalho se tornou a prioridade de nossas vidas, capaz de nos retirar de nossos lares, muitas vezes, sem retorno no mesmo dia e que nos afasta de dedicar o tempo aos nossos interesses individuais?

Quando Pierre Proudhon (1975) apresenta seus argumentos com base nas frases “propriedade é roubo” e “escravatura é o assassinio”, penso que render-se ao sistema atual, sem ao menos questioná-lo, é a liberação do próprio latrocínio, pois nossa jornada de trabalho acaba nos tornando propriedade dos/as nossos/as empregadores/as ao exigir cada vez mais dedicação e sobreposição às nossas próprias necessidades, o que é uma forma atual de escravização, que nos priva tempo de lazer, de contato familiar, de diversão com os/as filhos/as e, principalmente, de nos dedicarmos a nós mesmos/as.

Esse tempo que deixamos de compartilhar com quem amamos para nos dedicarmos ao mercado, acaba nos fazendo perder momentos importantes de aprendizagem e afetividade que, muitas vezes, nos torna enrijecidos por estarmos, na maior parte do tempo, convivendo com situações de interesses materiais e falta de empatia. O tempo perdido nos faz sentir, muitas vezes, quando o enrijecimento não se tornou insensibilidade, saudosos/as e culpados/as por não termos nos dedicado aos nossos entes queridos e, até mesmo, a nós mesmos/as. Esta percepção ficou evidente nos depoimentos das telejornalistas que, tão gentilmente, dedicaram um pouco de seu escasso tempo para concederem as entrevistas e, assim, permitirem que essa pesquisa fosse realizada.

Minha filha, Victoria Quaesner, de quatro anos, quando questionada se era feliz, me disse que sim, justificando que se sente assim porque ama todas as pessoas. Ao ver duas crianças negras na internet, exclamou o quanto as achava lindas e o quanto as amava, sem ao menos conhecê-las. Ela me faz refletir e compreender que o preconceito, a falta de empatia, a insensibilidade e a indiferença não nascem conosco, é a vivência em sociedade opressora, sem questioná-la, sem buscar

recursos para mudá-la, que nos torna cúmplices de uma série de injustiças e regressos.

Quais são esses recursos? Como mãe, penso que o exemplo e a educação baseada em respeito, amor, cooperação, encorajamento e evidenciação das qualidades são passos importantes para iniciar a mudança. Como pesquisadora, penso que tentar estimular a reflexão no máximo de pessoas que for possível, por mais que seja difícil, por mais que seja penoso, é primordial. Já como ser humano, penso que disseminar o amor, o respeito, cuidar, refletir, ter empatia e se aliar a pessoas que também buscam a mudança são os principais recursos. O mundo está doente com a indiferença e a ignorância, a ganância e o egoísmo, o desrespeito e o preconceito e não adianta dar um antitérmico para resolver um câncer, precisamos tratar as causas dessa doença e curá-la, das formas menos agressivas, preservando, acima de tudo, a vida.

A maternidade gerou impactos nas carreiras profissionais das jornalistas participantes desta pesquisa, entretanto, em nenhum momento, elas demonstraram qualquer forma de arrependimento por terem se tornado mães, de modo que, inversamente, todas manifestaram imensa satisfação e felicidade com a maternidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária? In: HIRATA Helena, SEGNINI Liliana (organizadoras). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. (Série Trabalho e Sociedade).

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. 1947. Disponível em: https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialectica_esclarec.pdf. Acesso em: novembro de 2018.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Maternidade no currículo. 2018. In: **Revista Pesquisa FAPESP**. Ed. 268. São Paulo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARAUJO, Cristina Almeida de. **O impacto da maternidade na carreira da mulher**. 2017. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - MBA Executivo em Gestão Estratégica e Econômica de Recursos Humanos. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2017.

AZEVEDO, Mariana Corrêa de. Horizontes epistemológicos para o estudo da família contemporânea: psicanálise, feminismo e subjetividade. In: I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR. 2009. "**Sociedade e política em tempos de incerteza**". Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoI/horizontes-epistemologicos-Mariana-Correa-Azevedo.pdf>. Acesso em: agosto de 2018.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 2.ed. Minas Gerais: Nova Fronteira, 1980.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70: Lisboa / Portugal, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. In: **Aletheia** (38-39), 2012.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA e SOUZA, Ângela Maria Freire de. Violência simbólica de gênero em duas universidades brasileiras. In: WANZINACK, Clóvis;

COSTA, Altino et al. **Grande Dicionário Enciclopédico Novo Brasil**. São Paulo: Novo Brasil, 1980.

COSTA, Cláudia de Lima. O leito do procasto. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 141-174, 1994.

COWAN, Ruth S. (1999). The industrial revolution in the home. In MacKenzie, D. e Wajcman, J. (eds) **The Social Shaping of Technology**. Philadelphia: Open University Press, pp 161-176.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução de Leandro Konder. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1984.

FERREIRA, Fernanda Silva. O impacto psicológico nas mães pelo nascimento de uma criança com Síndrome de Down. In: **Psicologia.pt: Portal dos Psicólogos**. 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2009. 3.ed. Porto Alegre. Artmed.

FREUD, Sigmund. (1974). **Totem e tabu**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913)

FREUD, Sigmund. (1974). **O ego e o Id**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923)

FREUD, Sigmund. (1974). **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923)

FREUD, Sigmund. (1974). **A dissolução do complexo de Édipo**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924)

FREUD, Sigmund. (1974). **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925)

FREUD, Sigmund. (1974). **Sexualidade Feminina**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1931)

FREUD, Sigmund. (1974). **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1950)

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2007.
GIMENES, Antonia Maria; CALEIRO, Fernanda Mendes; SOUZA, Simone Felix de. Os impactos da maternidade sobre o trabalho: uma visão dos empregadores e das mães. In: **Revista INESUL**. Vol. 34. Londrina, 2015.

HABIB, Lia. **Jornalista: profissão mulher**. São Paulo: Sapienza Editora, 2005.

HIRATA, Helena. **Gênero, patriarcado, trabalho e classe**. Trabalho Necessário, ano 16, n. 29, p. 14-27, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/viewFile/4552/4195>>. Acesso em: novembro de 2018.

HIRATA, Helena. Globalização e a divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos Pagu** (17/18), 2001/02, p.139-156. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf>. Acesso em: junho de 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da divisão sexual do trabalho**; In Cadernos de Pesquisa. Vol. 37, n.132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: setembro de 2017

JUNG, Carl Gustav. **Versuch einer Darstellung der psychoanalytischen**. New York: University of Michigan Library. 1913.

JUNG, Carl Gustav. Volume 9/1: Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 1976.

JUNG, Carl Gustav. Volume 8/2: **A natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

KOWALSKI, Kalyane Marie Micaloski; QUAESNER, Giselle. **A inserção da mulher no mercado da comunicação telejornalística paranaense**. 2015. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, Betina, Stefanello. **O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física**. Revista Estudos Feministas. vol. 21, nº 3, Florianópolis, set./dez.2013. p. 883-903. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n3/07.pdf>. Acesso em setembro de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

LUBAR, Steven (1998). Men/Women/Production/Consumption. In: MOHUN, Arwen and HOROWITZ, Roger. **His and Hers: Gender Consumption, and Technology**. Charlottesville: University Press of Virginia, pp.7-37. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=F7z6Gcmh4cEC&pg=PA25&lpg=PA25&dq=Men/Women/+Production/Consumption&source=bl&ots=Ct_UOmayZD&sig=sDTkUv6KoAS4xXHb34N2lq2tiks&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwj5zqPL99PSAhXLIZAKHQKcBd4Q6AEIGjAA#v=onepage&q=Me%2FWomen%2F%20Production%2FConsumption&f=false. Acesso em junho de 2017.

LUZ, Nanci Stancki da Luz; GITHAY, Leda. **Divisão sexual do trabalho e profissões científicas e tecnológicas no Brasil**. In: Entrelaçando Gênero e Diversidade: matizes da divisão sexual do trabalho. (no prelo)

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política: Volume I, Livro Primeiro, Seção III, Capítulo 8**; tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTICELI, Thays Almeida. Cuidado e poder: as relações do trabalho doméstico remunerado através da cultura doméstica. In: TAMANINI, Marlene; et al. **O cuidado em cena: seus desafios políticos, teóricos e práticos**. 2017.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. In **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, mai./ago. 2004, p. 219-227. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08>. Acesso em: agosto de 2018.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PAZELLO, Elaine Toldo. A Maternidade Afeta o Engajamento da Mulher no Mercado de Trabalho?: Um Estudo Utilizando o Nascimento de Gêmeos como um Experimento Natural. In: **Revista Estudos econômicos**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 507-538, jul./set., 2006.

PROUDHON, Pierre Joseph. **O que é a propriedade?** Tradução de Marília Caeiro. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

RODRIGUES, Cintia; SAPUCAIA, Mônica. Proteção à maternidade: uma reflexão sobre apaziguamento e sedimentação das desigualdades entre homens e mulheres. In: **Revista da ABET**, v. 15, n. 1, 2016.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Émile ou De l'éducation** (1762). Paris: Garnier, 1961, 664 pg.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2001.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Da crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?**. X Encontro da REDOR. Salvador, 2001.

SIGNORELLI, Marcos Claudio. **Violência, gênero e diversidade**: desafios para a educação e o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação, 2015.

SILVA, Maria Cristina Rocha; GUSMÃO, Fábio Alexandre Ferreira. Os impactos da maternidade precoce sobre o desempenho escolar das adolescentes brasileiras: uma análise das pesquisas de 1995 a 2015. In: **10 Encontro internacional de formação de professores**. 11 Fórum permanente internacional de inovação educacional.

SILVA, Roberta Viegas. Maternidade e Mercado de Trabalho – avanços possíveis. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, fevereiro/2016 (**Boletim Legislativo no 42, de 2016**). Disponível em: www.senado.leg.br/estudos. Acesso em agosto de 2018.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

TAMANINI, Marlene. Para uma epistemologia do cuidado: teorias e políticas. In: TAMANINI, Marlene; et al. **O cuidado em cena: seus desafios políticos, teóricos e práticos**. 2017.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. **O que são os direitos humanos das mulheres?** Brasília: Editora Brasiliense, 2006.

TRONTO, Joan Claire. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR Alison M. e BORDO, Susan R. P. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 186-204.

WINNER, Langdon. (1986). Do artifacts have politics? In: Mackenzie, Donald & Wajcman, Judy. **The Social Shaping of Technology**. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, tradução para o português: <http://www.necso.ufrj.br/Trads/Artefatos%20tem%20Politica.htm>. Acesso em: junho de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Quadro geral e questionário

QUADRO GERAL

Idade	
Quantos/as filhos/as	
Idade dos/as filhos/as	
Renda familiar	
Raça / etnia	
Estado civil	
Tempo de trabalho no telejornalismo	
Idade que se tornou mãe	
Companheiro/a na ocasião?	
Tem alguém que ajude nos cuidados com os/as filhos/as?	

ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

1. Você poderia resumir sua trajetória pessoal e profissional até o presente momento?
2. Descreva resumidamente sua rotina diária (trabalho e após o trabalho).
3. Em qual estágio de sua carreira se tornou mãe?
4. Mudou algo desde então?
5. Em uma profissão que exige tanto comprometimento com a rotina do trabalho, como consegue conciliar os cuidados maternos / paternos?
6. Quais responsabilidades considera maternas?
7. Quais considera paternas?
8. Na hierarquia dos cargos, como você vê a posição das mães?
9. E dos pais?
10. Você acha que as mães telejornalistas são estigmatizadas no mercado por sua condição, ou as oportunidades são as mesmas que para as jornalistas que não possuem filhos?
11. Em relação aos pais, isso ocorre da mesma forma?
12. Você já teve que sair do seu ambiente de trabalho para resolver situações envolvendo cuidados com os filhos?

13.(Se sim) Foi fácil conseguir a liberação?

14.(Se não) Quando ocorre problemas dessa natureza, quem resolve?

15.O que faria de diferente se voltasse no tempo em que foi mãe?

16.Que tipo de sacrifício você teve que fazer em nome da beleza?